

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Guilherme Corrêa de Freitas

**O diário do quarup:
Antonio Callado e o Xingu**

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Rio de Janeiro
Junho de 2022



Guilherme Corrêa de Freitas

**O diário do quarup:
Antonio Callado e o Xingu**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz
Orientador
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Vera Lucia Follain de Figueiredo
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Eduardo Jardim de Moraes
Pesquisador autônomo

Profa. Beatriz Vieira de Resende
UFRJ

Prof. Paulo Roberto Pires de Oliveira Junior
UFRJ

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Guilherme Corrêa de Freitas

Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001-2005). Mestre pelo Programa Erasmus Mundus - Crossways in European Humanities (2007-2009), da União Europeia, em consórcio formado pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal), pela University of Saint Andrews (Escócia) e pela Université de Perpignan (França), com pesquisa sobre literatura latino-americana pós-ditatorial. Tem experiência profissional em jornalismo desde 2005, com ênfase em jornalismo cultural. Trabalhou como repórter da seção de livros e literatura do jornal *O Globo* entre 2009 e 2016. Desde 2016, é editor-assistente da revista *serrote*, publicada pelo Instituto Moreira Salles, e professor do curso de Jornalismo da ESPM-Rio.

Ficha Catalográfica

Freitas, Guilherme Corrêa de

O diário do quarup : Antonio Callado e o Xingu / Guilherme Corrêa de Freitas ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2022.
226 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Antonio Callado. 3. Arquivo. 4. Escrita. 5. Viagem. 6. Xingu. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Agradecimentos

Renato Cordeiro Gomes foi meu primeiro orientador no doutorado. Tivemos menos tempo juntos do que eu gostaria, mas o prazer com que ele conduzia as aulas e as conversas me ajudou a reencontrar a alegria da pesquisa depois de 10 anos longe da universidade, e serei sempre grato a ele por isso.

Júlio Diniz me recebeu num momento difícil e fez o que de melhor se pode esperar de um orientador: me ajudou a encontrar o caminho até a conclusão deste trabalho, com atenção, generosidade e intervenções sempre precisas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E com apoio de outra instituição pública essencial para a pesquisa no Brasil, a Fundação Casa de Rui Barbosa, que, contra muitas adversidades, mantém os arquivos de Antonio Callado e outros escritores e intelectuais. Agradeço a Eduardo Luiz de Barros Ribeiro, Luis Felipe Dias Trotta, Rosângela Florido Rangel, Claudio Vitena e toda a equipe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira pelo atendimento zeloso e por permitirem que esta pesquisa continuasse mesmo durante a pandemia.

Guardiã incansável da obra de Callado, Ana Arruda Callado foi uma apoiadora de primeira hora desta pesquisa, com informações preciosas sobre a relação dele com o Xingu e a concessão de acesso irrestrito ao seu acervo na Casa Rui. Agradeço também a Tessy Callado, pelo incentivo no início do trabalho, e a Julio Callado, pelo envio das imagens do arquivo de família.

Ao longo do doutorado, os cursos de Karl Erik Schollhammer, Marília Rothier Cardoso, Luiz Camillo Osorio e Fred Coelho e a troca de ideias com os colegas de turma trouxeram novas perspectivas para este trabalho. Na banca de

qualificação, Vera Lucia Follain de Figueiredo e Beatriz Resende me sugeriram olhar mais de perto o diário de Callado, o que ajudou a colocar a pesquisa numa nova rota. Fico feliz que elas retornem para a banca final junto com Eduardo Jardim, que antes mesmo do início do doutorado me incentivou a reler Callado.

A Paulo Roberto Pires eu agradeço pela conversa contínua sobre os assuntos que de fato interessam na vida. Devo a essas conversas, que começaram há uns 20 anos e agora incluem até uma banca de doutorado, mais do que eu seria capaz de resumir aqui.

A pesquisa sobre o Xingu, que começou no doutorado, transbordou para meu trabalho no Instituto Moreira Salles. Agradeço a Flávio Pinheiro, Luiz Fernando Vianna, Luiza Silvestrini e Claudio Antonio pela parceria na realização do podcast *Xingu: terra marcada*, em 2021. Kamikia Kisedje e Takumã Kuikuro se juntaram à equipe do podcast durante a pandemia e viraram do avesso o que eu achava que sabia sobre o Xingu.

Ao longo do último ano, Takumã tem sido meu parceiro no projeto de uma exposição no IMS e, mais do que isso, meu professor de Xingu. A ele se juntou nos últimos meses Yamalui Kuikuro, pesquisador e contador de histórias. Em maio de 2022 eles me receberam na aldeia Ipatse e mostraram, na prática, como funciona a hospitalidade xingwana de que eu tanto tinha ouvido falar. Por esses dias inesquecíveis, agradeço também a Camilo Kuikuro, Daniel Kuikuro, Jakalo Kuikuro, Kisuagu Regina Kuikuro, Kuiaitsi Bob Kuikuro, Lalati Dunga Kuikuro, Rikatuá Kuikuro, Sepé Kuikuro, Yawaku Kaminaigo Carlota Kuikuro e Tapi Yawalapiti.

À equipe da exposição que embarcou nessa viagem – Daniel Trench, Juliana Prado Godoy e Marina Frúgoli – agradeço pela companhia, pela disposição (um salve para a Viação Xavante!) e pela inteligência e sensibilidade com que se aproximaram do Xingu.

Esta pesquisa, como tudo o mais que me aconteceu nos últimos 11 anos, foi acompanhada de perto por Marcéli Torquato, a quem agradeço pelo apoio em todos os momentos e pela parceria de vida, que mudou para poder continuar.

Agradeço a meus pais, Ana e Jeter, e a minhas irmãs, Beatriz e Fernanda, por estarem sempre por perto. E à Rosa, por ter vindo.

Resumo

Freitas, Guilherme Corrêa de. Diniz, Júlio Cesar Valladão (orientador). **O diário do quarup: Antonio Callado e o Xingu.** Rio de Janeiro, 2022. 226 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objeto central desta tese é o diário da viagem que Antonio Callado fez ao Xingu em julho de 1956, documento descoberto durante pesquisa nos arquivos do escritor na Fundação Casa de Rui Barbosa. Naquela ocasião, a serviço do jornal *Correio da Manhã*, Callado testemunhou pela primeira vez o quarup, ritual xinguano de homenagem aos mortos que, na década seguinte, viria a figurar como uma das imagens centrais de seu romance *Quarup* (1967). A partir do diário, a tese reconstitui a viagem de 1956, situando-a no quadro mais amplo da relação que Callado manteve por décadas com o Xingu, e investiga seu papel na campanha pelo Parque Indígena do Xingu, criado em 1961, marco de sua militância de toda vida em defesa dos direitos indígenas. Além disso, coteja o diário com a reportagem que ele publicou sobre o ritual e com o romance *Quarup*, analisando aspectos marcantes de sua obra, como as relações entre viagem e escrita e o trânsito produtivo entre jornalismo e ficção. Por fim, em um diário mantido pelo autor da tese durante viagem ao Xingu, discute impasses da representação de povos e culturas indígenas por intelectuais não indígenas.

Palavras-chave

Antonio Callado; arquivo; escrita; viagem; Xingu

Summary

Freitas, Guilherme Corrêa de. Diniz, Júlio Cesar Valladão (advisor). **The quarup diaries: Antonio Callado and Xingu**. Rio de Janeiro, 2022. 226 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The central object of this thesis is the diary of Antonio Callado's trip to the Xingu region in July 1956, a document discovered during research in the writer's archives at Fundação Casa de Rui Barbosa. On that occasion, at the service of the *Correio da Manhã* newspaper, Callado witnessed for the first time the quarup, a Xingu ritual to honor the dead that, in the following decade, would appear as one of the central images of his novel *Quarup* (1967). Based on the diary, the thesis reconstructs the 1956 trip, placing it within the broader framework of the relationship that Callado maintained for decades with the Xingu, and investigates his role in the campaign for the Xingu Indigenous Park, created in 1961, a highlight of his lifelong militancy in defense of indigenous rights. In addition, it compares the diary with the article he published on the ritual and with the novel *Quarup*, analyzing central aspects of his work, such as the relationship between travel and writing and the productive transit between journalism and fiction. Finally, in a diary kept by the author of the thesis during a trip to the Xingu, it discusses the impasses in the representation of indigenous peoples and cultures by non-indigenous intellectuals.

Keywords

Antonio Callado; archive; writing; travels; Xingu

Sumário

1. Introdução	10
2. Callado no Xingu	15
2.1. Crônica de cinco viagens: 1952-1988	
2.2. História de um caderno: o quarup de 1956	
2.3. Um embaixador da República do Tuatuari	
3. Do quarup a <i>Quarup</i>	58
3.1. “Colho muito material fora de mim mesmo”: viagem, arquivo, escritas	
3.2. “Não sou um praticante de literatura pura”: jornalismo e ficção	
3.3. Do caderno ao romance (via jornal): informação e descrição	
4. Relendo Callado no Xingu	97
4.1. Diário de uma outra viagem: 2022	
5. Considerações finais	129
6. Apêndices	133
6.1. “Xingu, julho 1956”: transcrição do diário de viagem de Callado	
6.2. Fac-símile do diário de viagem de Callado	
6.3. Caderno de imagens	
7. Bibliografia	217

*Quando o Brasil em geral fica difícil de aturar,
eu fecho os olhos um instante e me refugio
no pedaço do Brasil onde corre o Tuatuari.*

Antonio Callado

Introdução

Quando Antonio Callado ouviu pela primeira vez “Foi um rio que passou em minha vida”, o hino de Paulinho da Viola em homenagem à Portela, não foi na escola de samba que ele pensou. “Imediatamente vi diante de mim”, lembrou muitos anos depois, “meu rio de estimação, um dos grandes do Brasil, o Xingu. Passou pela minha vida em determinado momento e dela não saiu mais”. A recordação está num texto que Callado escreveu em 1995 a pedido da *Folha de S.Paulo*. O jornal planejava lançar uma coleção de guias turísticos sobre localidades brasileiras e convidou alguns de seus principais colunistas a redigir uma breve apresentação para cada volume. Coube a Callado falar do Xingu. O projeto da *Folha* não saiu do papel, e o prefácio permaneceu inédito nos arquivos do escritor, hoje abrigados na Fundação Casa de Rui Barbosa. Intitulado “A veia do rio Xingu”¹, o texto mostra o autor aos 78 anos, decano da imprensa brasileira e romancista consagrado, revisitando sua história com a região. Ele visitou o Xingu várias vezes a partir da década de 1950, depois de voltar de um período na Europa com “uma verdadeira sofreguidão, a de conhecer direito o Brasil, e uma convicção, a de que o Brasil, como o samba de que fala Noel Rosa, não se aprende no colégio”. Com o material reunido nessas viagens, escreveu reportagens sobre os povos xinguanos e as relações entre eles e os não indígenas que lá chegaram nos anos 1940 com a Expedição Roncador-Xingu, liderada pelos irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Bôas. Também abordou essas questões em livros de ficção, como seu romance mais conhecido, *Quarup*, de 1967. Mais do que sua obra, porém, o que Callado revisita nesse breve texto é o sentimento de ter acompanhado de perto o processo que desencadeou a primeira grande demarcação de terra indígena no Brasil, “o majestoso Parque Indígena do Xingu”, que hoje é o coração do Território Indígena do Xingu, onde vivem povos de 16 etnias. Tudo isso, resume Callado, “transformou em veia de minha vida a verde corrente do Xingu”.

¹ CALLADO, Antonio. “A veia do rio Xingu”, datiloscrito mantido no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, código AC-PI 68. Nas notas, os itens do arquivo de Callado serão indicados por título e código de catalogação.

Esta pesquisa começou, em 2018, com foco nas viagens de Callado pelo Brasil e em como elas ajudaram a construir a visão de país que o escritor expressa em seus textos. Mas a imersão nos arquivos de Callado logo revelou uma profusão de materiais relativos ao Xingu: diários, cadernos, anotações e textos inéditos, como o prefácio para o guia da *Folha*, que formam um conjunto mais numeroso e significativo do que os relativos a todas as outras regiões que o escritor visitou. O Xingu aparece na obra de Callado ao longo de cinco décadas, desde o livro-reportagem *Esqueleto na lagoa verde*, de 1953, até crônicas dos anos 1990, passando pela peça teatral *Frankel*, de 1955, e a novela *A expedição Montaigne*, de 1982, além de *Quarup*, entre muitos outros textos. O que os arquivos demonstram é que a veia do rio Xingu corre ainda mais fundo na sua obra do que pode parecer.

Essa constatação foi reforçada pela descoberta nos arquivos de Callado de um diário que ele manteve durante uma viagem realizada entre 19 e 26 de julho de 1956. A serviço do *Correio da Manhã*, desembarcou no posto Capitão Vasconcelos, do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com um grupo de jornalistas, pesquisadores e autoridades. Convidados pelos Villas Boas, iam acompanhar o quarup, ritual de celebração dos mortos tradicionalmente realizado todo ano entre povos xinguanos. Foi a primeira vez que Callado testemunhou o ritual que, anos mais tarde, daria nome ao seu romance mais festejado. No período em que esteve na aldeia, ele escreveu com regularidade em um caderninho de 80 páginas. Registrou suas expectativas e incertezas, anotou observações sobre as culturais locais e fez planos para o texto que publicaria no jornal na volta ao Rio, ainda no final de julho. O cotejo do diário com a reportagem revelou várias semelhanças, como era de se imaginar numa situação como essa, em que o repórter usa anotações de uma viagem recente em seu trabalho. Mas a surpresa maior veio do cotejo entre o caderno e o romance: trechos inteiros do diário reapareciam praticamente sem alterações em *Quarup*, lançado mais de dez anos depois. Convencido da importância do documento, pedi autorização à jornalista Ana Arruda Callado, herdeira do escritor, para digitalizá-lo, em agosto de 2019 – o que se mostrou essencial para a continuidade do trabalho pois, devido à

pandemia, a Casa Rui permaneceu fechada para pesquisadores por quase dois anos, a partir de março de 2020.

Assim, a pesquisa que começou com um olhar abrangente sobre as viagens de Callado pelo Brasil terminou por se concentrar em uma viagem decisiva ao Xingu. Decisiva não só pelo primeiro contato com o quarup, mas também por tudo que ela permite discutir a respeito da obra de Callado e de outras questões, como a representação de povos indígenas na literatura brasileira e a história da luta pelos direitos indígenas no país. A tese aborda esses temas em três partes, sempre relacionadas ao diário de 1956.

A primeira parte, intitulada “Callado no Xingu”, descreve sua viagem para acompanhar o quarup na aldeia do povo Yawalapiti, próxima ao posto do SPI, e situa esse episódio na longa relação do escritor com a região, que envolveu uma série de visitas realizadas entre as décadas de 1950 e 1980. Para isso, além do caderno de 1956, recorre a uma variedade de outros textos de Callado, como publicações na imprensa, livros, entrevistas, cartas e escritos pessoais, que dão conta de sua atuação no Xingu ao longo da vida. Esta seção também parte de uma questão com a qual Callado se debate ao fim daquela viagem – “Vamos deixar tudo isso desaparecer?” – para lançar novas luzes sobre o papel que ele desempenhou na campanha pública pela criação do Parque Indígena do Xingu, oficializada em 1961, e na defesa dos direitos indígenas pelas décadas seguintes.

A segunda parte, “Do quarup a *Quarup*”, mostra os resultados do cotejo entre o diário de 1956, a reportagem do *Correio da Manhã* e o romance. E toma esse cotejo como mote para discutir aspectos marcantes da produção de Callado, como a relação entre viagem e escritas e o trânsito entre diferentes registros e linguagens, como as do jornalismo e as da ficção. Com frequência a recepção crítica da obra de Callado apontou a presença do elemento jornalístico como um problema, ou como uma limitação inicial superada quando ele abandonou o trabalho diário na imprensa, opinião que chegou a ser compartilhada pelo próprio escritor. Aqui buscaremos uma leitura de Callado como autor de um conjunto heterogêneo de textos – notas de viagem, reportagens, crônicas, peças de teatro, romances – que se comunicavam e se alimentavam, dando corpo a uma obra de

grande força e originalidade, não apesar desse trânsito e sim em consequência dele.

A terceira parte, “Relendo Callado no Xingu”, traz o diário de uma viagem de trabalho que fiz em maio de 2022 para a aldeia Ipatse, do povo Kuikuro, levando na mochila uma transcrição do diário de 1956 e um exemplar de *Quarup*. O roteiro incluiu uma visita a uma aldeia do povo Yawalapiti próxima daquela onde o escritor testemunhou o quarup. Ao longo de 10 dias, registrei em um caderno os acontecimentos da viagem e também reflexões sobre o trabalho de Callado, repensado à luz de minhas próprias experiências no Xingu. A partir do encontro com descendentes de líderes xinguanos retratados por Callado em seus textos, o diário discute impasses e possibilidades das relações entre intelectuais brancos e indígenas, no passado e no presente.

Esta tese começa em um arquivo no Rio de Janeiro e termina em uma aldeia no Xingu. O movimento de retornar aos escritos de Callado e reinseri-los no presente só é possível graças à preservação do acervo do autor na Fundação Casa de Rui Barbosa, instituição que representa uma ideia de cultura e de política em xeque nos dias atuais. Assim, esta pesquisa reflete a importância da preservação adequada de arquivos literários e do trabalho com essas fontes, que abrem possibilidades de novas leituras ao longo do tempo. Para colaborar com futuras iniciativas nesse campo, a tese inclui a transcrição e o fac-símile do diário de Callado, além de uma seleção de imagens e reproduções de documentos relacionados à pesquisa. Entre os itens inéditos ou pouco conhecidos do arquivo do escritor que foram importantes para este trabalho, além do caderno de 1956, estão diários e relatos de outras viagens ao Xingu, um caderno com esboços da composição de *Quarup* e um conjunto expressivo de cartas de Orlando Villas Boas para Callado. E há muito mais à espera de pesquisadores nos acervos do escritor na Casa Rui.

Arquivos não são um conjunto estanque de documentos, nem um depósito de enunciados. São dispositivos para uma prática “que faz surgir uma multiplicidade de enunciados”, escreve Foucault: a pesquisa no arquivo é “o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma

massa amorfa [,] mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas”². Revisitar o arquivo de Callado significa movê-lo para buscar novas leituras, colocá-lo em relação com outros textos e outras perspectivas. Por se tratar do arquivo de um intelectual branco que se dedica a observar, descrever e narrar o Xingu, será fundamental também colocá-lo em relação com aquilo que *não está escrito* e que foi em grande parte apagado e deixado invisível nos arquivos da história brasileira: a perspectiva dos indígenas sobre o contato com os brancos. Além disso, percorrer o arquivo de Callado em busca de sua relação com o Xingu é reposicionar o escritor no cenário da literatura brasileira e na história da luta pelos direitos indígenas no país. É dar a ler um outro Callado.

Em seus romances, reportagens, crônicas e peças de teatro, ao longo da segunda metade do século XX, Callado foi um obstinado cronista de nossos males históricos: denunciou a persistência da desigualdade social, a perseguição aos desfavorecidos, o autoritarismo dos governantes, a gula das elites nacionais. A descoberta do diário de sua viagem ao Xingu em 1956 ilumina um aspecto de seu trabalho especialmente relevante hoje, numa época de recrudescimento dos ataques aos indígenas no Brasil, que veem seus direitos, suas culturas e sua própria sobrevivência mais uma vez em xeque. O rio que passou na vida de Callado continua a correr, e quem pensa nele hoje não pode deixar de se fazer a mesma pergunta que ele se fez naquela viagem: “Vamos deixar tudo isso desaparecer?”

² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019, p. 158-159.

Callado no Xingu

Em 19 de julho de 1956, Antonio Callado embarcou para uma viagem que mudaria o rumo de sua carreira. Aos 39 anos, trabalhando como redator-chefe do jornal carioca *Correio da Manhã*, e já numa trajetória ascendente como escritor e dramaturgo, ele fez parte de uma comitiva de jornalistas e políticos que visitou aldeias indígenas na região do rio Xingu, no estado do Mato Grosso. Callado já tinha ido ao Xingu antes, mas naquela ocasião testemunharia algo que poucos não indígenas tinham visto até então: o *quarup*, ritual de celebração dos mortos que era uma tradição entre os povos do Alto Xingu. Poucos dias depois, em 29 de julho, Callado publicou no *Correio da Manhã* a reportagem “Um velório no Tuatuari: tribos do Xingu unidas no ‘quarup’ do cacique Uranaco”. Foi a primeira descrição do *quarup* na imprensa brasileira. E o primeiro contato de Callado com o ritual que na década seguinte seria a imagem central de seu romance mais célebre, *Quarup*.

Durante essa viagem, Callado registrou em um caderno suas impressões a respeito de tudo que via: das atitudes dos companheiros de expedição às condições no posto do Serviço de Proteção ao Índio, do dia a dia nas aldeias xinguanas aos detalhes do *quarup*. Descobri o diário dessa viagem ao Xingu, que permanecia inédito até agora, em 2019, durante minha pesquisa nos arquivos de Callado na Fundação Casa de Rui Babosa. É uma peça que faltava na trajetória do escritor. Sem ser exatamente um caderno de campo, nem um diário íntimo, esse conjunto de notas de repórter ilumina a longa relação de Callado com o Xingu, seus interesses e estratégias como jornalista, escritor e intelectual público, e sua militância pelos direitos indígenas em um momento crucial da campanha pelo Parque Indígena do Xingu, que viria ser oficializado cinco anos depois, em 1961, naquela que foi a primeira grande demarcação de terras indígenas no Brasil.

A partir da transcrição do caderno, esta seção reconstitui a viagem de Callado para acompanhar o *quarup* de 1956 e situa essa experiência no quadro

mais amplo da relação que o escritor manteve por décadas com o Xingu e com a luta pelos direitos indígenas.

2.1

Crônica de cinco viagens: 1952-1988

O Xingu aparece em uma série de textos de Callado ao longo de cinco décadas, desde o livro-reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953) e a peça teatral *Frankel* (1954) até a novela *A expedição Montaigne* (1982), passando por *Quarup* (1967) e várias reportagens, crônicas e artigos publicados até os anos 1990. Mais que cenário ou tema desses textos, o Xingu foi uma região com a qual o escritor desenvolveu uma relação profunda e duradoura. O material que reuni na pesquisa – escritos de viagem encontrados nos arquivos pessoais do autor, reportagens e crônicas publicadas na imprensa, referências ao Xingu em seus livros, menções a essas viagens em entrevistas e estudos sobre sua obra – indica que Callado esteve no Xingu pelo menos seis vezes, entre 1952 e 1988. Para entender a importância do caderno de 1956 na obra de Callado é necessário, inicialmente, situá-lo nessa trajetória.

Nascido em 1917, em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, Callado começou a carreira na imprensa em 1937, no jornal carioca *Correio da Manhã*. Em 1941, mudou-se para Londres, de onde cobriu a Segunda Guerra Mundial para o serviço brasileiro da BBC. Entre 1944 e 1945 viveu em Paris, como correspondente da Radio Diffusion-Française, e depois voltou à Inglaterra. Regressou ao Brasil em 1947 tomado pelo desejo de desbravar sua terra natal, um sentimento que ele descreveu, em várias ocasiões, como uma “fome”:

Eu tinha morado anos no estrangeiro e voltei ao Brasil com uma vontade quase física de conhecer direito o país: uma espécie de fome. Antes de viajar e viver alguns anos na Europa, eu tinha conhecido, de um modo distraído e um tanto vago apenas, o Rio e seus arredores, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador. Ao regressar de anos no estrangeiro, o que eu queria era a Amazônia, o Xingu dos índios, o Pantanal do Mato Grosso, o sertão nordestino. A

primeira providência que tomei, pela ordem, foi conhecer a Amazônia³.

O trecho acima pertence a um documento de dez páginas, datado de 1985, guardado nos arquivos de Callado na Fundação Casa de Rui Barbosa. Intitulado “A Amazônia vista bem de perto”, o texto parece ser um esboço de apresentação para um livro de fotografias, cujo autor não é identificado. As fotos despertam em Callado lembranças de sua primeira ida à Amazônia, entre agosto e setembro de 1949, e ele escreve o artigo revisitando o diário que manteve naquela viagem.

De volta ao Rio e ao *Correio da Manhã*, Callado sugeriu ao jornal uma série de reportagens sobre projetos de exploração de petróleo na Amazônia. Ele mesmo admite que não passava de “pretexto” para realizar o sonho de conhecer a floresta. E a forma como escolheu realizá-lo diz muito sobre seus métodos como jornalista e sua postura como intelectual. Já era possível fazer a viagem em hidroaviões da Panair, mas Callado fez questão de percorrer o trecho entre Belém e Manaus pelo rio Amazonas, em um dos barcos populares que cumpriam o trajeto em uma semana abarrotados de pessoas e animais, e por isso eram conhecidos como “gaiolas”. O enviado especial viajou de “primeira classe” – o convés superior onde tinha o luxo de um chuveiro e uma mesa para as refeições. Mas o que capturou seu olhar foram os passageiros habituais, amontoados em redes no convés inferior que dividiam com bois e vacas, e as pessoas e cenários que conheceu nas inúmeras paradas ao longo do rio: Gurupá, Almeirim, Santarém... Era a Amazônia, enfim, vista de perto:

Não me interessavam os aviões, que em horas chegavam a qualquer lugar, nem os navios ingleses e americanos, que em dois dias me depositariam no cais flutuante de Manaus. [...] A grande vantagem do gaiola, para mim, era ver as coisas bem de perto: nervura de folha, voo de garça, peixe-boi, jacaré.⁴

A primeira vez que Callado viu de perto o “Xingu dos índios” foi em janeiro de 1952. Mais uma vez a serviço do *Correio da Manhã*, ele acompanhou uma expedição em busca do paradeiro do coronel inglês Percy Harrison Fawcett,

³ CALLADO, Antonio. “A Amazônia vista bem de perto”, AC-PI 3.

⁴ *Ibidem*.

desaparecido na região em 1925, quando tentava pela segunda vez encontrar uma cidade lendária que teria sido erguida mil anos antes sobre terras repletas de ouro. A primeira tentativa, em 1920, passou despercebida pela imprensa, mas, cinco anos depois, a história atraiu a atenção de um personagem que viria a ter papel importante na relação de Callado com o Xingu: o empresário Assis Chateaubriand. Em 1925, Chatô havia acabado de adquirir *O Jornal*, pedra fundamental do conglomerado de imprensa que ele ergueria nos anos seguintes, os Diários Associados. Com o faro e o espalhafato que se tornariam suas marcas registradas, Chatô mandou que *O Jornal* publicasse uma série de reportagens sobre a viagem de Fawcett, com o título: “Haverá uma Atlântida brasileira?”⁵.

A pergunta ficou sem resposta, mas a figura do inglês desaparecido no Xingu se tornou recorrente nas páginas dos Diários Associados. Em 1943, o *Diário da Noite* revelou a existência de um “índio branco” que seria filho de Fawcett com uma mulher xinguana – mais tarde ficou claro que se tratava de um albino, mas o jornal jamais se retratou. Em 1951, *O Cruzeiro* noticiou a descoberta, às margens de uma lagoa no Xingu, da ossada do explorador inglês. Os indígenas Kalapalo que haviam guiado a expedição de 1925 confessaram o assassinato e o descreveram como uma reação a atitudes autoritárias e desrespeitosas do explorador. A reportagem de oito páginas tinha fartura de imagens, com direito a detalhes do crânio e das costelas do morto. Diante da demora no transporte dos restos mortais para a capital, o próprio Chatô foi até o Xingu apressar a operação. Mas exames realizados no Rio e em Londres determinaram que os ossos eram pequenos demais para pertencerem a Fawcett. O sensacionalismo irritou a família do inglês. Para contornar o fiasco, e acrescentar um capítulo à trama, Chatô propôs ao filho do aventureiro, Brian Fawcett, que liderasse uma expedição ao Xingu para elucidar o mistério. Junto com ele, o empresário enviou quase uma dezena de jornalistas de vários veículos dos Diários Associados. Para surpresa de seus funcionários, convidou também um repórter da concorrência: Antonio Callado.

⁵ MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. Companhia das Letras: São Paulo, 2011, p. 124.

Chatô nunca explicou essa atitude. O próprio Callado atribuía o convite a um gesto de generosidade do empresário durante um encontro casual pouco antes da viagem: “O meu contato inicial com o Chateaubriand foi quando eu disse a ele que tinha muita vontade de conhecer o Xingu, e ele respondeu: ‘Imediatamente’”.⁶ Outra hipótese é que Chatô, escaldado pela má repercussão de sua cobertura no caso Fawcett, tenha visto na presença de Callado a chance de dar mais credibilidade à expedição⁷. Seja lá qual tenha sido a motivação, a carona para o concorrente irritou a equipe dos Diários, mas cimentou a boa relação entre o empresário e o jornalista (“Gosto do Chatô porque nunca trabalhei para ele”, dizia Callado⁸). Anos mais tarde, Chatô ajudaria Callado a voltar ao Xingu para acompanhar o *quarup*.

Em sua primeira viagem ao Xingu, Callado também manteve um diário. Esse caderno de 46 páginas foi transcrito e publicado em 2010, na edição mais recente do livro que Callado escreveu sobre a expedição de Brian Fawcett, *Esqueleto na Lagoa Verde*. Em 21 de janeiro de 1952, Callado voa do Rio para São Paulo, de onde seguiria viagem ao lado de Orlando Villas Bôas, o sertanista que, com os irmãos Claudio e Leonardo, liderava a frente de atuação do governo brasileiro no Planalto Central. Ainda no avião, apesar da iminência de realizar o desejo de conhecer o Xingu, Callado demonstra desânimo com a repisada pauta do explorador inglês perdido: “Não tenho nenhuma esperança de que a viagem vá resultar em alguma coisa”, escreve: “Já anda tão batido o caso do F. e nós vamos também por caminhos tão batidos...”⁹. Mas não deixa de fazer o dever de casa e registrar suas leituras sobre o Xingu e sobre Fawcett. Em São Paulo, hospeda-se em um hotel de luxo (cortesia da “munificência chateaubriânica”, ironiza) e no dia seguinte embarca com Orlando e um repórter dos Diários em um Beechcraft, pequeno avião particular batizado de *Chateaubriand* em homenagem ao dono. Depois de dois dias de viagem, com uma parada em Uberlândia, no dia 24 eles chegam ao posto da Fundação Brasil Central às margens do rio Culuene, um dos

⁶ STYCER, Mauricio. “Jornalismo na Lagoa Verde” in: CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 149. A declaração de Callado foi dada em 1988 ao jornalista Fernando Moraes, durante entrevista para a biografia *Chatô*.

⁷ *Ibidem*, p. 150

⁸ *Ibidem*.

⁹ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 114. O diário, mantido no arquivo de Callado na FCRB, foi transcrito por Mauricio Stycer.

afluentes do rio Xingu, no estado do Mato Grosso. Na primeira anotação entre os indígenas o humor de Callado já é outro, e ele descreve o que vê como “um espetáculo encantador”¹⁰.

No dia seguinte, Callado acompanha Brian Fawcett em suas tentativas frustradas de obter informações sobre o pai. Com apoio de Orlando, Brian interroga o cacique Kalapalo, Cumatsi, um dos guias remanescentes da expedição de 1925. Pede mais detalhes sobre o homem morto, que os indígenas chamavam de “ingresi” (inglês). Depois de os exames negarem que a ossada fosse de Fawcett, os Kalapalo passaram a dizer que ela pertencia a outro integrante da expedição e que o explorador tinha sido morto na mesma ocasião, mas enterrado em outro lugar. No entanto, na conversa com Brian, o cacique volta a insistir que a ossada descoberta era, sim, do velho Fawcett.

- Tinha barba?
- Tinha
- Era branco como ele?
- Não
- Calapalo¹¹ chama ingresi só o velho?
- Não
- O morto na lagoa foi o velho [?]
- O velho e calapalo não mente, diz o cacique. Calapalo negou a princípio de medo.¹²

Inconsistências como essa aparecem a todo momento nas conversas, o que faz com que Brian se recuse a acreditar que o pai de fato morreu ali (ele só se refere ao dono da ossada com um nome fictício, “George”). Já Orlando defende os Kalapalo e diz que o assédio dos jornalistas ao longo dos anos embaralhou as memórias dos indígenas sobre o crime ocorrido duas décadas antes. Apesar dessas divergências, Callado não transforma sua apuração em um esforço detetivesco. Pelo contrário, assume desde o início que os ossos não são de Fawcett e passa a registrar, com um misto de distanciamento irônico e curiosidade etnográfica, as dificuldades de comunicação e as diferenças de ponto de vista entre forasteiros e

¹⁰ *Ibidem*, p. 121.

¹¹ Nas citações aos textos de Callado, serão mantidas as grafias que ele usou para se referir a pessoas, etnias, rituais e lugares do Xingu, embora em muitos casos elas tenham erros ou não correspondam mais aos nomes usados atualmente.

¹² *Ibidem*, p. 122.

xinguanos. Também usa o caderno para anotar detalhes do dia a dia no Xingu: diálogos truncados com indígenas, breves descrições da paisagem, fragmentos de explicações sobre rituais e costumes (“Cinto de castidade chamado uluri, de miolo de broto de burity; só é usado no Xingu e só quando a mulher o tira é que pode haver relações sexuais”¹³).

Em 3 de fevereiro de 1952, pouco depois de voltar ao Rio, Callado publica no *Correio da Manhã* uma reportagem que registra as versões divergentes sobre o destino do desaparecido¹⁴. Em 1953, amplia esse texto no livro *Esqueleto na Lagoa Verde*. Aqui se dá uma inflexão importante na relação do escritor com o Xingu: seu interesse se desvia inequivocamente do paradeiro de Fawcett para a situação dos povos xinguanos. Em 1952, Callado desembarcou no Xingu intrigado com a figura do explorador inglês deslocado na selva brasileira, mas, em vez disso, o que se revelou para ele foi o singular convívio estabelecido entre indígenas e não indígenas nos primeiros anos de contato sistemático na região. É essa tensão que ele registra no livro-reportagem, ao mesmo tempo em que procura articular as impressões sobre seu primeiro contato com os indígenas: “nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios”¹⁵.

Esqueleto na Lagoa Verde é dividido em duas partes. A primeira, “O vitoriano e o sonho do novo Império”, reconstitui a trajetória do coronel Fawcett e apresenta a atabalhoada investigação de Brian entre os Kalapalo. Na segunda parte, “O moderno bandeirante e o sonho da nação futura”, o foco muda para os personagens que estavam construindo “nosso tipo de colonização”: os sertanistas que desde os anos 1940 atuavam no Xingu. Em 1943, o governo Getúlio Vargas criou a Fundação Brasil Central e a Expedição Roncador-Xingu, duas frentes de um projeto para ocupar uma parte do país vista como deserta e ociosa – ainda que já se soubesse da existência de povos indígenas locais. Enquanto a Expedição

¹³ *Ibidem*, p. 120.

¹⁴ CALLADO, Antonio. “Os dois itinerários do coronel Fawcett”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3.2.1952, pgs 1 e 8.

¹⁵ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 17.

abriria caminho de Minas até a Amazônia, construindo estradas, pistas de pouso e linhas de comunicação, a Fundação administraria as novas instalações no Planalto Central. Paulistanos de classe média, os irmãos Villas Bôas sonhavam em se aventurar com a Expedição, mas foram recusados na primeira tentativa e só conseguiram ser aceitos quando se disfarçaram de sertanejos. Aos poucos ascenderam na hierarquia e assumiram o comando. Inspirados nos ideais do marechal Cândido Rondon, que em 1910 havia fundado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), imprimiram uma guinada à “Marcha para o Oeste”. No interior da empreitada colonizadora do governo, começou a ganhar força o plano de proteger os povos indígenas que os expedicionários iam conhecendo pelo caminho. Duas orientações contraditórias que se chocariam no Xingu nos anos seguintes.

No livro, Callado estabelece um contraste entre os imperialistas britânicos (simbolizados por Fawcett), que corriam o mundo impondo seus costumes às colônias, e os sertanistas, que buscavam conhecer e se adaptar ao modo de vida dos xinguanos: “Os brasileiros da Fundação Brasil Central parecem fazer sistematicamente o oposto [dos ingleses nas colônias]. Não constroem uma plataforma para que sobre ela os índios os contemplem. Ao contrário, descem até eles, praticamente”¹⁶. Também diferencia os “modernos bandeirantes” dos de outrora: “São homens sem cobiça e sem luxúria. [...] Não procuram minas, não querem ouro, e à noite esticam entre dois paus a rede vazia sob o céu que ferve de estrelas”¹⁷. Do contato entre esses homens e os povos xinguanos surgiu um plano que, no início da década de 1950, já circulava entre as selvas do Xingu e os gabinetes do governo no Rio: demarcar um grande território que preservasse os modos de vida e as culturas dos povos xinguanos. No fim do livro, Callado defende publicamente a ideia pela primeira vez: “Arranjemos o Parque dos Índios – e interfiramos o menos possível com seus habitantes”¹⁸.

Depois dessa primeira viagem, Callado aprofundou sua relação com o Xingu. Ficou amigo dos Villas Bôas (sobretudo de Orlando, com quem se correspondia regularmente), familiarizou-se com as culturas xinguanas,

¹⁶ *Ibidem*, p. 91

¹⁷ *Ibidem*, p. 85.

¹⁸ *Ibidem*, p. 103.

acompanhou como redator-chefe do *Correio da Manhã* a campanha pela criação do Parque. Em 1954, escreveu outra obra ambientada na região, dessa vez uma peça teatral intitulada *Frankel*.

Nos anos 1950, Callado esteve no Xingu pelo menos mais três vezes. No final de maio de 1954, chegou à região com o objetivo de fazer uma reportagem sobre a atuação dos irmãos Villas Bôas nas frentes de contato com os indígenas. A reportagem não chegou a ser publicada, mas sabemos a respeito dela porque nessa viagem Callado também manteve um diário. Suas notas se estendem por dois cadernos, mantidos no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa¹⁹. De acordo com esse documento, a viagem começou em 29 de maio, em uma aldeia Xavante perto da cidade de Nova Xavantina, no Mato Grosso – que havia sido fundada em 1944, quando a Expedição Roncador-Xingu passou por ali. Callado estava com o médico sanitaria Noel Nutels, companheiro de primeira hora dos Villas Bôas no Xingu, e alguns fotógrafos, não identificados no caderno. No dia 30, o grupo segue para o Xingu e lá permanece até 5 de junho. Nas primeiras notas, realizadas dia 29 na aldeia Xavante, Callado registra os detalhes de uma campanha de vacinação em andamento e de conversas com missionários salesianos que atuam na região. Na manhã do dia 30, já no Xingu, ele parece satisfeito: “Saímos às 10h de Xavantina e chegamos aqui cerca de 1 hora 30 depois. Já tomamos banho no lindo TUATUARI, afluente do Culuene”.

Às margens do Tuatuari, Callado conhece o recém-inaugurado posto Capitão Vasconcelos, do Serviço de Proteção aos Índios, que substituíra as instalações da Fundação Brasil Central onde ele estivera em 1952. Se na primeira visita Callado enxergava no antigo posto um lugar onde os sertanistas viviam “como ascetas, numa falta de conforto inconcebível”²⁰, agora ele descreve a nova construção com deslumbramento. A melhoria era tanta assim ou o olhar do viajante é que começava a se habituar ao cenário e às condições locais? O novo

¹⁹ CALLADO, Antonio. “Viagem ao Capitão Vasconcelos, 29/5/54”, AC-PI 138. No segundo caderno, a viagem ao Xingu ocupa apenas as primeiras páginas. O restante foi usado por Callado, em 10 de fevereiro de 1962, para escrever um longo texto sobre seu amigo Candido Portinari, morto quatro dias antes.

²⁰ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 91.

posto tem “uns 20 metros de frente e uns 10 de fundo”, ele calcula, e aproveita em sua estrutura os materiais da floresta:

O chão é de terra batida. As paredes são troncos. O teto de duas águas é também uma estrutura de paus coberta de palma de buriti amarrada com embira (cipó). A calha é de casca de jatobá, o mesmo material das ubás. Todo o interior do “salão” é atravessado de barras para redes.

Callado não encontra os Villas Bôas no posto – eles estão ajudando a abrir uma pista de pouso nas margens de um rio mais ao norte. Registra a presença de um grupo de aviadores norte-americanos e de um antropólogo canadense, Kalervo Oberg, que era professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e havia publicado, em 1953, o estudo *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Um dos aviadores americanos, o major Norwood Eggeling, a quem Callado se refere como Norry, também tinha participado da expedição de Brian Fawcett em 1952. O jornalista aproveita a oportunidade e pega uma carona de avião para investigar uma pista sobre o paradeiro do coronel inglês. Callado e Norwood sobrevoam a floresta para checar a tese de Brian de que o pai teria desaparecido, na verdade, na área do rio Manitsauá-Missu, bem mais ao norte do rio Culuene, onde a expedição de 1952 tinha se concentrado. Callado julgou impossível que alguém sobrevivesse à travessia da extensa área de mata fechada que separava os dois pontos. Ele também não publicou uma reportagem sobre isso, mas, no ano seguinte, quando o filho do aventureiro anunciou que voltaria ao Brasil para retomar suas buscas, uma notinha não assinada no *Correio da Manhã* transmitiu essas observações, com um recado: “Ao teimoso sr. Brian Fawcett – o que desejamos é *good luck*. Mas prepare-se para mais uma desilusão”²¹.

Para além da apuração extra sobre Fawcett, a viagem de 1954 é importante porque, ao que tudo indica, foi nessa ocasião que Callado conheceu um personagem central na sua relação com o Xingu – e, mais do que isso, na história dos povos xinguanos: Kanato Yawalapiti. Ele era um dos poucos indígenas que

²¹ “Para informar Brian Fawcett”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7.5.1955, p. 6.

falavam português na época da Expedição Roncador-Xingu, e por isso se tornou uma combinação de intérprete, diplomata e guia dos Villas Bôas nos contatos com os povos locais²². No caderno, Callado registra que o antropólogo Oberg define Kanato, em seu livro, como “o índio + fotografado da América do Sul”. Callado o descreve como “um rapagão”, “simpático e forte”, e registra seu desconforto com o assédio dos fotógrafos da comitiva: “Canato, com uma horrenda camisa de meia já tinta de urucum, me diz: ‘Fotografia não faço mais. Vi tanto retrato meu no Rio e S. Paulo que não quero mais’. Mas qdo concorda em se deixar fotografar vai logo ficando nu, num perfeito strip-tease”. Em alguns momentos, Kanato é uma espécie de informante para o escritor. Quando um grupo de mulheres dança no centro da aldeia, por exemplo, Callado anota no caderno: “O que elas estão cantando – diz Canato – é só para mulher”. Em outros momentos, Kanato é o anfitrião: numa noite, convida Callado, Oberg e Norwood para sentar ao redor de uma fogueira enquanto ele e outros indígenas cantam “todo o repertório que sabiam de canções”. Em 1956, ele será o anfitrião de Callado no quarup.

Depois da viagem de 1956, que será reconstituída na próxima seção, Callado voltou ao Xingu em agosto de 1958, com Elizabeth Bishop e Aldous Huxley. Convidado pelo Itamaraty para realizar uma conferência no Rio sobre os desafios do mundo moderno, Huxley aproveita a estada: aproxima-se de Bishop no Rio, visita cidades coloniais de Minas, encontra Gilberto Freyre no Recife e, antes de partir, pede para conhecer indígenas brasileiros. Numa prova do reconhecimento público da relação de Callado com o Xingu, é ele o encarregado de ciceronear essa parte da viagem. Formada por Huxley e sua mulher, Laura Archera, por Bishop e mais uma dezena de pessoas, a comitiva passa um dia em Brasília, então em construção, e na manhã seguinte toma um avião da FAB para o posto do Serviço de Proteção aos Índios, que atuava no Xingu junto à Fundação Brasil Central. Muito alto e muito branco, Huxley desperta a curiosidade dos indígenas, mas eles logo se interessam mais pela Polaroid de Laura. Callado apresenta Huxley a Cláudio Villas Bôas, fã dos romances do escritor, e os dois conversam longamente sobre os povos xinguanos. Depois, o inglês se distrai com uma revoada de borboletas brancas. “Os índios pelados”, escreveu Callado anos

²² Ver: *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011, p. 24.

depois, “Huxley os olhou com certa incuriosidade, talvez por polidez, para deixá-los à vontade”²³.

Numa crônica sobre a excursão, Bishop retrata Callado como o guia do grupo: ainda no avião, ele distribui aos passageiros comprimidos para prevenir malária e informa-os sobre a rotina do posto. No desembarque, ela nota que ele parece familiarizado com a maioria dos indígenas: “Havia uma atmosfera simpática de reencontro de velhos conhecidos”.²⁴ De volta a Brasília, ele conta aos convidados a história dos irmãos Villas Bôas e do marechal Cândido Rondon, morto no início de 1958. E impressiona Huxley com o lema adotado por Rondon no SPI: “Morrer se preciso for. Matar, nunca”²⁵.

Nessas viagens, Callado acompanhou de perto os esforços pela criação do Parque Indígena do Xingu e tornou-se um importante advogado público da demarcação do território. O projeto do Parque, apresentado pela primeira vez ao Congresso Nacional em 1952, só se tornou realidade em 1961, por decreto do presidente Jânio Quadros. Depois disso há um hiato nas viagens, talvez pela sensação de “dever cumprido”, mas sobretudo por dois motivos. Em primeiro lugar porque, na primeira metade da década de 1960, Callado voltou sua atenção para a zona rural de Pernambuco, onde produziu uma série de reportagens, atraído por uma confluência de fatores – o surgimento das Ligas Camponesas, os programas de educação popular inspirados no trabalho de Paulo Freire, as políticas sociais transformadoras do governo Miguel Arraes – que fizeram da região um foco revolucionário, debelado brutalmente pelo golpe de 1964. E em segundo lugar porque, depois do golpe, Callado concentrou suas atividades no Rio de Janeiro, onde foi preso mais de uma vez por fazer oposição ao regime e teve os direitos políticos cassados. Suas viagens mais notórias nesse período foram para o exterior: em 1968, quando trabalhava no *Jornal do Brasil*, tornou-se o único

²³ CALLADO, Antonio. “Aldous Huxley era uma sábio à moda antiga”, *Folha de S.Paulo*, 25.7.1994, Ilustrada, p. 1

²⁴ BISHOP, Elizabeth. “Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios”, in: *Prosa*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 232.

²⁵ *Ibidem*, p. 241.

repórter brasileiro a entrar no Vietnã do Norte e cobrir a Guerra do Vietnã do ponto de vista das tropas locais, e não das norte-americanas²⁶.

Nesse período, o Xingu não deixou de estar presente em seu trabalho. Nos anos 1960, ele se dedica a escrever *Quarup*, que, lançado em 1967, se tornaria seu maior sucesso. Ambicioso painel de uma década convulsiva na sociedade brasileira, entre o suicídio de Getúlio Vargas e o golpe de 1964, *Quarup* tinha como principais cenários Pernambuco e o Xingu, retratados a partir do que Callado viu e viveu nas viagens dos anos anteriores. Glauber Rocha logo se interessou em adaptar o livro para o cinema, com roteiro do próprio Callado, e a imprensa chegou a noticiar que os dois iriam ao Xingu em junho de 1968 para escolher locações²⁷. Mas não há indícios de que essa viagem tenha de fato acontecido, e os planos para o filme não avançaram. Pelo que pude levantar, Callado só teria voltado à região no início de 1970. A informação está na coluna de Daniel Más no *Correio da Manhã*, em 29 de janeiro. Ao comentar um “coquetelzinho de recémcheguismo” organizado na noite anterior para Danuza Leão, que voltava de um mês fora do Brasil, Más registra a presença de Paulo Francis, Millôr Fernandes e outros jornalistas: “Antonio Callado aproveitou para se despedir. Vai passar 10 dias no Xingu colhendo ambientação para seu próximo livro”²⁸. Mas não pude confirmar de que livro se tratava, nem se a viagem de fato aconteceu. Em outubro de 1978, Callado esteve nas cidades de Diamantino e Ribeirão Bonito, no Mato Grosso, ao sul do Parque, a convite do bispo Pedro Casaldáliga, para participar de cerimônias em homenagem a padres executados por militares por defenderem povos indígenas e trabalhadores rurais da região²⁹. Nas crônicas que publicou sobre essa viagem na revista *Isto É*, Callado não menciona ter ido a aldeias.

Nos anos 1980, o Xingu continuava no horizonte das reflexões de Callado. Em 1982, publicou a novela *A expedição Montaigne*, que narrava em chave

²⁶ As reportagens de guerra foram reunidas no livro *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* (1969).

²⁷ “Informe JB”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28.4.1968, p. 10.

²⁸ “Balaio”, *Correio da Manhã*, 29.1.1970, Segundo Caderno, p. 7.

²⁹ Essas viagens estão narradas em duas crônicas publicadas por Callado na revista *Isto É*, “Festa no cerrado” (8.11.1978) e “Qual seria a nacionalidade de Caim?” (4.4.1979), depois reunidas em CALLADO, Antonio. *O país que não teve infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pgs. 65-70.

irônica a viagem de um jornalista e um indígena ao Xingu para fomentar uma revolução. No final dos anos 1980, *Quarup* enfim foi adaptado para o cinema, pelo cineasta Ruy Guerra, com o título *Kuarup*. Em 1988, aos 71 anos, Callado foi convidado a acompanhar as filmagens. Com a mulher, Ana Arruda, o filho, Paulo, e o neto, Julio, passou alguns dias acampado às margens do Tuatuari, onde estivera pela primeira vez nos anos 1950. “Seu amor aos índios, transformado em matéria romanesca em alguns livros, era um amor concreto”, escreve Ana, ao recordar um momento vivido entre as filmagens na lagoa Ipavu, cenário de romances do escritor: “Cercado de meninos indígenas, Callado, como um avô amoroso, brincava com eles dentro d’água, fingindo ser um monstro que os atacava. Os meninos fingiam susto, riam alto, pulavam dentro d’água e voltavam para perto do ‘monstro’”³⁰. Foi a última vez que Callado esteve no Xingu.

2.2

História de um caderno: o quarup de 1956

Em quase todas as viagens ao Xingu, Callado produziu algum tipo de registro pessoal: cadernos, notas soltas, fotografias, depoimentos. Alguns desses itens estão no acervo do escritor na Fundação Casa de Rui Barbosa, outros aqui citados foram identificados em jornais da época e livros. De todos esses itens, o diário de 1956 é o mais completo e pessoal dos seus escritos de viagem que encontrei. É um registro mais longo e mais detalhista do que o diário já conhecido de uma viagem sua ao Xingu, o caderno de 1952 publicado em *Esqueleto na Lagoa Verde*, e mais rico em descrições e eventos do que o outro diário que encontrei na pesquisa, o da viagem de 1954 ao posto Capitão Vasconcelos. Descobri o caderno de 1956 em meados de 2019, durante uma busca na base de dados virtual do acervo de Callado na Fundação Casa de Rui Barbosa. Naquele ponto, minha pesquisa tinha um foco mais amplo nas viagens de Callado pelo Brasil e pelo mundo, e na influência dessas viagens sobre sua interpretação dos dilemas brasileiros. Mas chamou minha atenção o fato de o documento,

³⁰ CALLADO, Ana Arruda in CALLADO, Antonio. *O país que não teve infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 181.

identificado na base de dados apenas como “Xingu”, ter a data de julho de 1956, que, até aquele momento, não correspondia a nenhuma viagem de que eu tivesse notícia. Só depois disso identifiquei, na hemeroteca da Biblioteca Nacional, a reportagem que Callado publicou no *Correio da Manhã* logo depois de voltar da viagem, em 29 de julho de 1956. Trechos inteiros do diário reapareciam na reportagem e, para minha surpresa, também em *Quarup*, praticamente sem alterações, como veremos adiante.

O passo seguinte para atestar a importância do documento foi verificar se era de fato um registro da primeira vez que Callado testemunhou o quarup. Tudo indica que sim. As duas viagens anteriores do escritor ao Xingu, em 1952 e 1954, aconteceram em janeiro e maio, respectivamente, e o ritual costuma ser realizado entre julho e setembro. No caderno de 1952 até há uma menção ao quarup, mas é apenas uma breve explicação do ritual (e com um erro de grafia, “quarupe”³¹). Além disso, a anotação foi feita ainda em São Paulo, provavelmente a partir de informações passadas por Orlando Villas Bôas na conversa que tiveram na véspera do embarque. Não há registros de outras viagens ao Xingu antes de 1956 e, pelo que pude averiguar, a reportagem daquele ano no *Correio da Manhã* é a primeira descrição do quarup na história da imprensa. Se Callado tivesse visto a cerimônia antes, é de se imaginar que teria publicado algo a respeito, ou ao menos mencionaria isso na reportagem ou no diário de 1956.

O diário é um caderninho espiralado de 80 páginas, em cuja capa Callado inscreveu a caneta o título “Xingu, julho 1956”³². O verso da capa e a folha de rosto contêm notas soltas, com apontamentos sobre expressões idiomáticas locais (“moitará = mercado”, ele escreve, referindo-se ao ritual de troca de objetos e produtos realizado pelos xinguanos) e informações sobre os povos xinguanos (“Em 1954 epidemia de sarampo matou 114 índios”, “Quando houve eclipse do sol em maio de 1948 os índios lhe atiravam flechas inflamadas para reacendê-lo”). Já a partir da segunda página começam as entradas datadas. Em alguns casos, percebe-se que faz mais de uma anotação por dia, pois os registros estão divididos

³¹CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 120.

³² CALLADO, Antonio. “Xingu, julho 1956”, AC-PI 140A. Todas as citações ao diário de 1956 se referem a esse caderno manuscrito, nunca publicado, mantido na Fundação Casa de Rui Barbosa.

por hora. Há variações significativas na caligrafia de Callado, uma letra apressada de jornalista que nunca chega a ser de fácil decifração, mas fica quase hieroglífica quando ele escreve a bordo de um avião ou durante um ritual, na pressa de registrar o que vê. Talvez beneficiado pela experiência de repórter (e pela convivência com meus próprios garranchos), pude elucidar quase a totalidade do caderno, salvo palavras pontuais que não prejudicam a compreensão do texto.

A viagem de Callado se estendeu de 19 a 26 de julho de 1956. Assim como em 1952, foi promovida pelos Diários Associados, que, por orientação de Assis Chateaubriand, continuavam acompanhando com estardalhaço a “Marcha para o Oeste” e a atuação dos irmãos Villas Bôas – estes, por sua vez, aproveitavam a exposição na imprensa para difundir o projeto do Parque Indígena do Xingu. Mas nessa viagem há uma diferença importante: a caravana incluiria o presidente Juscelino Kubitschek. E dessa vez Callado não é só um convidado de honra de Chatô. Recém-promovido a redator-chefe do *Correio da Manhã* e atuante na divulgação dos problemas que afetavam os indígenas, ele tem participação direta na articulação para levar JK ao Xingu.

Callado soube da realização do quarup por Orlando Villas Bôas, com quem se correspondia desde 1952, quando se conheceram na malfadada expedição de Brian Fawcett. Em carta de 8 de julho de 1956, Orlando informa: “De 17 a 20 dar-se-á o já atrasado Kuarup [...] A data mais provável é 18”. Ele pede que Callado faça o convite chegar a Juscelino e sugere acionar Álvaro Lins, chefe da Casa Civil do presidente e ex-colega de Callado no *Correio da Manhã*: “Seria para mais de boa política e bom resultado se cá desse com os costados sua Excelência o Presidente”.³³ O quarup seria uma oportunidade de sensibilizar Juscelino para o projeto do Parque, emperrado no Congresso desde 1952, ainda no governo Vargas.

Com o anúncio da presença do presidente, outras autoridades se mobilizam para ir ao quarup, como o governador de São Paulo, Jânio Quadros, e, arrastando consigo um séquito de empresários, banqueiros, diplomatas e políticos, o próprio

³³ A carta de Orlando está no acervo de Callado na Casa de Rui Barbosa. O código é AC-CP 454.

Chatô. Então no segundo mandato como senador, ele anuncia durante a sessão no Palácio Monroe, em 19 de julho, seu plano de embarcar no dia seguinte para o Xingu. Chatô nunca tinha visto o quarup, mas isso não o impede de apresentar o ritual com tintas fortes: “Será um dos mais belos espetáculos que terá visto a selva brasileira, os índios descendo em suas pirogas, cortando os seus atalhos, com seus borés, tacapes, bordunas e colorido, um autêntico encontro dos homens do litoral com a gente do mato”³⁴. Na mesma nota que registra as visões do empresário, o *Correio da Manhã* anuncia que Callado “chefiará uma comitiva de amigos e convidados” ao Xingu.

No início da tarde do dia 19, quinta-feira, Callado embarca do Rio para São Paulo. De lá viajaria para o Xingu no dia seguinte, junto com Jânio e Chatô. Mas nesse meio tempo há uma mudança de planos. O “já atrasado” quarup havia atrasado ainda mais, e tinha se tornado impossível conciliar a agenda do presidente. No dia 20, numa anotação no caderno, Callado comenta com humor a politicagem envolvida na expedição. Diante da incerteza sobre a data do ritual, as autoridades, com desculpas variadas, debandam uma a uma: “Juscelino [...] desistiu com o adiamento pois embarcou para o Panamá. Jânio desistiu por causa da séria ameaça de greve geral em SP. Chateaubriand desistiu, provavelmente devido às duas desistências anteriores, e toda a puxa-sacaria do Rio e SP desistiu também”.

Por fim, o grupo que parte de São Paulo no dia 20 é formado por seis pessoas, que se espremem nas cinco poltronas do avião Beechcraft cedido pelo governo paulista e pilotado por dois majores da FAB. Além de Callado, embarcam o repórter Jorge Ferreira e o fotógrafo Henri Ballot, da revista *O Cruzeiro*; o fotógrafo Jean Manzon e seu cinegrafista, Antonio Estevão; o repórter Alexandre von Baumgarten, de outro veículo dos Diários Associados, o jornal *Diário de São Paulo*; o deputado estadual paulista Germinal Feijó, do Partido Socialista Brasileiro (PSB); e um político que Callado descreve apenas como “presidente da Assembleia Legislativa” – em 1956, o ocupante do cargo em São

³⁴ “Viagem ao Xingu”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20.7.1956, p. 1.

Paulo era o deputado Ruy de Almeida Barbosa, do Partido Trabalhista Nacional (PTN), mas ele não chega a ser citado pelo nome.

Além de Callado, essa comitiva reúne alguns dos jornalistas que mais frequentaram o Xingu nas décadas de 1940 e 1950. Cada um à sua maneira, Jean Manzon, Henri Ballot e Jorge Ferreira ajudaram a construir a imagem que o público brasileiro formou dos povos xinguanos, dos irmãos Villas Bôas e do contato entre indígenas e não indígenas naquela região, desde a Expedição Roncador-Xingu até a criação do Parque.

Fotógrafo que foi símbolo de uma época da revista *O Cruzeiro*, Manzon acompanhou a expedição praticamente desde o início. Em 1944, assinou com David Nasser a célebre reportagem com as primeiras imagens dos Xavantes, que já dizia a que vinha desde o título, “Enfrentando os chavantes” (assim mesmo, com a grafia errada do nome do povo). Como em um faroeste à brasileira, os sertanistas aparecem em closes dramáticos, de chapéu e espingarda, e os indígenas são mostrados como selvagens que resistem ao avanço da civilização. O sensacionalismo e o ufanismo dessa reportagem ditaram o tom da cobertura de *O Cruzeiro* ao longo da década de 1940, em apoio ao projeto do Estado de ocupar o Planalto Central e integrar os indígenas à nação³⁵. Manzon voltou ao Xingu em várias ocasiões nos anos seguintes. Em 1956, já havia deixado a revista e fundado uma produtora independente. Mas não ficou muito tempo dessa vez: foi embora na manhã seguinte à chegada, antes mesmo do início do quarup, e fez poucos registros.

Ballot e Ferreira tinham um olhar radicalmente distinto do de Manzon. Ferreira era um dos maiores conhecedores do Xingu, e da Amazônia de modo geral, na grande imprensa brasileira da época. No diário, Callado o descreve como um homem alto e robusto, “com cara forte de mateiro”. Cobria a região para os Diários Associados desde 1945, quando começou uma amizade com os Villas Bôas que duraria cinco décadas. Documentou a atuação dos irmãos no Xingu desde o início, participou com eles de expedições em busca de povos ainda não

³⁵ Ver: BURGI, Sergio e COSTA, Helouise (org.). *As origens do fotojornalismo no país: um olhar sobre O Cruzeiro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 42-43.

contactados, envolveu-se diretamente na campanha pela criação do Parque. E acabou tendo nela um papel de destaque: cinco anos depois daquele quarup, em 1961, ele assumiu a direção da Fundação Brasil Central, a convite do presidente Jânio Quadros, com a missão de colocar em prática o decreto de demarcação³⁶. Muitas das reportagens de Ferreira no Xingu foram feitas em parceria com Ballot, outro fotógrafo que marcou época em *O Cruzeiro*. Nas expedições que acompanhou entre 1952 e 1957, Ballot realizou fotos que deixavam de lado a encenação dramática de Manzon para privilegiar um registro mais direto da convivência com povos indígenas na região. Assim documentou primeiros contatos, visitas de autoridades e manifestações culturais. Um ano antes do quarup, a dupla havia publicado em *O Cruzeiro* uma longa reportagem sobre outro ritual tradicional do Alto Xingu, o jawari.

O outro jornalista da comitiva não está no Xingu como repórter. Alexandre von Baumgarten havia sido destacado por Chateaubriand para acompanhar Callado, função que desempenha “com perfeição quase de valet”, diz o escritor no diário. Anos depois, Baumgarten viria a ter outro tipo de atuação nos Diários Associados. Ligado ao Serviço Nacional de Informações (SNI) durante o regime militar, em 1979 ele tentou relançar a revista *O Cruzeiro*, fechada havia quatro anos, como uma publicação a favor da ditadura. O plano deu errado, e três anos depois Baumgarten foi assassinado em circunstâncias misteriosas, com suspeita de envolvimento do próprio SNI. Durante a viagem, Callado percebe que Baumgarten mal põe os olhos nos indígenas, não acompanha nada do ritual. “Sua principal característica parece ser o desinteresse total por tudo que vimos e vivemos”, escreve: “Esse Chatô tem cada uma”.

O Beechcraft da comitiva decola às 7h30 de São Paulo. A viagem cheia de escalas dura quatro horas até Goiânia, mais duas até Xavantina, e de lá mais uma hora até o posto Capitão Vasconcellos, do SPI, aonde a comitiva chegou no fim da tarde. O posto ficava “à beira do Tuatuari, afluente do Culuene, afluente do Xingu”, anota o escritor, como se quisesse se situar no mapa. No caderno, ele recorda sua passagem anterior por ali, em 1954. E ironiza as melhorias feitas

³⁶ FERREIRA, Jorge, “Jorge Ferreira, o grande repórter do Xingu” (depoimento). In: *O Xingu dos Villas Bôas*. São Paulo: Agência Estado/Metalivros, 2002, pp. 44-49.

desde a visita anterior: “O posto está muito + confortável... e bem menos interessante. Agora tem até caixa de descarga na casinha da fossa higiênica e chuveiro”. O antigo posto desativado tinha sido adotado como moradia por alguns indígenas, o que causou estranhamento ao escritor: “cada vez moram em casas menos típicas [...] e mais cheias de panelas de alumínio, bacias, facões etc.” Para construir a nova sede, o SPI abriu uma clareira na beira do rio, o que “tirou muito do caráter idílico do Tuatuari”, lamenta Callado. Mais do que a modernidade das instalações, é essa decisão de deixar “tudo muito + descampado” que parece lhe desagradar mais, a ponto de registrar no caderno uma impressão que ecoaria por toda sua atuação em defesa do Xingu nas décadas seguintes: “Curioso esse desamor pela árvore que ficou no sangue da gente”.

No posto, a comitiva é recebida por Orlando Villas Bôas e junta-se a outros forasteiros: o casal de uruguaio Dardo Gutiérrez Fabre e Norma Ferrés (que mais tarde reuniriam suas impressões de viagem em um livro e um filme com o mesmo título, *Além do rio das Mortes*), um pintor também uruguaio identificado apenas como De Michelli, o cinegrafista dinamarquês Jorgen Bitsch, duas antropólogas brasileiras e dois missionários americanos não nomeados, além de um homem que Callado descreve como “o alemão fotógrafo de SP, parece que Feldman”. “Há toda uma Nações Unidas aqui”, ironiza o escritor: “Tudo para o Quarup”.

O quarup é um ritual em que os povos do Alto Xingu celebram os mortos célebres de uma aldeia, como grandes líderes ou lutadores. Os preparativos envolvem uma pesca grande o suficiente para alimentar dezenas de pessoas e um rito diplomático em que representantes do povo responsável pelo quarup, chamados de “pariás”, convidam as aldeias vizinhas para a cerimônia. Mas os Yawalapitis não parecem preocupados. Já no dia 21, sábado, Callado percebe que o ritual não tem data certa para acontecer, “pela falta de ideia de tempo dos índios e por causa dos preparativos”. Fica alarmado com a perspectiva de voltar para o Rio sem poder descrever o quarup: “Não tenho esperanças de vê-lo”. E cogita voltar para São Paulo imediatamente, pegando uma carona no avião que o trouxe ou um barco para Xavantina. Surpreende ver essa aflição em alguém que, quatro anos antes, já fora apresentado ao tempo próprio do Xingu. No diário da

expedição de 1952, depois de penar com os horários do transporte para voltar ao Rio, ele concluiu:

Quem não descobrir, em 24 horas de sertão, que aqui morrem os horários e que a margem de erro dos encontros infalíveis é de pelo menos 48 horas não merece trilhar estas selvas. Aparentemente as mesmas – as unidades de tempo aqui são muito maiores, *voilà tout*.³⁷

Em 1956, passado o desespero inicial, aos poucos Callado se reajusta ao ritmo xinguano. Fica sabendo que na véspera os indígenas tinham conseguido “uma pesca de lagoa algo milagrosa” e percebe que por toda a aldeia estão assando peixes no moquém (“um jirau de varas a uns 70 cm do solo”, ele explica para si mesmo). Em algumas casas preparam beiju e servem pedaços do tamanho de uma fatia de pão com peixe amassado por cima. Curioso sobre aquela iguaria que tem “um ar apetitoso [...] de quitute baiano”, ouve de Jorge Ferreira que ela se chama “imepapo”. A essa altura, Callado já está à vontade: “Antes de comer alguma coisa [...] eu estava quase infeliz por ficar aqui. Agora estou melhor. Acho que definitivamente satisfeito de ficar”.

O homenageado do quarup é o cacique Uranaco, do povo Yawalapiti. Kanato é responsável por providenciar a pesca e convidar os cinco povos vizinhos que participariam da festa naquele ano: Kamaiurá, Kuikuro, Waurá, Aweti e Mehinako. Na manhã de domingo, dia 22, Kanato e um parente, Kalakumã, saem da aldeia Yawalapiti, localizada ao lado ao posto, para convidar os Kamaiurás, que vivem em uma aldeia a oito horas de caminhada. Quando Callado e os outros acordam, os “pariás” já estão longe. Os jornalistas pegam emprestado o jipe do posto e, com Jorge Ferreira ao volante, aceleram para não perder a cena do convite. Encontram os Yawalapiti no meio do caminho e dão uma carona a eles. No caderno, com o garrancho característico dos momentos mais agitados da apuração, Callado registra o encontro de Kanato e Kalakumã (a quem só se refere pelo apelido “Fofinho”) com o cacique Kamaiurá, Takuni:

³⁷ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 125.

Aldeia camaiurá. Canato e Fofinho acabam de chegar aqui como “pariás” ou mensageiros ou embaixadores. A 1 km + ou – da aldeia, que fica à beira de grande lagoa, davam gritos de aviso. Chegaram agora à frente de nós todos e o chefe camaiurá vai recebê-los. Tirou da cintura de cada um deles o cinto que traziam, tomou-os pela mão, sentou-os cada um num tamborete (um deles caixote marca Moça). Agora, dois índios dançam no terreiro diante dos visitantes tocando as enormes flautas (!) de uns 3m de comprimento.

O trecho acima é um bom exemplo do olhar aguçado de Callado. Nota-se o empenho em registrar os detalhes da cena, como o gesto de tirar o cinto. Em outro ponto, ele chega a desenhar esboços da pintura corporal de Kanato e Kalakumã. Seu deslumbramento com o ritual fica claro na reação à presença de flautas: (!). Esse olhar é responsável por passagens de grande beleza no caderno, como a descrição dos movimentos e dos trajés dos dançarinos Kamaiurás, tão detalhista que nem parece feita no calor da hora:

Os 2 dançarinos entram em todas as cabanas da maloca, em grande gala, tocando as suas 4 ou 5 notas monótonas, correndo num ritmo talvez de valsa e marcando compasso com o pé direito. Têm na cabeça o belo diadema de penas, com duas ou 3 longas *aigrettes* amarelas ou vermelhas no centro. O chapéu atrás sai feito um longo cesto cônico (imagine-se uma cornucópia de uma grossura só, afinando pouco para a ponta), e medindo apenas umas cinco polegadas de diâmetro, indo do algodão que é a charneira do diadema até abaixo dos joelhos do dançarino.

Para descrever um ritual indígena diferente de tudo que já tinha visto, Callado recorre a comparações com aquilo que conhecia: o penacho na testa do dançarino vira uma refinada *aigrette*, e o enfeite de cabeça, um chapéu em forma de cornucópia. Mais tarde, o jornalista se informa e se corrige:

A tal “cornucópia” que eu tentei descrever é um rabo de sucuri usado por quem a mata. Acabei de examinar uma. Segundo o Jorge, o pai índio obriga o garoto a se deixar morder pela sucuri, na cara. Mas meu informante Tacuni diz que matou a sucuri sem ser mordido nada.

Nota-se também o olhar de Callado para a ironia ocasional, o elemento fora de lugar, o caixote de leite Moça em plena aldeia. Essa percepção rende

momentos de fino humor no diário. Sua descrição dos trajes do cacique Takuni, por exemplo, pode ser lida como um comentário sobre a busca da imprensa por imagens exóticas do Xingu: “Para desgraça dos fotógrafos o cacique camaiurá traja calça de brim azul-marinho, nova em folha, suéter amarelo-mostarda e quepe de militar”.

Numa pausa do rito, Callado sai para dar um mergulho na lagoa Ipavu, perto da aldeia. Mais tarde, de volta aos Yawalapiti, junta-se a eles para ajudar a conseguir mais peixes para a festa. Descem o rio de barco e fazem uma pesca de bomba – que, como o nome sugere, consiste em atirar uma bomba no rio e depois saltar na água para recolher os peixes mortos que emergem aos montes. O método ia “contra a lei e os princípios de Orlando em geral”, admite Callado, “mas era preciso ajudar o Quarup do Canato”. Uma das bombas foi preparada por Henri Ballot, enfiada em uma banana verde e embalada em jornal. Callado não demonstra talento como pescador (“Meu recorde não foi muito para que se diga: um pacu”), mas o desempenho da equipe é suficiente para salvar o banquete.

Convites feitos e comida garantida, na manhã do dia 23, segunda-feira, os Yawalapitis começam a aprontar a aldeia para o quarup. Logo cedo, fincam seis grandes troncos no chão e se põem a esculpi-los com facões e decorá-los com pinturas e adereços. Na cerimônia, cada tronco – chamado de quarup – representa um morto que será homenageado com cantos, danças, invocações e lamentos. O quarup é um segundo momento de homenagem aos mortos, e pode acontecer meses ou até anos depois do primeiro, que é o sepultamento. O ritual reencena um dos mitos fundadores das culturas do Alto Xingu: a história do deus Mavutsinim, que um dia prometeu trazer os mortos de volta à vida usando como matéria-prima troncos cortados da árvore conhecida como *kuarup*. A única condição era que ninguém assistisse à transformação. Mas, quando os troncos estão quase assumindo forma humana, a aldeia não aguenta de curiosidade, então Mavutsinim, contrariado, interrompe a ressurreição e ordena que as madeiras sejam lançadas no rio.³⁸

³⁸ VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *Xingu: os índios, seus mitos*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1976, p. 55-57.

Ao longo do dia, Callado percebe a movimentação intensa na aldeia: os primeiros cantos, a confraternização entre anfitriões e visitantes, os preparativos finais – inclusive uma pesca de bomba de última hora, dessa vez organizada por Orlando, desobedecendo os próprios princípios para reforçar o banquete. A atuação do sertanista na produção da festa merece uma nota à parte: “Acho que sem Orlando não haveria quarup nenhum. Ele é que nos bastidores dá um mínimo de organização e orientação à coisa”. Há nessa observação um evidente exagero, que não passa despercebido a Callado: “talvez eles fizessem o quarup – mas sabe Deus quando e como”. Ainda assim, ela capta o papel que os irmãos Villas Bôas tiveram na preservação das culturas xinguanas, antes mesmo da criação do Parque.

Acima de tudo isso, nessas horas que antecedem o ritual, o que mais chama a atenção de Callado é o paciente e refinado trabalho dos indígenas de dar aos troncos uma feição quase humana. A descrição dos quarups se estende por várias páginas do caderno:

Os quarups, pintados à sombra de árvores, estão agora no centro da aldeia. Estão cobertos de algodão. Imediatamente acima e abaixo da parte pintada foram amarrados cintos grossos de algodão tinto. Os de acima têm diadema de arara na frente e penas de gavião atrás. Os paus de cima estão amarrados atrás (exceto um), como um lenço atado na testa. Os de baixo amarram na frente do “corpo”.

Agora vê-se melhor a representação do quarup, logo abaixo das penas de cabeça, na parte ainda coberta de casca, é a cara – uma carinha do tamanho de bola de tênis. A 1ª cinta de algodão não pode ser turbante, que não usam, serão braçadeiras. A parte bem decorada com desenho abstrato é sem dúvida o peito, abaixo do qual vem a cinta. No chão, diante da “estátua”, duas bolinhas de barro são os pés.

Enquanto os quarups são preparados, uma outra cena se desenrola no centro da aldeia: Canato toma banho de cuia no meio do terreiro, à vista de todos. “Parte do rito pela morte do pai: está saindo do luto”, anota Callado.

Chega a noite e, durante a festa, Callado não escreve no caderno. Mas, antes de dormir, registra a quente o que viu. A descrição do ritual impressiona

pela vivacidade da ação, pela precisão dos detalhes e pela elaboração narrativa de uma experiência impactante, e ainda por cima tão recente:

A festa à noite foi realmente linda, depois de coberto o quarup por varas de talo de palmeira e acesos os fogos debaixo desse dossel. Os dois pajés, atrás desse telheiro, continuaram seu canto, que é o melhor na música daqui, as mulheres carpideiras lamentavam seus mortos, e de súbito, de dentro da maloca de Canato, saíram todos os índios daqui (os homens só). Uialapiti, Meinaco, Uaiti, brandindo palmas secas em fogo e correndo. Correm rápido mas em ritmo, batendo forte com o pé direito no chão, todos rubros de urucum e negros de jenipapo, os olhos brilhando dentro das meias-máscaras negras pintadas em volta dos olhos. De vez em quando, dentro da fila, vêm, como sempre aos pares, dois flautistas das imensas flautas de bambu, suas notas cavernosas e tênues mal se ouvindo dentro do berreiro e do sapateado de todos.

Depois uma, duas horas de apenas carpideiras e pajé ou silêncio. Em seguida entram os pajés e capitães camaiurás, sentam-se no meio do terreiro, fumam o cigarro comprido de folha, lamentam os mortos simbolizados no quarup, com um representante uialapiti lamentando quase em contracanto com eles e dando-lhes os tais cigarros. Depois, novamente da maloca de Canato, irrompem os homens Camaiurá na mesma fila de palmas em chamas e pés fazendo estremecer o chão. Rodam como espíritos do mato o quarup brandindo suas tochas – e é difícil explicar como não tocam fogo nas casas inteiramente de palha e fibra de buriti e tronco de árvore. Depois fizeram o mesmo os visitantes Cuicuro e Uaurá. A noite passou-se assim e (dentro do espírito da lenda) Maivotsinim não conseguiu criar a sua tribo. Só o sol da manhã animará os paus do quarup. Aí param as melopeias dos pajés e das carpideiras. É hora das lutas singulares entre os mais fortes de cada tribo.

Essas lutas, chamadas de huka-huka, são outra parte essencial do quarup. Ocorrem no dia seguinte à festa, no centro da aldeia, reunindo homens dos povos envolvidos na cerimônia. Callado tenta acompanhar o ritmo vertiginoso dos combates, anotando os nomes dos lutadores de destaque – Quaganamum, Tacumã, Sariruí, Tuculan, além do próprio Canato – e a sequência dos confrontos, mas a certa altura se perde: “Já houve, eu sei lá, meia-dúzia ou mais uma infinidade de lutas”. A plateia de homens, mulheres e crianças acompanha animada, torce pelos parentes e às vezes interfere: “Carumã, velha Camaiurá, tem sido o *highlight* da festa. Anima os índios, espinafra. O [filho] dela perdeu uma luta e ela [...] arrancou das orelhas dele a pena amarela q tinha em cada uma”.

O corpo-a-corpo é intenso, mas as disputas não são violentas, e apenas um lutador chega a sangrar, sendo prontamente atendimento por um médico que estava lá para assistir ao quarup. Ainda assim, “dois fotógrafos civilizados fizeram questão de fotografar o sangue”, nota Callado, em mais um comentário sobre a sede da imprensa por imagens exóticas. Em seu caderno, o que ganha destaque é a “bela esportividade” dos participantes do huka-huka: “Um acabou de chapar o lombo do outro no chão e, vencedor, levanta o outro pelo braço, porque o derrubou, como se desse a mão a um irmão menor depois de um treino”. No fim do dia, brincando com o tom de um cronista esportivo, registra o saldo do torneio:

Acho que agora não vai haver mais *excitement*. Como resumo: os melhores Tacumã (Nilo) e Canato, mas Nilo + campeão ainda pela carreira tremenda que deu de cara em Sarirua. Este não lutou com mais ninguém, triste, segurando a trave dianteira do quarup como um belo bronze de enfeite.

Depois das lutas, Callado acompanha o ato final do quarup: momento em que os troncos são despídos dos enfeites, rolados até o rio e lançados correnteza abaixo. “Creio q os índios não gostariam de queimar ou utilizar de qualquer outra maneira a matéria sobre a qual trabalhou Maivotsinim”, anota.

No dia 25, quarta-feira, Callado já escreve de outro ponto do Xingu: o posto Jacaré, da FAB, a dez minutos de voo do posto do SPI onde vivem os Yawalapiti. Deixara a aldeia logo cedo pela manhã, mas agora se vê preso na base da FAB, sem avião para o Rio. Tem pressa para voltar por causa de um compromisso aparentemente prosaico: “dia 28, sábado, preciso impreterivelmente pagar a 3ª prestação da casa ao Camões – e ainda não estou com dinheiro em caixa [...] É o diabo”. Registra que, por causa disso, sua intenção inicial era ficar no máximo até dia 23 no Xingu. Só que o transporte prometido para essa data não apareceu: “Eu não quis voltar na manhã seguinte ao dia da chegada, como fez o Manzon, pois também era demais. Mas contava com um avião dentro de 24, 48, 72 hs”. Irritado, mas sem perder a ironia, anota um desabafo europeu contra o ritmo xinguano dos transportes: “*C’est tout pour le moment. God damn the whole thing*”. Porém, se o plano original tivesse dado certo, Callado não teria visto o

huka-huka e, talvez, nem o ritual fúnebre com os quarups. Não se sabe se quitou a prestação a tempo, mas o atraso do avião foi decisivo para o futuro de sua obra.

Enquanto espera no posto Jacaré, Callado repassa o turbilhão dos dias anteriores e faz planos para o futuro. “Tenho pensado em voltar aqui dentro de 7 ou 10 anos com Paulinho”, escreve, referindo-se ao filho Paulo, na época com 2 anos de idade. “Deve ser uma delícia ser um rapazola espalhado entre esses índios e esses rios, com material de pesca e uma espingardinha, exercitando a fibra e adquirindo esse senso de amplitude, de vida ‘*nature*’, genuína. Eu teria adorado isto aqui nos meus 15 anos”. Callado voltou ao Xingu até antes disso (já em 1958, com Aldous Huxley e Elizabeth Bishop), mas não há registros de que o filho tenha ido com ele nessa ou em outras viagens da época.

Em 1988, Paulo participou da equipe de produção do *Kuarup* de Ruy Guerra. Em carta ao pai, que estava no Rio, se mostrou deslumbrado com o Xingu: “Você não imagina como é bonito filmar as canoas da expedição saindo pelo Tuatuari, com o sol nascendo e a névoa saindo das águas quentes do rio com os raios solares rosados dando o tom nos vapores desse rio que é um dos mais lindos do mundo”. Paulo queria transmitir o convite da equipe para que o pai fosse acompanhar as filmagens. Na carta, repetindo o que Callado havia feito em seu diário cinco décadas antes, Paulo imagina o que seu filho, Julio, então com 7 anos de idade, pensaria do Xingu: “Gostaria imensamente se houvesse possibilidade de o Julio vir também, aí completáramos o ciclo xinguano e ele ficaria maravilhado como todos nós”³⁹. Pouco depois, junto com a mulher, Ana Arruda, Callado levou Julio para encontrar Paulo: pai, filho e neto reunidos no Xingu.

O “ciclo xinguano” se completou também de outra forma nessa viagem, quando Callado reencontrou Kanato. Assim que viu o escritor, o Yawalapiti veio lhe contar que tinha mudado de nome: Kanato agora era seu filho, ele se chamava

³⁹ A carta de Paulo é datada de 30 de junho de 1988, AC-CF 2.

Paru. Depois os dois posaram para um retrato olhando um para o outro. Entre eles, um tronco pintado para o quarup⁴⁰.

Na manhã do dia 26, depois de uma noite perdida no posto Jacaré, Callado consegue embarcar em um avião da FAB. O voo fez paradas em Xavantina e Aragarças até deixar o jornalista em Goiânia, de onde conseguiu um voo para o Rio na tarde daquela mesma quinta-feira.

Callado publicou sua reportagem no *Correio da Manhã* em 29 de julho, três dias depois de voltar do Xingu. Ele teve, portanto, apenas os dias 27 e 28 para fechar o material, que recebeu tratamento nobre, ocupando metade da primeira página da edição de domingo, além de uma coluna de texto na página 10. O título ocupava quase toda a largura da capa do jornal: “Um velório no Tuatuari: Tribos do Xingu unidas no quarup do cacique Uranaco”. A única ilustração é uma foto em preto-e-branco cedida por Jean Manzon, que pouco tem a ver com o quarup – e nem poderia, já que o fotógrafo foi embora antes de o ritual começar. A imagem mostra um casal de indígenas numa rede: o homem tocando flauta e a mulher preparando beiju. O material de Jorge Ferreira e Henri Ballot só apareceu em *O Cruzeiro* seis meses depois, na edição de 26 de janeiro de 1957. Era um dossiê de 14 páginas, fartamente ilustrado e em cores, com um relato minucioso anunciado pela chamada “Kuarup: *O Cruzeiro* mostra pela primeira vez o ritual dos índios do Brasil Central”. Em que pese a qualidade do texto de Ferreira e das fotografias de Ballot, a afirmação não está inteiramente correta. Por mais que a foto de Manzon na capa do *Correio da Manhã* não mostrasse de fato o ritual, Callado foi o primeiro a descrever o quarup na imprensa brasileira.

No diário da viagem, a última anotação, sem data, é um esboço da reportagem. Callado planeja dividir o texto em cinco partes. A primeira seria a cena de Kanato indo até a aldeia vizinha convidar os Kamaiurás para o quarup. Depois, a chegada dos povos convidados à aldeia Yawalapiti. As origens do quarup e a descrição do ritual que ele testemunhou. O torneio de huka-huka. E,

⁴⁰ CALLADO, Ana Arruda (org.). *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013, pgs. 228-231.

por fim, uma seção dedicada a um tema que ainda não tinha aparecido no caderno: a campanha pela demarcação do Parque Indígena do Xingu.

Callado vinha tratando do assunto desde 1953, como já foi dito, mas agora o argumento em defesa do Parque ganha um ângulo novo. Com o projeto parado há anos na Câmara dos Deputados, enfrentando forte oposição do governo do Mato Grosso e de proprietários de terras no estado, Callado sugere que o Parque pode trazer uma “vantagem turística”: atrair visitantes interessados em conhecer as culturas indígenas, em ver ao vivo aqueles “antepassados contemporâneos”. É uma tese desajeitada, para dizer o mínimo, e parece feita sob medida para tentar persuadir a elite mato-grossense: “Os milhares de contos que o E[stado] do Mato Grosso perder por não vender a especuladores-piranhas aquela herança esplêndida de todo um povo lhe serão retribuídos em dobro no dia em que turistas reflúem a Cuiabá e Xavantina”. Nos anos seguintes, a tese da “vantagem turística” perderia força no movimento em defesa do Parque. Mas já em 1956 Callado deixa claro que o plano dos Villas Boas não é criar “algum miserável jardim zoológico de índios”, e sim garantir terra para que os povos xinguanos pudessem viver de acordo com seus princípios:

Vamos deixar tudo isso desaparecer e lotear o Planalto como um Jardim Suburbano quando em volta de Goiás e o próprio Sertão Carioca estão por explorar? Por que fazemos do majestoso Planalto Central uma espécie de mesquinho subúrbio, por que retalhá-lo em lotes para colonos quando nem o E[stado] do Rio (nem o Sertão Carioca!) foram de todo aproveitados? Por que não marcarmos enquanto é tempo os limites do Parque Indígena do Xingu onde os índios dóceis alegres e sadios da zona xingwana poderão viver em paz e liberdade?

A versão final da reportagem segue a estrutura esboçada no caderno, com modificações pontuais. O quadro em defesa do Parque ganha destaque na primeira página, em negrito. E um título forte, expressando uma ideia que nos anos seguintes teria grande impacto tanto na obra de Callado quanto em sua atuação como intelectual público: “Um Estado Indígena no Xingu”.

2.3

Um embaixador da República do Tuatuari

Callado começou o quadro destacado na reportagem de 1956 com um “apelo ao governo”: “Crie o Parque Indígena do Xingu, uma espécie de Estado Indígena da Federação”⁴¹. Ao longo da década de 1950, ele ajudou a fazer do *Correio da Manhã* uma das principais plataformas da campanha que impulsionou a demarcação. Mesmo antes de Callado voltar da Europa, o *Correio* já acompanhava o assunto. Foi o primeiro jornal a cobrir a Roncador-Xingu, enviando um correspondente poucos dias depois de a expedição partir da Vila de São Pedro do Rio das Mortes, atual Nova Xavantina, em 1946. Mas a contribuição de Callado para o engajamento do jornal, sobretudo depois de assumir o cargo de redator-chefe, era reconhecida pelos próprios Villas Bôas: “a presença efetiva do *Correio da Manhã* aconteceu na gestão do jornalista e escritor Antonio Callado”, registram Orlando e Cláudio no livro *A marcha para o Oeste*⁴².

No prefácio que escreveu para esse livro, Callado revisita os tempos da “doce República do Tuatuari”. Assim ele batizou a comunidade formada nos anos 1950 em torno do Posto Capitão Vasconcelos, às margens do rio Tuatuari, onde os irmãos Villas Bôas e seus colaboradores mais próximos, como o médico Noel Nutels e o antropólogo Darcy Ribeiro, conviviam com os indígenas das aldeias próximas. “Fiquei estupefato de ver como, além do exaustivo trabalho de cada um, todos tinham tempo de acolher os índios, conversar com eles por cima das barreiras das línguas, conviver com eles”, escreve Callado. Ele passou por ali em quase todas as viagens que fez ao Xingu naquela década e guardou memórias idílicas: “Os curumins se juntavam à tardinha ao redor da rede do médico, não para qualquer consulta: para ouvirem o *crooner* que era Noel, para cantarem com ele”⁴³.

⁴¹ CALLADO, Antonio. Um velório no Tuatuari: tribos do Xingu unidas no ‘quarup’ do cacique Uranaco”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29.7.1956, pg. 1.

⁴² VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para Oeste: A epopeia da expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 618.

⁴³ CALLADO, Antonio. “A doce República do Tuatuari” in VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para o Oeste: A epopeia da expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13.

O anteprojeto da demarcação do Parque Indígena do Xingu foi apresentado em 1952. Naquele ano, os Villas Boas, Noel Nutels e Darcy Ribeiro levaram a ideia ao então presidente Getúlio Vargas, com apoio de uma comissão formada pelo vice-presidente Café Filho, o marechal Cândido Rondon, a antropóloga Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, e o indigenista José Maria da Gama Malcher, na época presidente do SPI. Vargas tinha lançado a “Marcha para o Oeste” na década anterior, mas a demarcação de um gigantesco território divergia do seu plano de adensar a ocupação do Planalto Central, além de contrariar interesses da elite mato-grossense, que já se movimentava para explorar as terras na bacia do rio Xingu⁴⁴. “Sua excelência, de mãos às costas, cenho cerrado, ouviu a proposta e só não se tornou mais sisudo porque foi obrigado a abrir um largo sorriso ante uma irreverência inteligente e desafogadora do dr Noel Nutels”, recordam Orlando e Cláudio⁴⁵. Meses depois, Vargas enfim autorizou o envio do projeto para a Câmara dos Deputados, mas, sem o empenho explícito do presidente, a ideia não avançou. Nos anos seguintes, a campanha do Parque ganhou força na imprensa, e teve no redator-chefe do *Correio da Manhã* um importante aliado. Se existia mesmo a República do Tuatuari, Callado foi um de seus embaixadores.

O envolvimento progressivo de Callado com o Xingu é documentado na sua correspondência com Orlando. No acervo do escritor na Casa de Rui Barbosa, encontrei um conjunto de 10 cartas de Orlando enviadas entre as décadas de 1950 e 1990⁴⁶. Os dois se conheceram em janeiro de 1952, na expedição de Brian Fawcett. “E Villas Boas, irá corresponder à expectativa?”, anotou Callado em seu diário no início daquela viagem⁴⁷. Ao final, não tinha mais dúvidas: “Cada vez gosto mais dele”⁴⁸. Numa carta de dezembro de 1952, Orlando demonstra que a recíproca foi verdadeira. Em cinco folhas de papel grosseiro escritas a lápis (“Não fica bem a um sertanista escrever a tinta em papel pautado”, brinca Orlando), ele

⁴⁴ Para mais sobre a disputa fundiária em torno do anteprojeto do Parque, ver MENEZES, Maria Lucia Pires. *Parque Indígena do Xingu: a construção de um território estatal*. Campinas: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

⁴⁵ VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para o Oeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 627.

⁴⁶ AC-CP 454. Todas as citações às cartas daqui em diante se referem a esse lote.

⁴⁷ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, p. 113.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 126.

conta a Callado em detalhes os desafios da construção de um novo posto do SPI e do contato com os Kayapó. A carta seguinte guardada por Callado é o anúncio do quarup de julho de 1956, em que recebe a missão de fazer o convite chegar a Juscelino. Mas Orlando não escreve apenas para tratar de política. O convite é também de um amigo para o outro: “ficaríamos [mais] satisfeitos em vê-lo aqui que ao próprio Presidente e comitiva”. Antes de encerrar, faz piada: “Havendo falta de avião avise com antecedência que enviaremos um jaburu”.

Depois do quarup, Callado volta do Xingu em 26 de julho. No dia 31, Orlando escreve uma carta para contar ao amigo como estão as coisas agora que os últimos brancos foram embora. “Xingu se aquieta”, ele diz: “O índio deixou de correr e guardou o urucum. As flautas estão esquecidas num canto [...] O iaualapiti já não corre, está tranquilo pois libertou seus mortos, anda agora calmo bamboando o corpo”. Junto com a carta, avisa Orlando, vai de presente uma rede xinguna: “Que os dias encalorados do Rio o encontrem, na hora da sesta, equipado para enfrentá-los”. Em 20 de dezembro, Orlando envia nova carta, dessa vez em papel todo esburacado (“O caruncho furou meu último e único papel. Vai assim mesmo”). Convida Callado para o ritual do jawari, previsto para maio do ano seguinte, e emenda uma longa queixa sobre a falta de apoio do governo federal para os trabalhadores do posto do SPI. “Basta Callado. Não se amofina os outros com as amofinações da gente”, interrompe-se Orlando, mas logo se corrige com uma frase que demonstra o grau do envolvimento de Callado com o Xingu: “Mas você não é ‘outros’, você é uma parte deste Xingu que emprestamos aí pra cidade”. E é possível entrever pela carta de Orlando que esse envolvimento vai além da amizade entre os dois: “Alguns aqui perguntam de você – Kanato, Sariruí, Mapukaiaka e outros – a eles informo: está passeando no Rio e vem logo”.

Em 1947, Callado voltou da Europa com o desejo de conhecer a Amazônia e se envolver com a causa indígena. Uma década depois, é tratado como amigo por indígenas e não indígenas no Xingu. Ele não guardou cópias das cartas que escreveu para Orlando, mas a profundidade desse envolvimento fica evidente em sua atuação nos anos 1950 em nome da grande causa da República do Tuatuari: a criação do Parque Indígena do Xingu.

Naquele momento, a imprensa divulgava amplamente o projeto, que ganhou acolhida sobretudo nos veículos dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. O próprio Chatô, depois de finalmente conseguir acompanhar um quarup – em setembro de 1956, dois meses depois de Callado – publicou artigo entusiasmado em *O Jornal*: “Que vida a dos 3 Villas Bôas! São dos maiores brasileiros de seu tempo, pelo valor da obra desinteressada que fazem”⁴⁹. O apoio de Chatô à causa, por sua vez, pouco tinha de desinteressado: nele se misturavam um fascínio exotizante pelos indígenas, o faro jornalístico para uma saga de apelo popular, o olho de empresário para o desenvolvimento da infraestrutura no interior do país, e o oportunismo político de quem buscava sempre um caminho para exercer pressão sobre os governantes. A extensa e detalhada reportagem de Jorge Ferreira e Henri Ballot sobre o quarup para *O Cruzeiro*, publicada em janeiro de 1957, era também uma peça nesse tabuleiro. O texto criticava a demora na demarcação: “Enquanto o projeto de criação do Parque Indígena do Xingu dorme comprometedoramente na Câmara Federal, ‘medidores de terra’ invadem a região, levando a doença, a prostituição, os vícios e a morte às aldeias”. E narra o momento em que Chatô ouve essas queixas de lideranças xinguanas, evocando até uma suposta ascendência indígena do empresário para justificar sua defesa do Parque:

Ferveu o sangue Caeté do diretor dos ‘Diários Associados’ que, além de manifestar, naquele instante, afetiva solidariedade para com nossos irmãos das selvas, determinou que sua cadeia de jornais e revistas desencadeasse uma campanha vigorosa em defesa da criação do Parque Indígena do Xingu, e prometeu lutar também no Senado pela expulsão dos invasores das tabas xinguanas.⁵⁰

Muito antes disso, Callado já tinha embarcado na campanha. Como vimos, em *Esqueleto na lagoa verde*, em 1953, ele declarava: “Arranjemos o Parque dos Índios”. Mas deixa transparecer uma compreensão superficial dos povos indígenas, nos quais enxerga o passado da humanidade preservado em pleno coração do Brasil, uma população atrasada e inofensiva que precisaria de proteção até ser assimilada pela “nossa civilização”:

⁴⁹ CHATEAUBRIAND, Assis. “O Quarup”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5.10.1956, p. 6.

⁵⁰ FERREIRA, Jorge. “Kuarup”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26.1.1957, p. 67.

Assim, os selvagens só se integram muito lentamente em nossa civilização, mas virão conscientes, terão eles mesmos interesse em conservar seus traços básicos, não entrarão como mendigos, pela porta da libertinagem em barranca de rio e capoeira de mato, mas como algo semelhante a um “povo” que se acerca do outro.⁵¹

Ainda assim, a ideia da demarcação de territórios tradicionais era um avanço significativo numa época em que, como Orlando observou, o Xingu, para a maioria dos brasileiros, “parecia estar em outro planeta. Dele, aliás, pouco se falava. Nem dele, nem da Amazônia em geral”⁵². Carlos Drummond de Andrade manifestou impressão parecida numa carta que enviou a Callado depois de ler o livro: “De uma excursão de repórter você extraiu um texto literário palpitante, cheio de informações diretas sobre essa infraBrasil que os brasileiros desconhecem”⁵³.

Em 1954, quando voltou ao Xingu para fazer a reportagem que não chegou a ser publicada no *Correio da Manhã*, Callado tinha uma percepção mais complexa da atuação dos Villas Bôas e do projeto do Parque. No diário dessa viagem, ele se pergunta se o amor dos irmãos pelos indígenas “acabará por destruir seu objeto”. E identifica uma contradição no centro da empreitada dos sertanistas: “cada novo campo de pouso que civiliza a mata leva + brancos ao interior e leva a ambição de terras q devora os brancos”. Diferentemente do que acontece em *Esqueleto na Lagoa Verde*, a ideia de “civilização” deixa de ter apenas um sentido positivo. A solução para o paradoxo aparente, reflete Callado, é a demarcação do território e a preservação dos modos de vida dos povos locais: “O amor dos Villas pelos índios encontra sua forma racional e lógica no Parque Indígena Nacional”⁵⁴.

Para ajudar a criar condições favoráveis ao projeto na opinião pública, Callado se valia de todas as plataformas a seu alcance. No mesmo ano de 1954, em outubro, o espetáculo *Frankel* teve sua primeira montagem experimental no

⁵¹ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na lagoa verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 87.

⁵² CALLADO, Ana Arruda (org.). *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013, p. 210.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ AC-PI 138.

Teatro Duse, no Rio de Janeiro. Apesar das 3 horas de duração, a estreia ficou lotada até o final, com direito a uma presença ilustre: Café Filho, o aliado da República do Tuatuari, que havia assumido a presidência depois do suicídio de Getúlio Vargas, dois meses antes⁵⁵. A peça mostrava quatro personagens – uma antropóloga, um geólogo, um jornalista e um indigenista – à espera de resgate no Xingu depois da morte do líder de sua expedição, o cientista alemão Frankel. Ele investigava a origem do impulso para a guerra na consciência humana, por isso estimulava conflitos entre os povos xinguanos e analisava suas reações. O único que se opõe a esse método é o indigenista Camargo. No fim, ele confessa ter matado Frankel para interromper seus experimentos cada vez mais violentos.

O personagem do indigenista é claramente inspirado nos irmãos Villas Boas, na época já conhecidos do grande público. Assim como eles, Camargo atua como uma espécie de mediador entre os indígenas e o restante da sociedade brasileira, expondo as ameaças enfrentadas pelos povos xinguanos. É o que se vê numa cena em que o indigenista explica, em longo monólogo, como se dá a luta contra os vários tipos de invasores que tentam expulsá-los de seus territórios. Nesse momento, Callado como que suspende a ação da peça para revelar ao público o mecanismo que desumaniza indígenas e cria as condições para que eles sejam massacrados:

Bastava que você acompanhasse um pouco a vida desses pobres índios pelos jornais do Rio para ver como a coisa se processa. De repente aparecem notícias de que um selvagem bando de índios xavante ou caiapó atacou seringueiros. A opinião pública de todo o país fica alertada: índios brabos estão atacando caboclos trabalhadores. Que coisa insuportável! Vem então a segunda série de telegramas: os tais índios não só são selvagens completos como ainda são antropófagos! Matam os brancos e comem depois. Quando então se inaugura a terceira fase, isto é, quando vêm as notícias de que os pobres seringueiros revidaram e mataram índios, todos acham muito bem feito. (...) Mas agora ouça a verdade. O que acontece é sempre a mesma coisa. Seringueiros ou castanheiros ou grileiros de terras indígenas vão invadindo zonas de tribos ainda não amansadas pelo Serviço de Proteção. (...) Expulsos das terras onde têm caça, peixe, árvores, condições de existência, em suma, param na beira do deserto, ou nos limites das terras de alguma

⁵⁵ MOLINA, Diego. *Teatro Duse: o primeiro teatro-laboratório do Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2015, p. 142-144.

outra tribo, e se defendem em desespero, fincam pé no chão. Basta, então, que atirem uma flecha, ou nem isto, basta que não saiam da frente para que os invasores os matem. Apavorados, acuados, os índios reagem, ferem ou matam alguns, e lá seguem as histórias de arrepiar os cabelos para as capitais dos estados em questão e depois para o Rio e São Paulo. (...) Enquanto não é acalmada, a opinião pública não se indigna ou nem dá atenção às notícias de chacinas de índios.⁵⁶

Depois de ter boas críticas na primeira temporada, a peça reestreou em grande estilo em 1957, no Teatro Dulcina, com Paulo Autran e Tônia Carrero no elenco. Mas foi um fracasso de público e, por sugestão do próprio Callado, saiu de cartaz depois de três dias. Para Autran, a causa do fiasco foi evidente: “‘Índio brasileiro’, na época, era um assunto desinteressante”⁵⁷.

Não para Callado, claro. Durante toda a segunda metade da década de 1950, já no cargo de redator-chefe do *Correio da Manhã*, ele fez do jornal um dos principais veículos da campanha pela criação do Parque. Assim como na reportagem sobre o quarup, também defendeu o projeto em seu relato sobre a visita de Aldous Huxley e Elizabeth Bishop ao Xingu, em 1958. E aproveitou para propor que o nome da reserva homenageasse o pioneiro do indigenismo brasileiro, morto em janeiro daquele ano:

Para preservarmos nossos índios e a vida que ali vivem, precisamos fundar sem mais delongas o Parque Indígena do Xingu – ou Parque Rondon, como acha este jornal que deve ser chamado. Ainda agora, no Xingu, Cláudio Villas Bôas me dizia:

– Rondon passou a ser o grande homem que foi no dia em que deixou a ideia de “proteger” o índio e adotou a atitude de respeitar o índio tal como é.

Esse é o objetivo do Parque.⁵⁸

Como redator-chefe, Callado também tinha a prerrogativa de pautar reportagens. Isso explica a frequência com que o *Correio* trata do assunto durante

⁵⁶ CALLADO, Antonio. “Frankel”. In: *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, pp. 178-179.

⁵⁷ AUTRAN, Paulo. *Sem comentários*. Cosac Naify: São Paulo, 2005, p. 86.

⁵⁸ CALLADO, Antonio. “Um sábio entre os bugres: Huxley visita os índios do Xingu”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21.8.1958, pp. 1 e 4.

sua gestão, entre 1954 e 1959. Em 30 de outubro de 1954, por exemplo, a manchete no alto da primeira página era: “Ilegais as doações de glebas do Parque Xingu”. O texto, não assinado, denunciava a venda irregular de terras do estado do Mato Grosso que, de acordo com o anteprojeto, deveriam ser destinadas ao Parque. A cobertura continuou pelas semanas seguintes, inclusive com a colaboração de um enviado especial ao Mato Grosso, o repórter Dilton Motta. Nenhum outro grande jornal noticiou o assunto com o mesmo destaque. Em 13 de fevereiro de 1958, um espaço generoso na primeira página foi ocupado por uma entrevista do diretor do Museu Nacional, José Candido de Melo Carvalho, com a chamada “Parque Rondon, salvação dos índios e da natureza” e destaque para os alertas feitos pelo entrevistado: “se não criarem o Parque já, dentro de alguns anos nada mais adiantará”, “homem civilizado destrói mais que índio”⁵⁹. No dia seguinte, o jornal trazia novamente na capa uma reportagem sobre o assunto, sem assinatura. Dessa vez, para não deixar dúvidas, incluía um enorme mapa do estado do Mato Grosso, com a área proposta para demarcação desenhada em negrito, e a legenda “Parque Indígena – Extensão mais do que justificada”⁶⁰.

Quando o Parque enfim foi criado, em abril de 1961, por um decreto do presidente Jânio Quadros, Callado não trabalhava mais no *Correio da Manhã*. Talvez por isso, o jornal noticiou timidamente a conquista, com uma nota burocrática escondida na página 12, sem direito a chamada na capa⁶¹. Muito pouco para o veículo que tinha abraçado a causa a ponto de fazer campanha até pelo nome da reserva.

Não há registros públicos da resposta de Callado à criação do Parque. Mas um caderno que mantinha na época permite entrever como se sentiu. Em 1961, ele chefiava a equipe responsável pela primeira edição da enciclopédia Barsa, que contava com a colaboração de alguns dos principais intelectuais brasileiros, como Alceu de Amoroso Lima, Aurélio Buarque de Hollanda, Austregésilo de Athayde, Jorge Amado, Otto Maria Carpeaux e Paulo Francis. Nas horas vagas, Callado

⁵⁹ “Parque Rondon, salvação dos índios e da natureza”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13.2.1958, p.1.

⁶⁰ “Fundação Brasil Central será beneficiada com Parque Rondon”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14.2.1958, p.1.

⁶¹ “Parque Nacional do Xingu preservará população aborígine”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18.4.1961, p.12.

trabalhava em um romance que, ainda sem forma nem tema bem delineados, começava a se inspirar mais em suas experiências no Xingu. E num de seus cadernos, uma espécie de diário da composição do livro, ele reage à criação do Parque – e ao risco que ele correu com a renúncia de Jânio Quadros apenas quatro meses depois do decreto. Numa anotação sem data, mas claramente feita ainda sob o impacto da renúncia, Callado decide dar um novo rumo ao incipiente romance: “Livro sem outro enredo que não seja a luta pelo Parque”, escreve. Planeja uma narrativa em duas partes: a primeira definida pelas “esperanças de fundação do Parque Indígena do Xingu frustradas pela morte de Getúlio Vargas” e a segunda, pelas “novas esperanças frustradas com a renúncia de Jânio”. Um personagem, que seria o primeiro diretor do Parque “absolutamente recém-criado mas que volta ao caos com a renúncia”, assim define o desamparo em que ficam seus defensores com a possibilidade de a campanha de uma década morrer na praia: “De qualquer forma, acho difícil que ainda existam índios no Brasil dentro de 25 anos. E eu garanto que cada brasileiro vai nascer pior a partir do dia em que não houver mais selvagens no Brasil”⁶².

O Parque resistiu à turbulência da renúncia de Jânio, e o romance que Callado esboçava ganhou nova dimensão com o passar do tempo e as reviravoltas na política brasileira. Lançado afinal em 1967, o livro evocava o Xingu desde o título, mas a trama já não se limitava ao destino do Parque. *Quarup* traçava um painel ambicioso de uma década convulsiva na sociedade brasileira, entre o suicídio de Getúlio Vargas e o golpe de 1964. O fio condutor da narrativa era o percurso de tomada de consciência do padre Nando, que vai ao Xingu sonhando fundar uma comunidade utópica inspirada em uma missão indígena, mas, em vez disso, enreda-se nos dramas concretos dos povos locais e dos indigenistas. A trajetória de Nando o levará ao trabalho de base com agricultores no interior de Pernambuco, às vésperas do golpe e, no fim do romance, ao limiar da luta armada.

A ditadura impunha um novo horizonte de preocupações para Callado. Mas ele não perdia de vista a questão dos direitos indígenas. Mais de dez anos depois de *Frankel*, fez de outro personagem indigenista, Fontoura, uma das

⁶² CALLADO, Antonio. Caderno sem título com notas sobre *Quarup*, AC-PI 257.

figuras centrais de *Quarup*. Ele tem participação decisiva em dois pontos da trama. Primeiro, em 1954, quando recebe Nando e outros integrantes de uma comitiva que sai do Rio de Janeiro para acompanhar o ritual do quarup. Fontoura apresenta a Nando a realidade do Xingu, bem diferente do que o padre havia idealizado: em vez de almas puras intocadas pelos vícios da civilização, povos com histórias e culturas próprias, enfrentando ameaças concretas como fome, doenças e invasões, mas também cultivando ativamente suas festas e rituais. Engajado na campanha pelo Parque, Fontoura rechaça a ideia de que os indígenas são povos atrasados que precisam ser integrados à sociedade brasileira: “Nem tudo é fazer cidade e abrir estrada”, diz ele, defendendo que os xinguanos “não têm de ajudar merda nenhuma de Brasil a crescer. Nós é que devemos a eles e não o contrário”⁶³. Essa ideia é cristalizada em um diálogo entre Nando e Fontoura, que aponta no mapa do Mato Grosso o território onde pretendiam demarcar o Parque, um “Estado dos Índios” totalmente cercado:

— Arame farpado? — disse Nando.

— Sim — disse Fontoura. — Eletificado. Contra o Brasil⁶⁴.

Em 1954, a esperança pela demarcação é frustrada pelo suicídio de Getúlio, como Callado havia planejado no caderno de esboços. Mais tarde, em 1961, no caos posterior à renúncia de Jânio e à incerteza sobre o destino do Parque recém-criado, Nando está trabalhando no Serviço de Proteção aos Índios, no Xingu. Com Fontoura e um grupo de pesquisadores, participa de uma expedição ao Centro Geográfico do Brasil, que ficaria num ponto próximo à área demarcada. Em seu percurso, a expedição se depara com indígenas do povo Kreen-Akarore, cujas terras haviam ficado fora dos limites do Parque. Ameaçados por garimpeiros e desalojados por obras do governo, eles vivem doentes e na penúria, em fuga constante. Quando os integrantes da expedição topam com os indígenas, no meio da noite, seus corpos magros iluminados pelas lanternas parecem “reduzidos a couro esticado nas varas do esqueleto”⁶⁵. Ao final da jornada, naquela que é a imagem mais conhecida da obra de Callado, a expedição descobre que no ponto exato que marca o centro do país há um enorme

⁶³ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2006, pp.175-176.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 152.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 331.

formigueiro. Debilitado pelo esforço e pelo alcoolismo, depois de anos dedicado a uma causa que naquele momento julgava perdida, Fontoura desaba sobre o formigueiro e morre coberto de saúvas, com o ouvido colado à terra, acreditando escutar um rumor distante, o coração do Brasil.

Em seu estudo sobre os artistas e os movimentos de esquerda no Brasil dos anos 1960, Marcelo Ridenti cita Callado como exemplo de uma linha de atuação que chama de “romantismo revolucionário”. A utopia da época “valorizava acima de tudo a vontade de transformação, a ação dos seres humanos para mudar a História”, escreve Ridenti, apontando que o modelo para essa nova humanidade estaria “no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do ‘coração do Brasil’, [...] como o indígena exaltado no romance *Quarup*”⁶⁶. Essa leitura do romance, que não é exclusiva de Ridenti, desconsidera a complexidade do olhar de Callado sobre a situação dos povos indígenas no Brasil, tanto em *Quarup* quanto em suas outras frentes de atuação naquele momento. A trajetória do padre Nando em direção à luta armada pode até ser enquadrada na ideia de “romantismo revolucionário”. Mas, como vimos, a expedição ao “coração do Brasil” não exalta indígenas idealizados. Pelo contrário: denuncia a miséria enfrentada por um povo que ainda não tinha, na época, sua terra demarcada.

A preocupação de Callado aqui parece estar mais ligada ao que Vera Lúcia Follain de Figueiredo, em sua leitura da ideia de utopia na obra do escritor, chamou de “falência do projeto histórico”⁶⁷. O final de *Quarup*, que se abre para as possibilidades da luta armada, pode até ser considerado “otimista” num momento anterior ao AI-5 – otimismo que se estilhaçaria nos romances desencantados de Callado na década de 1970, sobretudo *Bar Don Juan* e *Reflexos do baile*. Na década que se passa entre a viagem de 1956 e a publicação de *Quarup*, os projetos de nação da geração de Callado sofrem um duro revés. Os planos utópicos de refundação nacional desmoronam e dão lugar, primeiro, ao voluntarismo da luta armada, e depois à frustração. Algo desse desencanto já está

⁶⁶ RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, pp. 8-9.

⁶⁷ FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago/Ed. Uerj, 1994, pp. 95-107.

prefigurado na penúria dos indígenas desterrados de *Quarup*. É como se Callado enxergasse que a ruptura representada pela ditadura tornaria o Parque Indígena do Xingu uma conquista difícil de manter, e mais ainda de replicar.

Ainda assim, o embaixador da República do Tuatuari continuava a desempenhar seu papel. Nos anos 1970, depois de deixar o *Jornal do Brasil*, colaborou com alguns dos principais veículos da época, sempre retomando o tema dos direitos indígenas. No *Opinião*, em 1973, voltou a falar dos Kreen-Akarore⁶⁸, que os Villas Bôas tinham enfim conseguido contatar e abrigar no Parque, onde ficaram refugiados até conseguirem a demarcação de suas terras, 20 anos depois. Ainda em 1973, na revista *Argumento*, criticou a mutilação da parte norte do Parque Indígena do Xingu pela construção de uma rodovia e defendeu a criação do Parque Nacional do Pantanal⁶⁹. Em 1978, passou a escrever semanalmente na *Isto É*, onde passou os cinco anos seguintes comentando a lenta e acidentada redemocratização do país, sem jamais deixar de olhar para a situação dos indígenas. Denunciou um decreto do governo Geisel que desalojaria povos inteiros de seus territórios tradicionais, saudou a atuação de Mario Juruna como deputado federal, apoiou a campanha pela demarcação do território dos Yanomami, nos moldes daquela que ele havia impulsionado nos anos 1950: “Não haverá nenhuma esperança de permitirmos, como no Xingu, que outro grupo indígena prolongue no seio da mata sua vida, prolongando, assim, a vida da floresta?”⁷⁰ Nos anos 1990, voltou a ser colunista de jornal, dessa vez na *Folha de S. Paulo*, e os ataques aos direitos indígenas eram uma pauta constante:

Os índios não tem futuro porque nós continuamos atados ao passado. Os índios estão parados no espaço cada vez menor das terras que a eles pertencem, mas nós não demarcamos. E nós parados no tempo, inimigos como sempre dos índios, da floresta, inimigos de nós mesmos, já que um país não se faz de garimpeiros, nem de patrões de garimpeiros.⁷¹

⁶⁸ CALLADO, Antonio. “A extinção da tribo dos Villas Bôas”, *Opinião*, Rio de Janeiro, 12.2.1973, p. 4.

⁶⁹ CALLADO, Antonio. “Destruição da natureza: ações e omissões”, *Argumento*, Rio de Janeiro, out. 1973, pp. 104-106.

⁷⁰ CALLADO, Antonio. “Ianomâmi: da mata grande à senzala” in *O país que não teve infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 190.

⁷¹ CALLADO, Antonio. “Indiana Jones vem ao Brasil dos Villas Bôas” in *Crônicas de fim do milênio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, p. 185.

Em artigo que compila crônicas da *Isto É* e da *Folha* sobre esse tema inéditas em livro, Rita Olivieri-Godet afirma que Callado foi “um dos grandes e raros escritores brasileiros cuja obra romanesca e jornalística é atravessada pela questão indígena, indo além de um interesse pontual ou esporádico”.⁷² Por isso mesmo, com o passar do tempo, calejado pela brutalidade da ditadura e desencantado com os rumos da redemocratização, ele vai perdendo as esperanças no Brasil e, em particular, na luta pelos direitos indígenas. Mas nunca deixa de valorizar a conquista representada pelo Parque. Em entrevista a Marcelo Ridenti, em 1996, poucos meses antes de morrer, define o Parque como “uma experiência única”: “tirando o Parque Indígena no Xingu, não tem mais nada, os índios estão se acabando”, ele diz, “não há nada de bom, certo, que tenha grande apoio no Brasil”.⁷³ No prefácio ao livro dos Villas Boas, resume o tamanho do feito: o que espanta é que o Parque “dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas”. E revela o lugar que o Xingu ocupa em sua mente: “Quando o Brasil em geral fica difícil de aturar, eu fecho os olhos e me refugio no pedaço do Brasil onde corre o Tuatuari”⁷⁴.

A amizade entre Callado e Orlando também durou. A última carta conhecida é de 1994, quando o escritor foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, aos 77 anos. O sertanista, que tinha 80, escreveu para dar um puxão de orelha no amigo:

Estava eu lembrando que aqueles – segundo os índios – que viram ou viveram um Kuarup seriam também lembrados na hora da desencarnação – embora no nosso caso um dilúvio d’água ainda passará sob a ponte. Estou frustrado... Você saiu da lista, já que passou a imortal! Quem há que possa “kuarupar” um imortal?

A julgar pelo conjunto de cartas preservadas na Casa de Rui Barbosa, os dois se corresponderam por toda a vida. Depois do lançamento de *Quarup*, por

⁷² OLIVIERI-GODET, Rita. “O jornalista, cronista e escritor Antonio Callado e a questão dos direitos indígenas no Brasil” in LUSTOSA, Isabel e OLIVIERI-GODET, Rita (orgs.). *Imprensa, história e literatura*, vol. 3: *Jornalista por acaso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e 7 Letras, 2021, p. 123-140.

⁷³ RIDENTI, Marcelo. “A guerrilha de Antonio Callado” in KUSHNIR, Beatriz (org.). *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 46-47.

⁷⁴ CALLADO, Antonio. “A doce República do Tuatuari” in VILLAS BOAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para o Oeste: A epopeia da expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 12-13.

exemplo, Callado enviou um exemplar do livro para os Villas Bôas no Xingu. Os irmãos estavam viajando, demoraram a receber a carta, e Orlando só respondeu em 10 de março de 1968. Em meio a queixas cifradas contra a ditadura, com menções à má vontade dos sargentos do transporte aéreo e ao céu “embolado de nuvens pretas, prenes de faíscas ameaçadoras”, Orlando conta que leu o romance e gostou. Não pela saga do padre Nando, nem pela promessa final de revolução armada, mas pelo que o livro guardava, para o futuro, do dia a dia da República do Tuatuari:

No *Quarup* está o Xingu ainda de hoje. As mesmas conversas. A espera interminável do Presidente que está sempre pra vir e não vem. Os pequenos problemas que parecem ser o problema do mundo. *Quarup*, daqui a alguns anos, será para nós a maneira mais fácil de voltar ao Xingu. A não ser que a terra e a saúva, enciumados, segurem a gente também.

Do quarup a *Quarup*

Em 26 de julho de 1956, já no fim da viagem, a bordo do voo de volta ao Rio, Callado registra no caderno algumas impressões sobre as pessoas que conheceu no Xingu. “Sempre me parece que tomei poucas notas para futuras referências, que fiz poucos esboços dos tipos que encontrei”, escreve, numa reflexão que parece se aplicar tanto à viagem de 1956 quanto a outras situações em sua vida de jornalista e escritor. Em seguida, anota uma série de breves descrições de integrantes da expedição: Alexandre Baumgarten, Jorge Ferreira, “a pobre alemã Herta, que mal vi”, uma dupla de missionários americanos “prontos a pregar a quem chegasse perto e fundamentar tudo q diziam na Bíblia”. Ainda impressionado pelo contato com todas aquelas “pessoas bem recortadas contra o fundo da floresta”, Callado faz uma observação que ajuda a entender um procedimento fundamental de sua obra: “Que mina de tipos e situações é este Brasil selvagem do Planalto”.

Décadas depois, numa entrevista, Callado relembrou o impacto que as viagens ao Xingu tiveram em sua obra: “A impressão que aquilo me causou foi tão forte, tão profunda, que guardei aquele material para depois elaborar um romance”⁷⁵. Lançado uma década depois de Callado testemunhar o ritual xinguano que daria título ao livro, *Quarup* reunia muitos dos tipos e situações encontrados naquela e em outras viagens. Contudo, a relação entre jornalismo e literatura em sua obra está longe de ser um processo linear. Não se trata aqui apenas de um escritor que aproveita a apuração jornalística para colher detalhes que mais tarde serão burilados em forma de ficção. Repórter, ficcionista, cronista e dramaturgo, Callado era, antes de tudo, um intelectual que participava do debate público por meio da escrita, disseminando suas intervenções em uma miríade de textos de diferentes gêneros. Exemplo disso é a forma como o Xingu aparece em sua obra, em uma rede de escritos pessoais, ficções, reportagens, peças teatrais e crônicas produzidos ao longo da carreira. Nesta seção, vamos partir do cotejo

⁷⁵ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Antonio Callado: literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 4

entre o diário de 1956 e o romance *Quarup* para discutir aspectos marcantes do trabalho de Callado, como a relação entre viagem e escritas e a contaminação produtiva entre textos de diferentes registros. A discussão inclui um outro item dos arquivos do escritor na Fundação Casa de Rui Barbosa: um caderno de notas que Callado manteve enquanto escrevia *Quarup*, nos anos 1960.

3.1

“Colho muito material fora de mim mesmo”: viagem, arquivo, escritas

Em 1967, pouco depois de lançar *Quarup*, Callado foi questionado sobre até que ponto o romance era moldado pelas viagens que fizera como repórter nos anos anteriores. Incomodado com as comparações recorrentes entre seu trabalho na imprensa e seus livros de ficção, desconversou com uma piada: o jornalismo era, para ele, “o setor onde o romancista se informa”⁷⁶. Mas essa afirmação despretensiosa abre uma trilha promissora de leitura: investigar a função da viagem em seu trabalho pode lançar nova luz sobre a construção de sua obra. Da zona rural de Pernambuco ao Xingu, da Inglaterra ao Vietnã, Callado fez da viagem um procedimento recorrente: em seu trabalho, ela é método de pesquisa, estratégia narrativa e objeto de reflexão. Por isso, ao ler Callado, é mais interessante pensar não em “escrita de viagem” e sim numa relação produtiva entre viagem e escritas. O material recolhido nos arquivos que ele produzia nessas viagens, como o caderno de 1956, se disseminava numa rede de escritos jornalísticos e ficcionais.

Para entender o papel da viagem na trajetória de Callado, vamos recorrer a uma conferência realizada por ele em 1974 na Universidade de Cambridge, intitulada “As três viagens do escritor latino-americano”. Na palestra, ele tratou da tradição de intelectuais periféricos que mantêm uma relação ambígua com seus países de origem. Em um primeiro momento, afirma Callado, esses autores se

⁷⁶ CALLADO, Antonio, “‘Quarup’: a dança do Brasil de hoje”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1.8.1967, Caderno B, p. 5.

lançam a “uma viagem de fuga, um movimento de afastamento da América Latina, do seu atraso, do caos de sua vida política e desse mal infantil perene, os golpes militares”⁷⁷. Durante a temporada no exterior, em geral numa metrópole europeia, tomam consciência de sua condição de periféricos e embarcam de volta determinados a redescobrir a terra natal. “De espírito contrito e cheios de remorso”, ironiza, “nadam contra a corrente, subindo rios e quedas d’água, procurando por caboclos e *cholos*, por peões e índios”⁷⁸. Engajados na esfera cultural ou na política, procuram colaborar de alguma forma para a superação do atraso que os havia impelido a deixar o país. Mas confrontam-se agora com os limites de sua condição de intelectuais em nações marcadas por contradições históricas e desigualdades crônicas. Empreendem então nova viagem, dessa vez aos epicentros da revolução ao redor do mundo (naquele momento, União Soviética, China e Cuba, por exemplo), em busca de modelos para replicar, quase sempre em vão. Mesmo eventualmente fracassando nos objetivos a que se propunham, esses três tipos de jornada são descritos por Callado como “viagens de educação” ou “de formação” para o escritor latino-americano.

Essas reflexões permitem situar Callado na linhagem de escritores brasileiros que construíram suas obras e intervíram no debate público a partir das imbricações entre viagem e escrita. Em um ensaio sobre a prática do deslocamento na literatura brasileira, Renato Cordeiro Gomes e outros⁷⁹ identificam três matrizes de “viagem de escritor” entre nós. A primeira é a temporada na Europa como estágio obrigatório na educação dos intelectuais brasileiros na virada do século XIX para o XX. Símbolo disso é o Joaquim Nabuco de *Minha formação*, que, ao relembrar seus tempos na França, relata um sentimento de “duplo exílio”, de inadequação tanto em solo europeu quanto em brasileiro. A segunda matriz é a viagem modernista ao interior do Brasil, em que intelectuais buscam resolver esse dilema buscando contato com as culturas populares e a realidade das regiões esquecidas pelos grandes centros. Mário de

⁷⁷ CALLADO, Antonio. “As três viagens dos escritores latino-americanos”, in *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 54.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 54.

⁷⁹ GOMES, Renato Cordeiro et al. “Historic displacements in twentieth-century Brazilian literary culture”. In: KADIR, Djelal; VALDÉS, Mario (Org.). *Literary cultures of Latin America: a comparative history*. 1ª ed. Oxford; New York: Oxford University Press, 2004, v. 3, part 4: *Literary Culture in the Twentieth Century*, p. 473-502.

Andrade foi o pensador por excelência dessa vertente, quase como uma resposta ao que chamava de “moléstia de Nabuco”. A terceira matriz é a viagem no plano da linguagem, puramente textual, como em Machado de Assis⁸⁰.

É interessante notar que, na conferência, Callado apresenta uma outra tipologia de “viagem de escritor”, característica dos anos 1960 e 70: a viagem em busca da revolução. Mas as outras viagens de que ele trata de certa forma articulam as duas primeiras matrizes enumeradas no ensaio discutido acima: a temporada de formação na Europa, que confronta o intelectual periférico a suas limitações, e o mergulho no interior do Brasil que, sem resolver essas contradições, abre no entanto um novo campo de reflexão e atuação para o intelectual. Essas formas de viagem, dizem os autores do ensaio, são “caminhos opostos mas não excludentes”:

Constituem as duas matrizes básicas de viagens que contribuíram para a formação dos escritores brasileiros, divididos entre os cânones universais e a diversidade mesclada e desnorteante das margens. Correspondem, também, a motivos frequentes em nossa produção literária – a aventura heroica, a atividade intelectual posta romanticamente a serviço de uma causa, a descoberta de uma origem ou destino para o país⁸¹.

A trajetória de Callado é representativa dessa formação intelectual e literária por meio da viagem. Como vimos na seção anterior, nos anos 1940, quando retornou da temporada europeia tomado pela “fome de Brasil”, tratou logo de ir à Amazônia. Mais tarde, em *Quarup*, faria uma releitura radical da postura de intelectuais que, como ele, se embrenharam no interior do país em busca de “origem ou destino” para a nação. Na conferência, ao revisitar o momento em que embarcou de volta ao Brasil, Callado comenta que o reencontro com o país se traduziu, para ele, em uma busca pelo contato com a realidade dos povos indígenas:

À distância e depois de tantos anos no exterior, comecei a pensar no Brasil como um lugar fervilhando de novos assuntos, um país na verdade ainda, em muitos sentidos da palavra, inexplorado. E um

⁸⁰ Aqui os autores citam SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁸¹ GOMES, Renato Cordeiro et al, *Ibidem*.

tema, uma realidade dolorosa na vida brasileira sobre a qual sempre tinha refletido muito – sem que isso tivesse resultado em nenhuma situação concreta ou me levado a escrever algo – era a difícil situação dos índios brasileiros [...] Agora, em Londres, senti que queria voltar, conhecer os índios, me envolver, numa palavra, pertencer a algum lugar⁸².

Nos anos seguintes, depois de uma série de viagens ao Xingu, Callado seria levado a escrever regularmente sobre os povos indígenas. Para discutir como se deu a circulação dos escritos entre seus arquivos, como o caderno de 1956, e as obras publicadas, como *Quarup*, vamos antes analisar que tipo de registro ele produziu nas viagens. Do que estamos falando quando falamos dos arquivos de Callado?

O acervo mantido na Fundação Casa de Rui Barbosa mostra que ele era um arquivista dedicado. Guardou diários de viagens realizadas entre as décadas de 1940 e 1980, rascunhos de textos publicados e inéditos, cartas de amigos artistas e intelectuais, contratos de livros, traduções e adaptações de suas obras. Há nisso algo do impulso descrito por Phillipe Artières como “arquivar a própria vida”, prática comum à maioria das pessoas e que, nesse caso, se traduz em um gesto de autor que, cioso da própria reputação, deseja legar à posteridade “uma construção de si mesmo”⁸³. Por outro lado, é difícil enxergar nos cadernos de Callado o que Artières chama de “intenção autobiográfica” ou “preocupação com o eu”. No caderno de 1956, há momentos em que Callado volta o olhar para si mesmo, claro. Depois de registrar os esboços dos tipos que conheceu no Xingu, as “pessoas bem recortadas contra o fundo da floresta”, ele comenta que, tendo passado maus bocados nas viagens anteriores, já se sente à vontade na rotina do posto do SPI. “Quanto a mim, acho que minha iniciação foi tão dura no Posto Culuene do Aires Câmara Cunha que tudo desde então no mato tem me parecido agradavelmente melhor do que eu esperava”, conclui: “Creio que estou apto a suportar de bom grado as agruras que vierem, aqui nestas paragens” Mas o caderno não é exatamente um “diário íntimo”, pois Callado parece menos preocupado em refletir sobre si mesmo do que em registrar observações sobre o

⁸² CALLADO, Antonio. “As três viagens dos escritores latino-americanos”, in *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 61-62.

⁸³ ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. Trad. Dora Rocha. *Revista Estudos Históricos*, v. 11 n. 21 (1998), p. 11.

funcionamento das sociedades indígenas, suas lutas concretas e suas cosmogonias, e sobre a atuação de antropólogos e indigenistas no Xingu. Naturalmente, é o olhar de Callado que capta esses registros, o que dá a eles uma dimensão inequivocamente pessoal, mas a subjetividade do autor não é o assunto maior desses escritos.

O diário de 1956 também não é um “caderno de escritor”, ao menos no sentido convencional. Não há ali o que Barthes chamou de “forma fantasiada” de uma obra. Durante a preparação de um romance, diz Barthes, “aquilo que eu fantasio é a *fabricação de um objeto*; eu me imagino fabricando esse objeto, programando as fases de sua fabricação, como um artesão: pensar na *obra-prima*”⁸⁴. Com isso Barthes se refere às muitas dimensões da construção de uma obra de ficção: tema, estrutura, estilo, enfim, tudo que pode ser de alguma forma planejado, antecipado, fantasiado pelo escritor. No caderno de 1956, Callado toma notas, reflete sobre o que vê, organiza a reportagem que pretende publicar. Pode-se dizer que já prepara o romance vindouro? Talvez, afinal, a experiência ali registrada informará a composição de *Quarup*. Mas no caderno de 1956 não há nada que se aproxime do que Barthes descreve: nele Callado ainda não esboça ficções, não fantasia o livro.

Nos arquivos de Callado na Fundação Casa de Rui Barbosa há um outro caderno que revela mais plenamente a “forma fantasiada” de *Quarup* – ou melhor, as muitas formas que a fantasia do romance assumiu enquanto Callado nele trabalhava. Em entrevistas, Callado sempre afirmou que, para concluir o livro, precisou pedir uma licença de dois anos do *Jornal do Brasil*, entre 1965 e 1967⁸⁵. Este caderno mostra que ele começou a esboçar o romance pelo menos cinco anos antes disso – a primeira anotação é datada de 26 de dezembro de 1960. É um registro totalmente distinto do diário da viagem de 1956. Na primeira entrada, por exemplo, já se delineia o conflito essencial do personagem ainda sem nome que

⁸⁴ BARTHES, Roland. *A preparação do romance. Vol. II; A obra como vontade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005, p. 104-105.

⁸⁵ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado”. In: *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982, p. 241.

viria a ser o protagonista de *Quarup*, o padre Nando, dividido entre o chamado da religião e o impulso de se entregar à vida material e ao engajamento político:

Dilema do herói: usufruir, talvez quem sabe fazê-lo durar, (1) o patriarcalismo ainda existente no Brasil [...] baseado numa religião branda e feliz, ou (2) ceder à violência sartreana como um meio de “changer le monde” e daí “changer la vie”.⁸⁶

Callado tinha o hábito de manter cadernos de rascunho enquanto trabalhava nos romances. Em 1985, ele foi convidado a falar sobre isso em um seminário de pesquisadores especializados em manuscritos, realizado na USP. Na ocasião, apresentou três cadernos com esboços do romance *Concerto carioca*, publicado naquele mesmo ano. Os cadernos passaram de mão em mão entre os participantes, enquanto ouviam Callado contar sobre seu hábito de escrever a primeira versão à mão, e depois ir depurando o texto conforme ele era datilografado, sua mania de rabiscar aquilo que desistia de usar, para não se confundir mais tarde, e sua aversão a mostrar esses rascunhos a outras pessoas enquanto ainda estava trabalhando no livro. Em seu depoimento, ele define o momento da escrita nos cadernos como a “fase do caos anterior”. Essa é “a fase mais importante” do seu processo criativo, ele diz, porque a composição do romance “vai se fazendo dentro de você, em você ter muito conhecimento do que está ocorrendo”. Callado descreve os cadernos como um laboratório onde ele vai testando combinações de diferentes elementos: “há ideias literárias anteriores que você pôs de lado e que, de repente, renascem dentro de você, você retoma, elas estavam mais ou menos esquecidas ou enterradas e devido à nova pesquisa, elas desaparecem”⁸⁷.

O caderno com esboços de *Quarup* é um laboratório a todo vapor. As notas, a princípio datadas, com o passar do tempo vão se sobrepondo sem marcas temporais bem definidas. Percebe-se que são feitas em ocasiões diferentes, mas só de vez em quando recebem data: a última é de 29 de junho de 1965. A certa altura fica claro que Callado trabalha ao mesmo tempo em outro caderno, ou mais de um, porque as notas ficam escassas e parecem servir como lembretes para

⁸⁶ AC-PI 257.

⁸⁷ CALLADO, Antonio. “Depoimento do escritor Antonio Callado”. Revista *Manuscrita*, n. 13, jan. 2005, p. 20.

acréscimos ou correções em outro documento. De todo modo, esse caderno revela muito sobre o processo de escrita de *Quarup*, inclusive sobre aspectos que não abordaremos aqui. Há longas reflexões sobre o papel da religião no livro, por exemplo, e personagens são desenvolvidos e descartados, como Macário, que seria um irmão de Nando, e Zezé, uma empregada da família. Interessa mais aqui o modo como Callado trabalhava com seus arquivos. Há um extenso levantamento da cobertura do suicídio de Getúlio Vargas na imprensa carioca, por exemplo, e um fichamento do livro *La République Communiste Chrétienne des Guaranis (1610 - 1768)*, de Clovis Lugon, tratado sobre os Sete Povos das Missões que apareceria em *Quarup* como grande influência na visão do padre Nando sobre os indígenas.

Curiosamente, nas primeiras notas, o Xingu não aparece. Em 1960, o plano de Callado era escrever a história de um padre intelectual que vai viver nas selvas do rio Negro e lá tenta escrever e encenar com os indígenas uma peça sobre as origens do Brasil. “Representa para ninguém, se for o caso, mas vingando-se das limitações do teatro: à beira de cachoeiras, no meio do lago, c/ diálogo entre interlocutores encarapitados em árvores. Conseguiu o ideal de Nelson Rodrigues: suprimir o público”, anota Callado. Em pouco tempo a ideia é deixada de lado, e o Xingu passa a ser o destino do personagem padre, que, a partir de 1961, não tem mais ambições teatrais, já se chama Fernando mas vive em Olinda (no romance, viverá no Recife).

Como vimos no capítulo anterior, o Parque Indígena do Xingu logo se torna um elemento central do projeto do romance. Mas nesse caderno de esboços Callado pouco fala sobre o quarup. O ritual só é mencionado pela primeira vez em 1 de novembro de 1961. E é uma menção de passagem, para registrar que é preciso “reescrever no Episódio Sonia a noite de sua fuga: é a do Quarup”. Mais adiante, também aparece apenas incidentalmente. De toda forma, as datas sugerem que Callado só decidiu incluir o ritual no romance cinco anos depois da viagem. É possível que tenha especulado com a ideia antes, mas, enquanto testemunhava o quarup, não parecia cogitar isso, porque não há fantasia do romance no caderno de 1956. No processo de trabalho de Callado, o diário de viagem representa, de certa forma, uma fase anterior à fase do caos anterior.

Se é mais difícil distinguir as notas da viagem de 1956 de um diário íntimo ou de um rascunho de escritor, é mais fácil determinar o que elas de fato não parecem ser: um “caderno de campo” no modelo etnográfico. Callado jamais se colocou como um antropólogo, faltava-lhe o arcabouço teórico para realizar um trabalho de campo propriamente dito, tampouco era isso que ele pretendia. E, no entanto, talvez essa seja uma comparação especialmente útil para ler seus escritos pessoais no Xingu. Elementos cruciais do trabalho de Callado – o interesse pelos povos indígenas, o convívio com indigenistas e antropólogos, procedimentos como a viagem e o contato documentado com outras culturas – podem ser analisados, ainda que por contraste, à luz de uma aproximação com o campo da etnografia.

Essa aproximação é sugerida, indiretamente, pelo próprio Callado, que em seus escritos sobre o Xingu demonstra ter tido contato, ainda que de forma diletante, com textos de etnógrafos e naturalistas. No diário da viagem de 1952, por exemplo, enquanto se prepara para embarcar na expedição em busca da ossada do coronel Fawcett, ele registra que “ia ler o mais possível”⁸⁸ de Robert de Wavrin, explorador belga que esteve várias vezes na América do Sul entre as décadas de 1910 e 1930 para produzir filmes e livros sobre povos indígenas da região, como *Les Indiens sauvages de l'Amérique du Sud*. No mesmo diário, Callado comenta estar lendo *Terras e índios do Alto Xingu*, livro recém-lançado do escritor e historiador Manoel Rodrigues Ferreira, que vinha acompanhando e documentando a Expedição Roncador-Xingu desde a década anterior⁸⁹. E já mostrava intimidade com um personagem que, 30 anos depois, viria a ter lugar de destaque em um de seus romances: o etnólogo e naturalista alemão Karl von den Steinen, que na década de 1880 realizou as expedições pioneiras pela bacia do rio Xingu e estabeleceu alguns dos primeiros contatos com povos indígenas da região. Se no diário Callado já implica com o alemão (“seguia um mapa em que Von den Steinen, bastante irresponsavelmente, marcou as cabeceiras do rio

⁸⁸ CALLADO, Antonio. “Diário de viagem”, in *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 114.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 116.

Xingu”⁹⁰), no romance *A expedição Montaigne* (1982) ele imagina a figura do forasteiro incorporada à mitologia dos povos xinguanos sob luz nada positiva. Um dos protagonistas do livro, o pajé Kamaiurá Ieropé, só se refere a ele como “Fodestaine” e maldiz o encontro de seu povo com os brancos, a ponto de, num transe, buscar reverter o tempo para impedir a expedição do etnólogo. O pajé deseja ver “Fodestaine destrepado, desnascido, descariado e desviado para todo sempre”⁹¹.

No diário de 1956, enquanto se prepara para registrar o quarup, Callado comenta ter “notícia um tanto confusa” sobre os procedimentos do ritual, o que mostra que ao menos alguma informação já tinha antes da viagem. “Deve estar no livrinho do Oberg”, anota, referindo-se provavelmente a *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*, do antropólogo canadense Kalervo Oberg, que ele havia encontrado no Xingu na viagem de 1954. A referência ao “livrinho”, lançado em inglês em 1953 e nunca traduzido no Brasil, indica um conhecimento apurado da bibliografia sobre o Xingu. Mas esse conhecimento tinha lá suas lacunas. Além de Oberg, prossegue Callado, os detalhes do quarup devem estar “provavelmente melhor do que tudo no velho Von den Steinen, que preciso ler”, sublinha ele mesmo. A lacuna foi devidamente preenchida mais tarde, com direito a paródia do viajante alemão.

Mais do que as leituras, contudo, é a postura de Callado em relação aos indígenas que o aproxima do campo da etnografia. O desejo, expresso ainda em Londres, de “voltar, conhecer os índios, me envolver” é algo mais que a mera curiosidade jornalística ou um equivocado deslumbramento com o exótico. É uma tomada de posição ética e política, que remete ao que James Clifford chamou de “atitude etnográfica”. Clifford cunhou essa expressão para se referir ao ambiente cultural francês dos anos 1920 e 1930, época de intensos cruzamentos entre a nascente disciplina da etnologia e movimentos artísticos de vanguarda. Clifford chama o produto desses cruzamentos de “surrealismo etnográfico”, o que se refere não a uma determinada prática artística ou científica, mas sim, de modo mais

⁹⁰ *Ibidem*, p. 117.

⁹¹ CALLADO, Antonio. *A expedição Montaigne*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014, p. 98.

amplo, a “uma orientação ou atitude moderna em relação à ordem cultural”⁹². Essa postura seria caracterizada pela compreensão da cultura como construção artificial, ideológica ou repressiva, e pelo entendimento de que uma “atitude etnográfica” poderia expor essa noção de cultura como um conjunto de “arranjos artificiais suscetíveis a uma análise distanciada e a uma comparação com outros arranjos possíveis”⁹³. A “atitude etnográfica” questionava a realidade dominante da sociedade ocidental transpondo fronteiras – da mente humana e da geografia, da arte e da cultura. E fazia isso deixando de lado o exotismo com que as ciências e as artes do século XIX olharam para outras culturas e modos de pensar. Como resume Clifford: “os outros apareciam agora como alternativas humanas sérias”⁹⁴.

No diário de 1956, a “atitude etnográfica” de Callado se mostra na dedicação com que documenta os rituais e costumes xinguanos, mas também numa passagem curiosa do caderno, em que o escritor se irrita com um dos integrantes da expedição, o uruguaio Dardo Gutierrez Fabre. Callado não mede palavras em sua antipatia: “acho que não exagero ao dizer que nunca vi um tipo tão de ‘vilão’ como o Señor Gutierrez Fabre”. A princípio o que o incomoda é o egoísmo do companheiro de viagem: “Nada lhe basta, nada lhe é suficientemente bom. Fila tudo de todo mundo, com calma e insolência, depois se esconde e vai comer os víveres q esconde”. Mas logo sua ira se direciona para a forma como Fabre trata os xinguanos: “Quer conseguir aquilo q os índios + prezam em troca de porcarias e acabou por pedir a Orlando os facões e colares do Posto, estoque do SPI, para ele, Gutierrez, fazer seu comércio!” Callado anota que Fabre chega a tirar um colar de conchas do pescoço de uma criança. Diante disso, até o diplomático Orlando Villas Bôas perde a paciência, arranca a peça das mãos do uruguaio e a devolve ao jovem indígena.

Gutierrez Fabre e sua mulher, Norma Serrés, estavam no Xingu vindos do território dos Xavantes, mais ao sul do Mato Grosso, onde haviam passado cerca de um mês registrando o cotidiano local. Em 1957, lançaram um livro e um filme

⁹² CLIFFORD, James. “Sobre o surrealismo etnográfico”:. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Org: José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2014, p. 121.

⁹³ *Ibidem*, p. 123.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 124.

com o título *Além do rio das Mortes*, que se tornaram fontes etnográficas relevantes e fizeram algum sucesso fora do circuito especializado (o filme chegou a ser exibido no Festival de Berlim). Mas a postura de Fabre está longe de corresponder ao que Clifford chamava de “atitude etnográfica”. Lembra mais o imperialismo de um Fawcett, com o agravante de ser exercido por um latino-americano. E talvez seja essa a fonte da irritação de Callado: o uruguaio parece não respeitar os xinguanos como “alternativas humanas sérias”. Em muitos momentos, Callado (assim como os irmãos Villas Bôas) assumia uma abordagem paternalista e infantilizadora em relação aos indígenas. Mas a seriedade com que via as culturas xinguanas fica clara no caderno de 1956 – e mesmo antes disso. Sua reportagem sobre a busca pela ossada do coronel Fawcett começava como uma reflexão sobre o sonho imperialista e terminava com uma tomada de consciência sobre a soberania dos povos indígenas:

Se tivéssemos ido ao local da tragédia [do coronel Fawcett] ainda bem jovens, há uns vinte anos, só teríamos trazido de lá sua imagem, sua vida, as circunstâncias do seu desaparecimento. Os índios nós os evocaríamos como árvores ambulantes, talvez, ou como peças do cenário em que se movera Fawcett, ou como os vilões de sua história. (...) Um repórter de 35, porém, não podia deixar de ver uma outra coisa algo maior no Xingu: a criação de um mundo⁹⁵.

De “árvores ambulantes” a “criadores de um mundo”: eis a mudança que uma viagem pode provocar na percepção de um forasteiro atento. Para além da exuberância de rituais e costumes, o horizonte da atuação de Callado era sempre a “difícil situação” dos indígenas no Brasil, e ele soube orientar sua “atitude etnográfica” para a defesa dos direitos dos povos originários. “Tiramos deles tudo o que possuíam”, ele diz na conferência sobre as viagens dos escritores latino-americanos, “não seria pedir muito que nós os deixássemos em paz, sob a guarda da fundação a eles dedicada, nas áreas onde pudessem viver em comunhão com as árvores e os animais”⁹⁶.

⁹⁵ CALLADO, Antonio. *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 99-103.

⁹⁶ CALLADO Antonio. “As três viagens dos escritores latino-americanos”, in *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 64-66

Para além das leituras sobre o Xingu e da “atitude etnográfica”, é possível examinar os escritos de Callado durante o quarup de 1956 à luz de outro aspecto da etnografia: os procedimentos típicos de um caderno de campo. Afinal, como lembra Michael Taussig em um ensaio dedicado a esse gênero⁹⁷, cadernos de campo não são uma exclusividade dos antropólogos. Nesse texto, Taussig analisa as práticas de um filósofo (Walter Benjamin), uma jornalista (Joan Didion), um arquiteto (Le Corbusier) e dois escritores (William Burroughs e Jean Genet) para quem o caderno tinha a mesma função que tem para um antropólogo: registrar “a experiência em um espaço de estranhamento”. Taussig compara o gesto de reunir notas em um caderno com as ideias de Benjamin sobre colecionar livros, “porque cadernos de campo são exatamente isso – coleções”. Para Benjamin o colecionador de livros vive em “uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem”, construindo com cada exemplar adquirido uma grande “enciclopédia mágica” em que os livros se relacionam de forma imprevista⁹⁸. Da mesma forma, sugere Taussig, o caderno de campo é o espaço em que vão se acumulando, de maneira nem sempre organizada, notas sobre experiências de estranhamento, que depois terão usos imprevisíveis para o próprio autor. O caderno “transforma o cotidiano em um mundo submerso no qual as coisas na superfície adquirem uma estranha riqueza”, diz Taussig, e as anotações são aquilo que é “recolhido e pilhado” desse mundo estranho. Chega a comparar o caderno de campo a um órgão da percepção humana:

O caderno é na verdade uma extensão da pessoa, [...] como um órgão inteiramente novo se somando ao cérebro e ao coração, apenas para ficar nos órgãos que mais evocam nossa vida interior. O que esse novo órgão faz é incorporar outros mundos ao mundo daquele que mantém um caderno⁹⁹.

Em 1956, no Xingu, Callado captou as experiências daquele “mundo estranho” em seus escritos de viagem. Diário íntimo, rascunho de escritor, caderno de campo: mobilizando elementos de todos esses registros, sem se afiliar inteiramente a nenhum deles, o que são esses escritos, afinal?

⁹⁷ TAUSSIG, Michael. *Fieldwork Notebooks*. Kassel: Documenta, 2012.

⁹⁸ BENJAMIN, Walter. “Desempacotando minha biblioteca”. *Obras escolhidas*. Vol. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 228.

⁹⁹ TAUSSIG, Michael. *Fieldwork Notebooks*. Kassel: Documenta, 2012.

Notas de repórter. Durante a viagem, Callado preenchia o caderno com o garrancho típico de quem escreve em movimento, com pressa, para registrar logo o que vê, tentando não deixar escapar nada. As páginas estão repletas do material que viria a compor suas reportagens: detalhes, descrições, cenas, diálogos, declarações. Mais tarde, muitas dessas paisagens, personagens e situações reapareceriam em seus romances e peças de teatro, com mais ou menos reelaboração. Mas na origem de tudo isso está o material de trabalho de um jornalista. Se os cadernos de um escritor já ocupam um lugar secundário em relação às obras publicadas (a não ser para pesquisadores e fãs mais dedicados), os blocos de notas de um repórter são uma espécie de refúgio das reportagens. Não se espera que tenham algum valor para além de oferecer suporte a anotações ligeiras que mais tarde serão passadas a limpo e selecionadas para publicação. A imagem de refúgio tem uma dimensão literal: nas redações de jornal, não é incomum que o destino dos blocos de repórter, depois do uso, seja o lixo (hoje em dia, muitos são feitos de papel reciclado: vêm do lixo e voltam a ele).

Mas há quem guarde suas notas, ao menos as mais importantes. Nos arquivos de Callado na Casa de Rui Barbosa, encontramos cadernos que ele manteve enquanto trabalhava em reportagens no Xingu, no Araguaia, na zona rural de Pernambuco, no Vietnã do Norte. Nessas viagens “de educação”, como as definiu na conferência, era nos cadernos que ele incorporava outros mundos ao seu mundo, para lembrar a formulação de Taussig. E, assim como na metáfora da “enciclopédia mágica”, as notas de repórter colhidas desorganizadamente, ao sabor dos acontecimentos e na velocidade da apuração, mais tarde encontrariam destinos imprevistos. Callado tinha consciência da importância desse processo para seu trabalho. E em algumas ocasiões chega até a falar em termos parecidos com os de Taussig: “colho muito material fora de mim mesmo”, ele disse numa entrevista de 1973. Na ocasião, perguntado se o ofício de jornalista interferia na criação de romances, ele comenta que, para o escritor “muito mais rarefeito”, mais preocupado com questões formais e subjetivas, “o jornalismo deve interferir seriamente”. Mas para ele não, pelo contrário. A resposta de Callado ajuda a entender a relação entre viagem e escritas em seu trabalho:

No meu caso, não acredito que o jornalismo possa atrapalhar na obra do romancista ou mesmo nas peças de teatro que fiz. Porque colho muito material fora de mim mesmo. É a projeção do fato social, a intenção de contribuir para esclarecer certos conceitos de Brasil ainda tão estranhos a nós mesmos. Para isso, é preciso que não só o escritor tenha plena consciência de si mesmo, de como ele próprio funciona por dentro em relação a essas coisas, mas também considere devidamente o lado exterior. Se pude ir, como jornalista, ao Nordeste e ao Vietnã do Norte, por exemplo, tenho a impressão de que essas experiências nutriram muito a minha obra.¹⁰⁰

3.2

“Não sou um praticante de literatura pura”: jornalismo e ficção

A entrevista de 1973, concedida à revista *Manchete*, ilumina também outro aspecto importante do trabalho de Callado: o trânsito entre jornalismo e literatura. Nessa época, ele já era um romancista estabelecido. Lançado seis anos antes, *Quarup* tinha sido o livro mais vendido do Brasil na década de 1960¹⁰¹, e seu romance mais recente, *Bar Don Juan*, de 1971, causara grande debate sobre os rumos da “esquerda festiva” e a falência dos ideais revolucionários depois do AI-5. Era também um dos grandes nomes da imprensa brasileira, trabalhando desde 1967 como editorialista do *Jornal do Brasil*, sem deixar de militar na reportagem. Em 1968, tornou-se o único jornalista brasileiro a entrar no Vietnã do Norte, e a série de reportagens que escreveu sobre a guerra foi reunida no ano seguinte em um livro de grande repercussão, *Vietnã do Norte: advertência aos agressores*. O alcance da popularidade de Callado nas duas frentes – literatura e jornalismo – pode ser medido por uma nota publicada no *New York Times* em 1968, que noticiava seu encontro com prisioneiros de guerra norte-americanos em Hanoi, então capital do Vietnã do Norte, e o apresentava como “um homem de notícias [...] que é também um dos principais romancistas do Brasil”¹⁰².

¹⁰⁰ MIRANDA, Carlos Alfredo Macedo. “Antonio Callado: ‘Em Londres, eu tinha fome de Brasil’”. *Manchete*, Rio de Janeiro, 3.11.1973, p. 57.

¹⁰¹ CORTINA 2006 apud ALCIDES, Sergio. “*Quarup*: a ‘deseducação’ do público”, *Kriterion*, Belo Horizonte, jan. 2021, p. 262.

¹⁰² CALLADO, Ana Arruda (org.). *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013, pg. 303.

A relação entre jornalismo e literatura também foi assunto recorrente na fortuna crítica de *Quarup*. Em setembro de 1967, pouco depois do lançamento, Barbosa Lima Sobrinho dedicou sua coluna no *Jornal do Brasil* ao livro e abordou a questão já no título: “Entre o Romance e o Jornalismo”. “No mundo das letras, talvez não haja fenômeno mais importante, em nosso tempo, que o da interpenetração dos gêneros ou das atividades literárias”, escreve Sobrinho, afiliando Callado à linhagem de escritores como Aldous Huxley e Graham Greene, que em seus romances flertavam com o ensaio e o jornalismo. “*Quarup* é um romance que soube incorporar algumas reportagens fundamentais, [...] a situação das tribos índias do Xingu, a luta agrária do Nordeste”, ele escreve, “mas tudo isso como que macerado na mais pura ficção, com os fatos ganhando valores simbólicos”¹⁰³.

No mesmo mês, a revista *Civilização Brasileira* trouxe um longo ensaio de Ferreira Gullar saudando o romance como uma obra “de tão ampla significação que abordá-la como estilo ou como gênero é apenas roçar-lhe a superfície”, afinal, ela representaria nada menos do que uma profissão de fé na Revolução Brasileira. “O rio que vinha avolumando suas águas e aprofundando seu leito, até março de 1964, desapareceu de nossas vistas”, escreve Gullar. “Mas um rio não acaba assim. Ele continua seu curso, subterraneamente, e quem tem bom ouvido pode escutar-lhe o rumor debaixo da terra”. Para Gullar, Callado pôde escutar esse rumor porque se deslocou das grandes cidades para o interior do país e construiu o romance a partir dos “fatos concretos” que observou:

Quarup é um romance realista. Certamente de um realismo novo, que decorre do propósito de Callado de traçar um painel da realidade nacional mas a partir do “centro” do País e não de sua periferia industrializada. Romance realista porque a ação dos personagens se desenvolve num quadro social e histórico objetivo e se modifica em função dos fatos concretos.¹⁰⁴

Mas a avaliação positiva estava longe de ser unanimidade. Na mesma edição da revista *Civilização Brasileira*, Nelson Werneck Sodré apresenta um

¹⁰³ SOBRINHO, Barbosa Lima. “Entre o Romance e o Jornalismo”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3.9.1967, p. 6.

¹⁰⁴ GULLAR, Ferreira. “*Quarup* ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente”. Revista *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, set. 1967, pp. 257-258.

ponto de vista diferente. Elogia *Quarup* por ter “momentos de grandeza literária como, realmente, existem poucos em nossas letras”, mas lamenta “sua desigualdade e seus desequilíbrios” e reprova o fato de ser “um livro gordo, abundante, que se multiplica em aspectos menores, que perde em unidade por isso”. O erro de Callado, segundo Sodré, tinha sido recorrer a “uma mistura de influências literárias” para tentar construir “um gigantesco painel” da realidade nacional, “um larguíssimo baixo-relevo do Brasil atual”¹⁰⁵.

Meses mais tarde, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, Paulo Hecker Filho subscreve a crítica de Werneck. E deixa mais à mostra quais seriam os “aspectos menores” na “mistura de influências” de *Quarup*. Hecker se refere ao livro como um bolo de receita extravagante cujos ingredientes não combinam lá muito bem:

duas xícaras de reportagem, duas de ensaísmo dialogado, uma de crônica carioca; uma colher de erudição e outra de pedantismo; umas nozes sem ralar de humor e, como cobertura (aí vem o bom), um depoimento valioso sobre mulheres e, como toque final, com consciência política autêntica, até romance¹⁰⁶.

Por tudo isso, não surpreende que, depois de seis anos de debates, o repórter da *Manchete* se ocupe por mais de metade da entrevista com as relações entre jornalismo e literatura, assunto que define logo na primeira pergunta como “um dos mais polêmicos”. O que surpreende, sim, é a paciência de Callado para tratar de um tema sobre o qual era indagado com frequência, mas no qual não costumava se demorar muito (como na entrevista de 1967 citada no começo deste capítulo, em que o jornalismo era tratado, não sem ironia, como “o setor onde o romancista se informa”). Em 1973, contudo, as respostas são longas e revelam reflexões complexas e ponderadas sobre os impasses dessa relação.

O início da entrevista poderia ter sido decalcado do questionário que João do Rio enviou aos colegas escritores no início do século XX com a pergunta

¹⁰⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. “O momento literário”. Revista *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, set. 1967, pp. 224-226.

¹⁰⁶ Apud LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado”. In: *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982, p. 131.

fatídica: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”¹⁰⁷. Setenta anos depois, o repórter da *Manchete* ainda quer saber se a lida na imprensa é “benéfica ou prejudicial” para a literatura, se pode “deturpá-la ou depurá-la”. As primeiras respostas de Callado seguem nessa toada. O escritor que trabalha em jornal “adquire um estilo muito mais objetivo”, a obrigação de escrever diariamente “desenferruja a linguagem”, “amplia o vocabulário” etc. A conversa fica mais interessante quando o repórter nota que Callado também pratica “um jornalismo quase literário”. O entrevistado concorda e diz enxergar “uma certa mistura do jornalismo como eu o pratico – quer dizer, partindo de certos princípios – com o romance que se beneficia do material colhido fora e elaborado de uma forma literária”. Diante disso, já não faz sentido falar em influência do jornalismo sobre a literatura, afinal, na carreira de Callado essa sempre foi uma rota de mão dupla: os textos jornalísticos empregam técnicas narrativas da ficção e os romances se beneficiam amplamente do “material colhido fora”. E essa rota, diga-se de passagem, sempre foi cruzada por muitas outras vias: a dramaturgia, o ensaio, a crônica, o escrito pessoal.

O ponto alto da entrevista é quando o repórter menciona *Quarup*. Talvez saturado por seis anos de querelas sobre o livro, Callado interrompe antes mesmo do ponto de interrogação, como se já adivinhasse a pergunta, e emenda um elaborado discurso sobre as imbricações entre registros distintos:

Quarup foi fruto de um contato jornalístico que eu pude fazer por escolha própria. [...] Um caso bem típico de conhecimento direto da realidade brasileira, adquirida por via jornalística, que depois se concentra numa obra literária. Mas nessa questão da técnica existe um perigo, e aqui talvez eu me contradiga um pouco em relação ao que disse antes. Desenvolvendo a técnica jornalística, ao transferir sua linguagem para um plano literário, o escritor pode ser tentado a acrescentar um tipo de informação que talvez não se enquadre nesse gênero de obra. A não ser que ele tenha uma intenção social, desejando interferir, de certa forma, no processo existente diante dele. Torna-se indispensável, então, uma contribuição um pouco ensaística. Que possivelmente pode

¹⁰⁷ Ver: COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

enfraquecer determinados conceitos, mas que eu continuo achando muito importante.¹⁰⁸

Essa resposta merece uma leitura mais detida, pois há muitas coisas acontecendo aqui ao mesmo tempo. Callado começa por reafirmar a origem de *Quarup* na experiência das viagens ao Xingu e no “contato jornalístico” que teve com os indígenas – expressão curiosa, que remete às expedições de contato organizadas pelos irmãos Villas Bôas para abordar povos isolados, e marca mais uma interseção entre seu trabalho e a prática etnográfica. Depois reconhece que essa sua “técnica” apresenta “um perigo”: a infiltração no romance de algo que não se enquadra no gênero, “um tipo de informação”. Mas que tipo de informação não se encaixa no romance? E para quem isso representaria um perigo? Para o romancista que se arrisca a manejar a informação? Para o crítico que tem que dar conta disso em sua leitura? Isso Callado não diz. Mas na sequência realiza uma operação que bagunça a um só as tempo as definições de “literatura” e de “escritor”: a informação pode se enquadrar no romance, sim, desde que o autor tenha “uma intenção social, desejando interferir, de certa forma, no processo existente diante dele”. E como fazer isso? Como resolver a oposição entre jornalismo e literatura, informação e ficção, sem escolher lado no falso dilema nem tomar uma via de mão única que leve apenas e sempre de um a outro? Aqui Callado dá um salto: faz-se necessária “uma contribuição um pouco ensaística”, o que pode até “enfraquecer determinados conceitos” (sobre os limites do romance? o papel do escritor?), mas não deixa de ser “muito importante”.

Para tentar resolver o impasse, Callado recorre ao ensaio. Por quê? Não precisamos defender as “duas xícaras de ensaísmo” na receita do bolo. Gullar já fazia isso em 1967 – o título completo de sua crítica é “*Quarup* ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente”. E estudos posteriores se dedicaram a analisar o aspecto argumentativo do romance¹⁰⁹. Para além da questão estética, a “contribuição ensaística” a que Callado se refere pode ser interpretada como uma questão de postura: uma reivindicação das prerrogativas do ensaísta.

¹⁰⁸ MIRANDA, Carlos Alfredo Macedo. “Antonio Callado: ‘Em Londres, eu tinha fome de Brasil’”. *Manchete*, Rio de Janeiro, 3.11.1973, p. 57-58.

¹⁰⁹ Ver, p. ex. SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Callado no lugar das ideias: Quarup, um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

Max Bense via no ensaísta alguém que habita “um terreno intermediário” no campo intelectual. “O intelectual é ou bem um criador ou bem um educador. Ou bem cria uma obra ou bem defende uma convicção”, define Bense, para logo depois fazer uma ressalva. Há autores que são “casos intermediários, no sentido mais genuíno da palavra”: são aqueles em que se dá “uma peculiar coincidência de convicção e criação”. E isso é também uma questão de postura. “Escreve ensaisticamente”, define Bense, “quem tenta capturar seu objeto no ato mesmo de escrever, dar forma, comunicar, quem interroga, apalpa, prova, ilumina e aponta tudo que pode se dar a ver sob as condições manuais e intelectuais do autor”¹¹⁰.

A “contribuição ensaística” na obra de Callado pode bem ser essa: gozar da liberdade de quem escreve ensaisticamente, ainda que não esteja escrevendo um ensaio, permitir-se “acrescentar um tipo de informação” ao romance, mesmo sabendo que isso pode “enfraquecer determinados conceitos” sobre o que se pode ou não fazer em literatura. Na sequência da resposta ao repórter da *Manchete*, Callado oferece uma autodefinição que lembra a tese de Bense sobre o intelectual que mescla criação e convicção:

Não sou um praticante de literatura pura, no sentido de considerar a literatura como uma essência que se pode destilar da vida. Para a minha função de escritor, a informação tem uma importância muito grande.¹¹¹

Mas que informação é essa de que Callado tanto fala, afinal? Sabemos de onde ela vem (em parte, de viagens como as do Xingu), mas como ela comparece em *Quarup*? E o que ela aporta ao romance?

Podemos começar a refletir sobre essas questões examinando a recepção da obra de Callado. Mesmo para além do momento da publicação de *Quarup*, ela foi marcada por um olhar crítico sobre a relação entre ficção e jornalismo em seus textos. Essa relação é uma questão central também na reflexão teórica sobre a

¹¹⁰ BENSE, Max. “O ensaio e sua forma”. Trad. Samuel Titan Jr. In: PIRES, Paulo Roberto (org.) *Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote*. São Paulo: IMS, 2018, pp. 112-115.

¹¹¹ MIRANDA, Carlos Alfredo Macedo. “Antonio Callado: ‘Em Londres, eu tinha fome de Brasil’”. *Manchete*, Rio de Janeiro, 3.11.1973, p. 58.

literatura brasileira produzida durante a ditadura. Críticos que se debruçaram sobre os efeitos dessas imbricações na prosa brasileira daquele momento trataram da obra de Callado, com frequência, por esse viés. Flora Süssekind enxergou na época o retorno de um naturalismo “todo-poderoso”, que se manifestava na “literatura-verdade” e no “romance-reportagem” de autores como Callado. Nesses casos em que a ficção vai “de mãos dadas com o jornalismo”, diz Flora, “a literatura opta por negar-se enquanto ficção e afirmar-se como verdade”¹¹². Silviano Santiago atribuiu essa tendência à presença crescente da censura na vida pública nacional, que teria levado os escritores a expressar por meio da ficção o que não podia sair nos jornais. “Passou então a literatura a ter uma função parajornalística”, argumenta Silviano, caracterizada por “nomear o assunto proibido e despojar-se dos recursos ficcionais da ficção”. Esse tipo de obra adotou um estilo “que é simples *transposição* do real, como é o estilo jornalístico”, e teve sucesso em levar ao público os problemas de seu tempo, “como o jornal nos regimes democráticos”. Exemplo disso, afirma Silviano, seria a “obra parajornalística” de Callado¹¹³. Em debate com outros críticos realizado no calor da hora, em 1978, Davi Arrigucci Jr apontou os limites do realismo de cunho jornalístico e do recurso à alegoria como estratégia contra a censura na obra de um conjunto de autores, dentre os quais Callado aparecia como exemplo paradigmático¹¹⁴.

Em todos os casos, é como se a presença do elemento jornalístico depreciasse a obra ficcional de Callado, que sofreria de uma espécie de “déficit de fabulação”: seus romances teriam um excesso de descrições realistas, decalcadas de suas observações de repórter em viagens pelo Brasil, e a partir delas construiriam alegorias imperfeitas sobre a realidade do país em tempos de ditadura. Essas críticas se alimentavam também das manifestações públicas de Callado. Como vimos, ele chega a se referir às viagens como “coleta de dados” para os romances que escreveria mais tarde. E descrevia seus romances, sobretudo

¹¹² SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, pp. 98-101.

¹¹³ SANTIAGO, Silviano. “Repressão e censura no campo das artes na década de 70”, in *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp. 53-55.

¹¹⁴ ARRIGUCCI JR., David. 1999. “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, in *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 77-109.

Quarup, como uma tentativa de dar ordem ao turbilhão de experiências que viveu depois de seu retorno ao Brasil: “*Quarup*, para mim, era a organização deste país que eu tive diante de mim quando voltei. (...) Eu quis fazer um livro do que eu considero o Brasil do meu tempo. O retrato do Brasil do meu tempo”¹¹⁵. Callado apresentava como pilares de seu projeto literário justamente os elementos que os críticos viriam a considerar mais problemáticos em sua obra – o realismo de cunho jornalístico e a ambição de representar alegoricamente “o Brasil do seu tempo”.

Mas talvez seja possível repensar a relação entre ficção e jornalismo na obra de Callado. O trânsito constante entre registros sugere uma forma de contaminação mais produtiva do que se costuma admitir nas críticas a seus romances. Para avançar nesse aspecto, vamos nos deter sobre os comentários de um dos críticos que mais se dedicou à obra de Callado, Davi Arrigucci Jr. Em mais de uma ocasião, Arrigucci anunciou o que considerava a grande aporia do projeto literário de Callado: a aparente incompatibilidade entre o realismo, com sua tendência natural à particularização, e a alegoria, que almeja a totalidade. No debate de 1978 citado acima (que reuniu ainda os críticos Carlos Vogt, Flávio Aguiar, Lúcia Teixeira Wisnik e João Luiz Lafetá, e foi publicado na revista *Remate de Males*, da Unicamp), Arrigucci compara romances recentes de três autores que, segundo ele, enfrentavam o mesmo dilema: *Reflexos do baile*, de Callado; *Cabeça de papel* (1977), de Paulo Francis; e *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1976), de José Louzeiro. São “três casos de alegoria, ligados com a vontade realista de representar o que foi, o que tem sido a realidade”, diz o crítico, que considera os três livros “tentativas malogradas”. No caso de Callado, o malogro se deveria a uma “incompatibilidade entre esse desejo de representar a realidade histórica concreta e a tendência da alegoria para a abstração”¹¹⁶.

O romance a que Arrigucci se refere, *Reflexos do baile*, tem diferenças formais significativas em relação a *Quarup*, publicado uma década antes. Se *Quarup* acompanha a trajetória do padre Nando em uma narrativa até certo ponto

¹¹⁵ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Antonio Callado: literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1982, pp. 5-6.

¹¹⁶ ARRIGUCCI JR., David. “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, in *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 78.

convencional, focada nos percalços do protagonista, *Reflexos do baile* é uma colagem de fragmentos de registros diversos (cartas, diários, anotações pessoais, documentos oficiais) que constroem a trama do sequestro de um embaixador estrangeiro por um grupo de guerrilheiros durante a ditadura. Uma estrutura que “se constrói em cima da imitação de técnicas do jornal, sobretudo da montagem”, diz Arrigucci, referindo-se à justaposição de temas e pontos de vista diferentes, típica de uma página de jornal.¹¹⁷ Ambos os romances, porém, têm objetivos semelhantes: criar alegorias que deem conta de determinado aspecto da história brasileira. *Quarup*, ao narrar o “percurso de um herói problemático individual”, busca também “uma síntese da sociedade brasileira durante os anos de populismo”¹¹⁸, sugere o crítico em outro ensaio sobre Callado. Já *Reflexos do baile*, com seu texto fragmentado e sem protagonista claro, povoado de discursos variados e figuras múltiplas (militantes, guerrilheiros, militares, diplomatas, policiais), “pretende representar a história através dos movimentos que aparentemente estão dirigindo a política: o negócio do ‘terrorismo’, o círculo do poder, os diplomatas e a repressão”, diz Arrigucci no debate. A obra de Callado, sugere o crítico, faz parte de “uma tendência muito forte” na literatura brasileira da época, “um desejo muito forte de voltar à literatura mimética, uma literatura próxima do realismo, (...) com um lastro muito forte de documento”, fenômeno que para ele “está ligado às formas de representação do jornal”. Sofre, em suma, de uma condição para a qual Arrigucci oferece diagnóstico sucinto: “romance alegórico baseado na reportagem”. E o “romance-reportagem” jamais alcançará a totalidade de uma alegoria: por ter como lastro a descrição de personagens, cenários e eventos particulares, conclui ele, “é um romance que naufraga na singularidade”¹¹⁹.

Mas o que acontece se deixamos de lado por um momento a obsessão pela totalidade (que, como vimos, é dos críticos, mas também do autor)? O caminho para uma outra leitura da obra de Callado pode estar justamente naquilo que faria seus romances “naufragarem”: as descrições. Escapando à ambição totalizante do

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ ARRIGUCCI JR, David. “O baile das trevas e das águas”, in *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 62.

¹¹⁹ ARRIGUCCI JR., David. “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, in *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 77-80

autor e ao olhar totalizante dos críticos, as descrições abrem frestas que permitem ao leitor entrever, nas margens da ficção, aspectos do Brasil dos tempos de Callado. Em *Quarup*, é nas descrições de encontramos o “tipo de informação” que ele procurava incorporar ao romance. Na entrevista à *Manchete*, quando Callado afirma que colhe “muito material” fora de si mesmo, ele define esse material como “a projeção do fato social”. E diz que, sua intenção é “contribuir para esclarecer certos conceitos de Brasil ainda tão estranhos a nós mesmos”. Justamente o objetivo que, segundo os críticos, não conseguiu atingir pela via da alegoria. Ao ler *Quarup*, talvez seja mais interessante buscar a “projeção do fato social” não na totalidade da alegoria, e sim na particularidade das descrições.

3.3

Do caderno ao romance (via jornal): informação e descrição

A descrição é um elemento historicamente colocado em segundo plano na análise formal das obras literárias. Na *Poética*, Aristóteles delineia a hierarquia entre os gêneros dedicados ao herói (tragédia e épica) e ao homem comum (comédia e sátira). O herói é aquele que se distingue pela qualidade de suas ações, enquanto o homem comum, a quem não é dado o direito de agir sobre a história, vive no mundo moldado pelos heróis. Nessa divisão social da representação literária, os gêneros dedicados ao herói são marcados pela narração de ações, de grandes feitos. A descrição, característica da comédia e da sátira, equivale à ausência de ação, e é portanto considerada inferior à narração. No ensaio “Narrar ou descrever”, Lukács revê essa hierarquia no quadro de um debate sobre o naturalismo e o formalismo. Lukács identifica dois tipos distintos de representação literária, que divergem na forma como relacionam narração e descrição: em autores como Tolstói e Balzac, a descrição está subordinada à narração; em outros, como Zola e Flaubert, a descrição compõe quadros que parecem não servir necessariamente à ação do romance. Os detalhes da cena de uma corrida de cavalos em *Anna Kariênina*, por exemplo, iluminam e compõem o drama principal da protagonista, de modo que Tolstói “não descreve uma ‘coisa’: narra acontecimentos humanos”, diz Lukács. Já numa corrida de cavalos em

Naná, a “descrição, com todo seu virtuosismo, não passa de uma digressão dentro do conjunto do romance”, e os detalhes que Zola registra à exaustão “são apenas debilmente ligados ao entrecho e poderiam facilmente ser suprimidos”¹²⁰.

Se lemos Callado a partir desse ponto de vista que coloca a descrição como um aspecto secundário da representação literária, inferior ou subordinado à narração, seus romances de fato parecerão “tentativas malogradas”, para recuperar a expressão de Arrigucci. Em *Quarup*, por exemplo, a narração do percurso heroico do padre Nando é o tempo todo interrompida por descrições que parecem não servir à trama principal. Muitas delas revelam detalhes do cotidiano de personagens que estão no pano de fundo da trajetória de Nando pelo Brasil, como os indígenas e indigenistas do Xingu ou os camponeses, educadores populares e líderes da luta pela reforma agrária no interior de Pernambuco. Em vários momentos de *Quarup*, Callado se deixa levar por impulsos descritivos, inscrevendo no corpo do romance detalhes que não fazem avançar a trama, necessariamente, mas, retomando a expressão usada por Lukács ao falar sobre os romances de Zola, compõem “quadros”: as expedições organizadas pelos indigenistas para estabelecer contato com povos isolados no Xingu; as negociações entre o governo de Pernambuco, as Ligas Camponesas e os latifundiários para aumentar os salários e diminuir a violência no campo; os exercícios em sala de aula para alfabetização de adultos com o método Paulo Freire. A princípio, essas descrições poderiam ser consideradas digressões da trama central. Mas se as tomamos como um elemento com valor próprio na estrutura do romance, talvez seja possível chegar a outra leitura não só de *Quarup*, mas do projeto literário de Callado como um todo.

A descrição é o elemento comum entre as linguagens do jornalismo e da ficção: a despeito de suas inúmeras diferenças, tanto a reportagem quanto o romance recorrem à descrição para apresentar seus personagens, cenários e temas. Não por acaso, Zola descreve seu método de composição dos romances com termos que evocam o trabalho do jornalista: para ele, o escritor deve “tomar apontamentos sobre tudo” e, “quando a documentação estiver completa”,

¹²⁰ LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever”, in *Ensaios sobre literatura*. Tradução de Gisela Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 44-45.

precisará apenas “ordenar os fatos de modo lógico” no romance¹²¹. Callado, como vimos, usa termos parecidos para descrever a forma como usa o material recolhido em viagens pelo Brasil. A descoberta do diário da viagem ao Xingu em 1956 abre uma janela para esse processo de trabalho. A partir dele, é possível analisar a figuração do *quarup* em diferentes escritos ao longo da carreira de Callado, incluindo documentos pessoais e reportagens, até as descrições no romance batizado com o nome do ritual.

Na primeira viagem ao Xingu, em 1952, Callado não chegou a testemunhar o *quarup*, mas nota-se que tomou conhecimento dele antes mesmo de pisar na aldeia pela primeira vez. No dia 22 de janeiro daquele ano, embarca em São Paulo com Orlando Villas Bôas e um repórter de *O Cruzeiro*, Arlindo Silva. No avião que os leva ao Mato Grosso, ele registra estar lendo o livro *Terras e índios do Alto Xingu*, de Manoel Rodrigues Ferreira. Relata também uma longa conversa com Orlando sobre o mistério do coronel Fawcett. Depois disso, redige uma série de notas soltas sobre costumes xinguanos, incluindo um parágrafo sobre o *quarup*:

Mavutsinim resolveu criar um povo. Fez seis indivíduos de madeira – homens – e seis mulheres. Os homens com desenho de jiboia na madeira e as mulheres com peixes pintados. As doze figuras feitas pelo criador: Mavutsinim canta para acalmá-los, mas não consegue. O sol no dia seguinte deu vida aos representados. O culto de hoje é “representar” a lenda. A cerimônia é o *quarupe*, de “quarar”, pôr ao sol. Mas eles atribuem a cada pau personalidade de um morto. Extraem dali não a vida (sabem muito bem que não podem) mas os espíritos, que irão viver numa outra “Cuiabá”, aldeia¹²².

Não fica claro se as informações vieram do livro de Ferreira ou da conversa com Orlando. Mas vemos aqui os índices de um interesse em formação: a grafia errada (“quarupe”) e o chute sobre a etimologia da palavra convivem com uma descrição rudimentar mas acurada das práticas do ritual. De todo modo, o *quarup* ocupa pouco espaço no caderno de 1952, e sequer é mencionado na reportagem de Callado no *Correio da Manhã*, que se concentra na investigação

¹²¹ *Ibidem*, pp. 53-54.

¹²² CALLADO, Antonio. *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 120.

sobre a ossada de Fawcett. Em *Esqueleto na lagoa verde*, o ritual é descrito em um parágrafo praticamente copiado do diário (e ainda com a grafia errada). A observação sobre o quarup serve ao propósito maior do livro: apresentar aos leitores a ideia de que naquela região do Brasil, onde um dia foi dar um desairado aventureiro inglês, vivem povos indígenas com um modo de vida singular e complexo, incluindo um sofisticado sistema de crenças, e que precisam ter suas terras protegidas do avanço da civilização: “O contato com a civilização moderna começa talvez a roer uma sociedade primitiva pelo que ela tem de mais puro – a sua forma, qualquer que seja ela, de crença no sobrenatural”, escreve Callado, citando como exemplo a atuação dos pajés e o quarup.¹²³

Em julho de 1956, Callado enfim acompanhou o quarup. Passada a tensão do início da viagem, quando ainda não se tem certeza sequer se a festa de fato vai acontecer, chama atenção o júbilo com que descreve os detalhes do ritual no diário. Onze anos depois, muitas dessas descrições vão reaparecer em *Quarup*. Vamos analisar detidamente aqui o exemplo mais significativo desse trânsito: o momento em que Kanato vai à aldeia vizinha convidar os Kamaiurás para o quarup de Uranaco, o chefe Yawalapiti que é o principal homenageado da cerimônia. É manhã de 22 de julho, dia seguinte à chegada de Callado ao Xingu. Kanato vai acompanhado por um parente, Kalakumã, conhecido pelos brancos como Fofinho: eles são os “pariás”, embaixadores dos Yawalapiti. Callado e um grupo de repórteres seguem atrás deles e os alcançam na chegada da aldeia. A partir daí Callado registra a pantomima diplomática no calor da hora, com uma escrita apressada, por vezes ilegível, mas rica em ações e detalhes. Partes dessa passagem foram comentadas no capítulo anterior, mas, para facilitar o cotejo com o romance, segue-se a íntegra, que ocupa oito páginas do caderno.

Aldeia Camaiurá. Canato e Fofinho acabaram de chegar aqui como pariás ou mensageiros ou embaixadores. A 1 km + ou – da aldeia, que fica à beira de grande lagoa, davam gritos de aviso. Chegaram agora à frente de nós todos e o chefe camaiurá vai recebê-lo. Tirou da cintura de cada um deles o cinto que traziam, tomou-os pela mão, sentou-os cada um num tamborete (um deles caixote marca Moça). Agora, dois índios dançam no terreiro diante dos visitantes tocando as enormes flautas (!) de uns 3m de comprimento. São em

¹²³ *Ibidem*, p. 94-95.

verdade, cada flauta, dois bambus, um pouco maior que o outro, grossos, amarrados por embira. Os 2 dançarinos entram em todas as cabanas da maloca, em grande gala, tocando as suas 4 ou 5 notas monótonas, correndo num ritmo talvez de valsa e marcando compasso com o pé direito. Têm na cabeça o belo diadema de penas, com duas ou 3 longas *aigrettes* amarelas ou vermelhas no centro. O chapéu atrás sai feito um longo cesto cônico (imagine-se uma cornucópia de uma grossura só, afinando pouco para a ponta), e medindo apenas umas cinco polegadas de diâmetro, indo do algodão que é a charneira do diadema até abaixo dos joelhos do dançarino. Com o arremate também de penas de arara. Para desgracia dos fotógrafos o cacique camaiurá traja calça de brim azul-marinho, nova em folha, suéter amarelo-mostarda e quepe de militar.

Um dos índios me diz que só a egrete é arara e as demais penas são “urucungo”. O cinto de Canato e Fofinho fica aí. Camaiurá não leva cinto grande quando vai à aldeia Uialapiti, de Canato. Só parιά traz cinto.

Declaração do camaiurá TACUNI enquanto amarra nas pernas joelheiras de fibra de algodão e tornozeleiras de embira. Quando perguntei o nome dele disse: “Tacuni, amigo de Orlando Vilas Boas”. Agora cobre as tornozeleiras com palha de buriti. O cacique, suéter mostarda brilhando ao sol, continua falando a Canato e Fofinho. Os dançarinos têm joelheira, perneira, tornozeleira, cinto de algodão tinto e estão todos pintados de urucum vivo, berrante, e bolas pretas, isto nos peitorais, lado de fora das coxas e nas costas. Canato e Fofinho pintaram-se quase todos de preto fosco e uma como meia-máscara preta. O sol está queimando o terreiro da maloca. O cacique do suéter entra em casa e os “pariás” ficam na porta à soalheira. Acho que o malandro do Canato reclamou, pois um camaiurá fez um buraco no chão perto dele, outro perto do Fofinho, e está enterrando duas grimpas de arroz na cova no chão para fazer sombra. [ilegível] artificiais no terreiro aberto ao sol inclemente. O preto da pintura é tauáriri. O [ilegível] é às vezes tauáriri e às vezes urucum. A outra cor é a dos desenhos superpostos, quase sempre bolas (mas as fazem nas costas dos outros molhando o dedo na respectiva tinta).

Essas e outras observações da viagem serviram de base para a reportagem “Um velório no Tuatuari”, que Callado publicou na edição de domingo, 29 de julho de 1956, do *Correio da Manhã*. Ele abre o texto justamente com a descrição da embaixada dos Yawalapitis:

A uns quinhentos metros do povo vizinho os dois embaixadores pararam, levaram a mão à boca e emitiram seu longo

aboio. Depois mais um outro. Foram respondidos por grito idêntico e continuaram a andar pela picada aberta no mato bruto. Eram embaixadores descalços, vestidos apenas de um colar de conchas no pescoço; um cinto de algodão; um colar de conchas na cintura e as braceiras e tornozeleiras que lhes realçam a musculosa barriga da perna. Eram “pariás”, mensageiros dos Uialapitis a convidar os Camaiurás para o Quarup, a festa fúnebre de Uranaco e outros chefes.¹²⁴

A descrição da cena se estende por mais dois parágrafos. Mas eles não incluem a maior parte dos detalhes de vestimentas, pinturas e gestos anotados no caderno. Na sequência, Callado explica como os repórteres se organizaram para acompanhar os dois embaixadores: “Como uma espécie de Marco Polo naquele estranho reino de guerreiros vermelhos e mulheres castanhas”, ele escreve, “tratei de entender o que era o Quarup”. Depois disso, a reportagem se ocupa do mito de Maivotsinim que está na origem da festa, da cerimônia noturna com os quarups de madeira e do torneio de huka-huka realizado no dia seguinte.

Curiosamente, não é na reportagem, e sim no romance que ressurgem as descrições do caderno de 1956. O capítulo 3 de *Quarup*, “A maçã”, que narra a chegada do padre Nando ao Xingu e suas primeiras experiências entre os indígenas, traz longos parágrafos que passeiam pelo cenário, pelos participantes e pelos preparativos do ritual. E aqui, ao longo de três páginas, reencontramos a cena da visita aos Kamaiurás:

Pintaram-se de lívida tabatinga, meteram depois os dedos nos canjirões de jenipapo e pintaram bolas pretas no fundo cinza. Na cara um do outro pintaram meia máscara preta. Quando enfiavam penas nas orelhas e atavam nos lombos, por cima do fio de miçangas, um cinturão de algodão, Nando perguntou a Canato se podia acompanhar a embaixada. Canato concordou grave e Fofinho idem. Gostaram da ideia de atrelar um civilizado, e um civilizado pajé, aos pariás plenipotenciários. E lá se foram pela picada no mato, Nando sentindo-se, a despeito da roupa, mais nu que os dois diplomatas em sua frente, com seus hirtos chapéus de fibra e plumas. (...) Foi quando saiu um grito da garganta de Canato e outro da garganta de Fofinho. Estavam avisados os camaiurá. Mais um pouco apareciam as casas da aldeia e mais um pouco Tacuni e outros camaiurá estendiam aos pariás cuias de caxiri, folhas de

¹²⁴ CALLADO, Antonio. “Um velório no Tuatuari: tribos do Xingu unidas no ‘quarup’ do cacique Uranaco”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29.7.1956, pgs. 1 e 10.

tapioca e beijos num tipiti. Dançarinos com joelheiras de fibra de algodão, perneiras e tornozeleiras de embira, pintados de vermelho com bolas pretas nos peitorais, nas coxas e nas costas saíram das malocas soprando as enormes uruás de pau. Acompanhavam as notas soturnas da uruá com a sola do pé direito percutindo o chão duro. Do cocar de egretes de arara descia pelas costas dos dançarinos até abaixo dos joelhos o couro da sucuri que cada um tinha matado. Eis que surge o bravo tuxaua Tamapu, com a mulher Tanumacalô e o filho Itacumã, Nilo. Tamapu demonstrava seu prestígio e sua grandeza de capitão envergando calça de zuarte, suéter mostarda e quepe da Força Aérea Brasileira. Tamapu iniciou uma longa arenga fúnebre em honra de Uranaco, uialapiti amigo de camaiurá. Cuia de caxiri circulava entre visitantes e visitados aquecendo por dentro o sangue de todos enquanto por fora um sol de meio-dia esmaltava o urucum e dava brilho de suor ao jenipapo. Meninos camaiurá armaram no centro do terreiro abrigo com grimpas de arbustos e sob esse dossel se sentaram em caixotes de bacalhau Canato e Fofinho, ouvindo a lengalenga de Tamapu e vendo os dançarinos de rabicho de sucuri e flauta jacuí empenhados em encantar nos ares e socar com o pé nas profundas os maus espíritos que não sabem vitoriosos.¹²⁵

Para conservar o ponto de vista do forasteiro que assiste à embaixada, no lugar da comitiva de repórteres, Callado faz Nando se convidar para acompanhar os “pariás”. De resto, é uma versão ampliada da descrição encontrada no diário de viagem. Os nomes dos personagens – Kanato, Fofinho, Tacuni – são mantidos, assim como os de outros que aparecem aqui – Itakumã, Tanumakalo – e são citados em diferentes momentos do caderno. Os detalhes são similares, apenas mais elaborados e reordenados no fluxo narrativo. A “meia máscara preta” pintada nos rostos dos pariás, o “cocar de egretes de arara” que desce pelas costas dos dançarinos, os ornamentos de fibra de algodão e embira que enfeitam seus corpos. As “4 ou 5 notas monótonas” da flauta de bambu, registradas no caderno, viram “notas soturnas da uruá”, que é o nome indígena desse instrumento. E há lugar até para a ironia com o cacique de suéter amarelo e quepe militar.

Além da cena da embaixada, há várias outras passagens de *Quarup* decalcadas do diário de 1956. Na manhã de 23 de julho, por exemplo, Callado acompanha os preparativos para o ritual noturno. Kanato e outros parentes pintam

¹²⁵ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, pp. 202-203.

e enfeitam os troncos que representarão os mortos homenageados. No caderno, ele anota:

Canato, Sariruí e vários outros índios estão agora fincando no chão os seis troncos, os quarups, que estão a cerca de 1m50 ou 60 do solo, e se põem a esculpi-los com facões de branco. A cerca de um palmo do topo do quarup, a casca do tronco é desbastada em uns palmo e $\frac{1}{2}$. Fica assim um grande anel branco no quarup. (Só um dos índios vi [ilegível] o desenho assim criado com uma varinha). A parte branca assim criada é envernizada com casca de arbusto novo e em seguida embranquecida com o que é provavelmente tabatinga seca e que eles trazem em bolos. Agora, as varinhas com ponta de algodão estão pintando essa parte. [...]

Os quarups, pintados à sombra de árvores, estão agora no centro da aldeia. Estão cobertos de algodão. Imediatamente acima e abaixo da parte pintada foram amarrados cintos grossos de algodão tinto. Os de cima têm diadema de arara na frente e penas de gavião atrás. Os paus de cima estão amarrados atrás (exceto um), como um lenço atado na testa. Os de baixo amarram na frente do “corpo”.

Agora vê-se melhor a representação do quarup, logo abaixo das penas de cabeça, na parte ainda coberta de casca, é a cara – uma carinha do tamanho de bola de tênis. A 1ª cinta de algodão não pode ser turbante, que não usam, serão braçadeiras. A parte bem decorada com desenho abstrato é sem dúvida o peito, abaixo do qual vem a cinta. No chão, diante da “estátua”, duas bolinhas de barro são os pés.

Na reportagem do *Correio da Manhã*, essa descrição dos troncos é resumida em menos de dez linhas. No romance, é incorporada em quase todos seus detalhes e expandida para se adequar ao enredo. São quatro os indígenas que esculpem seis quarups: Canato, Sariruí, Apucaia e Anta – este último se destaca por seus dotes artísticos (e também por, mais tarde, se envolver com uma mulher branca, Sonia, que era disputada por dois integrantes da expedição de Nando). Callado se baseia em suas observações da viagem para construir o personagem de Anta a partir de uma série de descrições. Por ser o mais talentoso, é ele o responsável pelo tronco mais importante, o que vai representar o cacique Uranaco. E as técnicas que usa são as mesmas que Callado viu em 1956: o talho seco com facão de branco, a pintura cuidadosa com o algodão preso na ponta da varinha, as bolinhas de barro na base do tronco fazendo as vezes de pés.

Maivotsinim criou a raça humana fazendo quarups, com os quais criou os homens, homens como Canato, Sarirúá, Apucaia e o Anta, que agora faziam quarups para criar Maivotsinim. O curioso, pensou Nando, é que naquele ofício quem mais se isolava do mundo para abrir a facção no tronco a zona branca a ser pintada e quem mais se esmerava em compor o canitar com penas de arara e de gavião era o Anta, único que usava como medida sua flauta de cana. Por isso mesmo estava aprontando o quarup da festa, Uranaco, e não o quarup dos mortos menores. [...] Canato, Apucaia, Sarirúá pintavam o peito dos seus quarups mergulhando os dedos nas panelas de urucum, de fuligem, jenipapo, mas o Anta, que a polira antes esfregando-a com galhos tenros, molhava nas tintas a vareta com chumaço de algodão. O próprio cinturão de algodão tinto em muitas cores e que se amarrava na cintura do quarup saiu da mão do Anta como se o Anta passasse a vida fazendo cinturões para tuxaua morto quando na realidade todos sabiam que passava a vida tocando flauta na beira do rio. [...] daí a pouco está o Anta de volta carregando numa tábua daquelas de virar beiju no fogo uns sapotis grandes ou não, espera, umas bolas de barro molhado ainda, mas redondinhas e no chão diante de cada quarup o Anta colocou duas bolinhas e da distância em que se encontrava Nando olhou os quarups e viu que tinham pés.¹²⁶

De tarde, Callado percebe que Kanato está se banhando no centro da aldeia. Ele anota no caderno: “Parte do rito pela morte do pai: está saindo do luto. Agora uma velha índia, Aunalo, toma banho também, saindo do luto. Parece que Canato se sentou para não molhar as joelheiras novas de festa, azul-arroxeadas.” A cena não é mencionada na reportagem. No romance, ressurgiu inteira, até na cor das joelheiras, acrescida de detalhes pontuais:

Canato se preparou para o banho mediante o qual sairia do luto de Uranaco. Plantou-se no meio do terreiro enquanto a velha Aunalo despejava sobre um Canato ardente de urucum cuias e cuias d’água. Vendo que a água ia escorrendo pelas suas coxas e ameaçando as joelheiras novas feitas para o quarup e de um belo azul arroxeadado Canato sentou rápido num tamborete com cara de tatu.¹²⁷

O ritual noturno dos troncos, que Callado só registrou depois de encerrado, é reconstituído a partir dessas notas, tanto na reportagem do *Correio da Manhã*, em poucos parágrafos, quanto no romance, em uma longa seção. Os homens que

¹²⁶ Ibidem, p. 224-225.

¹²⁷ Ibidem, p. 225.

saem correndo da maloca de Canato “brandindo palmas secas em fogo e correndo”, segundo o caderno, e “agitando palmeiras de buriti em fogo”, segundo a reportagem, ganham no livro uma descrição elegante: “A queda da noite trouxe ao quarup uma irrupção de fogo: da maloca de Canato saíram brandindo palmas acesas de buriti os índios anfitriões”¹²⁸. O efeito que a luz do fogo causa nos cabelos empapados de tinta vermelha é comparado, tanto no caderno quanto na reportagem, a “um barrete de urucum” que, durante a corrida, “bate como asas” entre as orelhas dos homens. Mais uma descrição decalcada no romance: “Os índios em tropel de fogo estão pintados da cabeça aos pés e os cabelos cortados rente são agora um sólido barrete de urucum”, escreve Callado, “quando marretam o chão com o pé de pilão o cabelo sólido de tinta bate-lhes nas orelhas como asas escarlates”.¹²⁹

Há inúmeros outros exemplos desse percurso das descrições entre o caderno de 1956 e *Quarup*, passando pela reportagem do *Correio da Manhã*. A pesca de bomba para garantir o banquete do quarup. A melopeia fúnebre dos pajés (“Ho-ri-ri-Icatô”) e a resposta das carpideiras (“Nei-mahon! Nei-mahon!”). A sequência de lutas na manhã do huka-huka, repetindo inclusive os nomes e o desempenho dos lutadores. O despojo dos troncos no rio ao fim do ritual.

Mas que valor tem esse “tipo de informação” que Callado se esforçou para incluir no romance?

Em seus comentários sobre a influência da linguagem jornalística na obra de Callado, Arrigucci se concentra mais em *Reflexos do baile*, com sua “técnica de montagem”, do que em *Quarup*, que define como um livro “muito ambicioso e bastante irregular”¹³⁰. Mas, em outra ocasião, deu um depoimento relevante para se compreender a percepção dele e de parte da crítica sobre a obra de Callado. Foi no mesmo seminário sobre manuscritos, realizado na USP em 1985, no qual Callado apresentou os cadernos de *Concerto carioca*. A certa altura, a conversa enveredou pelo tema da relação entre ficção e jornalismo, e o escritor perguntou a

¹²⁸ *Ibidem*, p. 228.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ ARRIGUCCI JR, David. “O baile das trevas e das águas”. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 62.

opinião de Arrigucci, que estava na plateia. Ele identifica contribuições relevantes da prática jornalística para os primeiros romances de Callado – não cita *Quarup*, mas é o livro que mais se encaixa aqui:

a gente percebe como as andanças de jornalista têm a ver, de algum modo, com o escritor de ficção. Depois, há a sua aderência ao fato histórico e político, sempre tão importante. Tenho a impressão de que o jornal também serviu de caminho para isso, através do corpo a corpo com os acontecimentos concretos. Abriu a perspectiva, logo assumida criticamente, para uma épica histórico-política, frequentemente recheada com o que ficou de fora, omissos ou censurados, na historiografia oficial brasileira.¹³¹

Mas, nas obras posteriores, “a importância do jornal mudou de lugar”, avalia Arrigucci. Essa mudança coincidiria com a decisão de Callado de deixar as redações, em 1975, para se dedicar integralmente à literatura: o primeiro romance que lançou depois disso foi justamente *Reflexos do baile*. “O afastamento do jornal parece ter acentuado o seu artesanato literário”, diz o crítico, “observo nos seus últimos romances, a partir de *Reflexos do baile*, o seu lado burilador da linguagem”. Mais uma vez, é como se as obras de ficção produzidas por Callado enquanto trabalhava em jornal sofressem de um déficit – aqui vêm à mente a expressão usada por Silviano Santiago, “literatura parajornalística”. Arrigucci não usa esse termo, mas interpreta a trajetória de Callado como uma libertação do jornalismo em direção a uma linguagem mais elevada: “agora você parece caminhar no sentido oposto ao da indústria da informação, o que pode trazer vantagens artísticas (se evitados os riscos do amaneiramento), mas pode também dificultar a aproximação com o público, pelo tipo de linguagem”.¹³²

Mas e se enxergássemos em *Quarup* “vantagens artísticas” trazidas não pelo afastamento da linguagem jornalística, e sim pelos cruzamentos entre ela e a ficção? Cruzamento que não se dá pela técnica da montagem, como em *Reflexos do baile*, mas pela tensão entre informação e narração.

¹³¹ ARRIGUCCI JR, David. “Pedaço de conversa (resposta a Antonio Callado)”. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 114. O crítico publicou sua intervenção no debate como um ensaio neste livro.

¹³² *Ibidem*, p. 114-115.

Ricardo Piglia explora essa ideia em uma aula sobre dois escritores argentinos que atuavam na imprensa e viviam em constante tensão com ela: Roberto Arlt e Rodolfo Walsh. Para se sustentar, nos anos 1920 e 1930, Arlt publicava crônicas em ritmo industrial, mas sempre com uma linguagem inventiva e um olhar crítico sobre o sensacionalismo e a superficialidade da imprensa. Já Walsh colaborou com uma série de pequenos jornais e revistas ligados a movimentos de esquerda e centrais de trabalhadores, entre as décadas de 1950 e 1970, e durante a ditadura montou uma agência de notícias clandestina para driblar a censura e o apoio de grandes empresas de comunicação ao regime militar. Enquanto isso, ambos reelaboravam material de suas colaborações com a imprensa em outros tipos de textos: Arlt em seus romances, Walsh em contos e reportagens narrativas.

Diante disso, Piglia encontra no trabalho de Arlt e Walsh um ângulo original para refletir sobre as relações entre jornalismo e romance: o modo como a informação circula. Em suas intervenções na imprensa, Walsh e Arlt mostram, cada um à sua maneira, que existem “formas de modificar os sistemas mais clássicos de organizar a circulação da informação”. Além disso, em suas obras narrativas, Piglia encontra uma alternativa à circulação dispersa e massiva da informação na imprensa. “Há uma circulação monumental de informação, que nos excede e que acredito que nos faz sofrer a todos, por isso temos sempre a sensação de estar mal-informados”, escreve Piglia. Essa circulação excessiva da informação “produz uma distância difícil de resolver. Sempre estamos de fora e à margem” dos grandes acontecimentos. O romance, por sua vez, é “um gênero que limita essa dispersão e dá aos acontecimentos a forma de uma experiência”.¹³³

Quando vai ao Xingu em 1956, Callado é redator-chefe do *Correio da Manhã*. Enquanto escreve *Quarup*, nos anos 1960, é editorialista do *Jornal do Brasil*. São posições estabelecidas na imprensa da época, bem diferentes dos postos alternativos ocupados por Arlt e Walsh. Mas, mesmo nesses grandes veículos, como vimos no capítulo anterior, ele escrevia e pautava com frequência reportagens e artigos sobre temas de grande impacto político, como a reforma

¹³³ PIGLIA, Ricardo. “La información y la narración”. In: *Escenas de la novela argentina*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2022, pp. 110-116.

agrária e a demarcação de terras indígenas. Depois do golpe de 1964, acelera a composição do romance que vinha escrevendo há anos, no qual procurava dar conta desses mesmos temas que abordava na imprensa. Para falar nos termos de Piglia, uma das principais operações que Callado realiza em *Quarup* é reordenar a circulação das informações que colhe em suas viagens de repórter. No cotejo do diário com a reportagem e o romance, nota-se que muitas dessas informações foram apresentadas ao público primeiramente na dispersão da imprensa diária, quando não resumidas ou mesmo suprimidas, seja por questões de espaço ou pelas exigências próprias do texto jornalístico. No romance, elas são reconstituídas, às vezes quase literalmente, a partir das anotações do caderno, e ganham amplitude e densidade narrativa. Onze anos depois da viagem, Callado ainda faz parte da “indústria da informação”, como diz Arrigucci. Mas encontra uma nova maneira de fazer circular, em forma de descrição no interior do romance, “um tipo de informação que talvez não se enquadre nesse gênero de obra”.

E qual pode ser, afinal, a potência da descrição em uma obra literária? Num plano mais evidente, é importante lembrar que Callado fez o primeiro registro do quarup – e da vida em uma aldeia xinguana, de modo geral – na história da literatura brasileira. E essa realidade comparece não apenas como tema do livro, mas na própria tessitura da prosa. Em seu estudo sobre *Quarup*, Edson José da Costa nota que, no capítulo dedicado ao ritual, “a ação impregna a própria linguagem narrativa”, de modo que os termos indígenas são empregados por Callado com naturalidade, “no meio da frase, sem o recurso do símile ou da comparação, como [...] se já pertencessem tradicionalmente ao léxico da língua portuguesa”¹³⁴. A partir de *Quarup*, desde o título do livro, expressões, nomes próprios e acidentes geográficos xinguanos estavam definitivamente inscritos no repertório da literatura brasileira.

Mas há outra dimensão, mais profunda, no uso das descrições no romance. Para discutir esse aspecto, podemos recorrer a algumas ideias de Jacques Rancière a respeito do papel da descrição na prosa realista. Rancière considera que a distinção formal estabelecida por Aristóteles entre os modos de representação “era

¹³⁴ COSTA, Edison José da. *Quarup: tronco e narrativa*. Curitiba: Editora UFPR, 1998, p. 111.

também uma distinção política”, pois estabelecia que a narração cabia apenas aos heróis que vivam na esfera da ação, e nunca “a pessoas que estavam confinadas à condição da vida nua”¹³⁵. E atribui a proeminência da descrição a partir de autores como Flaubert e Zola à subversão desse modelo hierárquico na modernidade, quando o romance se abre para uma sensibilidade mais democrática. Rancière detalha essas ideias em sua discussão sobre o conceito de “efeito de realidade” na obra de Barthes: se para Barthes as descrições aparentemente inúteis do cotidiano de camponeses e pequeno-burgueses em Flaubert tinham como objetivo último servir como índice de verossimilhança, para Rancière elas marcavam na verdade a irrupção em cena de personagens antes excluídos do regime de representação. É o que Rancière chama, mais de uma vez, de “democracia literária”: quando se desfaz a hierarquia entre ação e descrição, a ficção se afirma como um exercício de “distribuição de capacidades de experiência sensorial, do que os indivíduos podem viver, o que podem experienciar e até que ponto vale a pena contar a outros seus sentimentos, gestos e comportamentos”¹³⁶. A política da ficção, diz Rancière em outro texto, não está apenas no que ela representa, mas no que ela realiza: “as situações que ela constrói, as populações que ela convoca, as relações de inclusão ou de exclusão que ela institui”¹³⁷.

No debate com Arrigucci, um dos críticos, Flávio Aguiar, aponta uma característica aparentemente problemática das obras de Callado, Francis e Louzeiro: o “imediatismo de tudo”, o “caráter muito provisório” de narrativas “muito circunstanciadas”, pois tentavam dar conta de processos históricos que se desenrolavam no presente. “Eles são romances, deveriam ser assim uma reflexão mais profunda sobre a história, mas eles são construídos em cima de uma história que não existe ainda enquanto discurso”, diz Aguiar: “De certo modo eles, romances, estão suprimindo essa história”¹³⁸. Mais uma vez, aqui, o que é apontado como falha pode ser visto como força. Se *Quarup* fracassa como alegoria do Brasil em tempos de ditadura, é possível encontrar no romance descrições de

¹³⁵ RANCIÈRE, Jacques. “O efeito de realidade e a política da ficção”, in *Novos Estudos*. Tradução de Carolina Santos. São Paulo, n. 86, mar. 2010, p. 79.

¹³⁶ *Ibidem*

¹³⁷ RANCIÈRE, Jacques, *O fio perdido*. Trad. Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p. 13.

¹³⁸ ARRIGUCCI JR., David. 1999. “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”, in *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 83.

vidas que naquele momento tinham pouca ou nenhuma representação na literatura brasileira: indígenas e indigenistas, trabalhadores do campo e educadores populares, militantes da resistência armada e da luta pela reforma agrária. São as populações que Callado convoca. Não se trata apenas, como enxergou Arrigucci, de compor uma obra de ficção “recheada com o que ficou de fora, omissa ou censurada, na historiografia oficial brasileira”. Trata-se de uma intervenção no presente. E essa parece ser uma dimensão crucial da ideia de Callado sobre a importância de recolher e representar na ficção elementos que ajudassem a desvelar “a projeção do fato social”. Em 1967, quando o livro foi publicado, esses grupos estavam entre os mais perseguidos pelo regime recém-instalado. No momento em que se tentava erradicar esses elementos da realidade brasileira (e não apenas metaforicamente), o texto de *Quarup* os descreve e os reinscreve na esfera pública, dando um sentido ainda mais urgente à concepção de “democracia literária” de Rancière.

No dia 26 de janeiro de 1997, quando completa 80 anos, Callado dá uma entrevista à *Folha de S. Paulo* para fazer um balanço da carreira. Muito debilitado, em decorrência de um câncer, ainda assim recebe os repórteres Matinas Suzuki Jr e Mauricio Stycer em sua casa, no Leblon, zona sul do Rio. Aquela acabará sendo sua última entrevista: ele morrerá dois dias depois. Na conversa, mostra-se pessimista em relação ao Brasil e cético quanto à própria obra. Manifesta esse sentimento antes mesmo de os jornalistas fazerem a primeira pergunta. “É o seguinte: do ponto de vista da minha carreira de romancista, acho que um único romance meu tem força em si: *Reflexos do baile* [...] Diante dos meus outros livros, é, para mim, fora do comum. Tive a sorte de contar com a sensibilidade do Arrigucci, que também sentiu isso no meu livro.” Callado entende que alcançou outro nível nesse romance porque “foi o primeiro livro que escrevi fora de jornal. Foi o primeiro livro que fiz inteiramente à vontade.”¹³⁹ Diz ainda que teme ficar conhecido como “o autor de *Quarup*”, em vez de ser lembrado por seu livro favorito. Mas, provocado pelos repórteres (“não teme chatear os fãs de *Quarup*?”), ele enfim cede e fala com carinho do romance pela primeira vez: “Tenho a impressão de que *Quarup* é um livro mais durável”. Três décadas depois

¹³⁹ STYCER, Mauricio e SUZUKI JR. Matinas. “Antonio Callado chega aos 80 e revê obra”, *Folha de S. Paulo*, 26. jan. 1997, Ilustrada, p. 1 e 13.

da publicação, quatro décadas depois das primeiras viagens ao Xingu, é lá que Callado encontra motivos para acreditar que o romance ainda será lido no futuro: “Sinto que *Quarup* tem toda uma capacidade de reaparecer, por causa da problemática dos índios. Tem boa chance de permanecer”.

A edição mais recente de *Quarup*, lançada em 2021, inclui dois textos que, revisitando o romance a partir de perspectivas indígenas, confirmam essa intuição de Callado. Márcia Wayna Kambeba relaciona o personagem do padre Nando com a figura de um evangelizador que um dia chegou à aldeia onde ela cresceu, nas terras do povo Tikuna, no Amazonas. “A forma como os missionários chegavam nas aldeias e catequizavam impactava a cultura em todo seu aspecto”, observa Kambeba, para quem o romance apresenta aos leitores “os conflitos enfrentados pelos povos originários para garantir o direito ao território e rememorar valores culturais, espirituais e identitários”¹⁴⁰. Já Daniel Munduruku defende que o livro seja lido “por todas as novas gerações de brasileiros para que possam entender como a construção de equívocos históricos é gerada, especialmente no que diz respeito aos povos indígenas”. O romance de Callado “revela como a sociedade e o próprio governo brasileiro sempre trataram os originários desta terra”, diz Munduruku, e por isso ganha a força de “um documento histórico”¹⁴¹.

¹⁴⁰ KAMBEBA, Márcia Wayra. “Quarup: identidade, espiritualidade e memória no território sagrado” in CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, p. 6-7.

¹⁴¹ MUNDURUKU, Daniel. “Quarup: entre o ser e o talvez” in CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, p. 4.

Relendo Callado no Xingu

Em maio de 2022, enquanto terminava de escrever esta tese, fiz minha primeira viagem ao Xingu. Ela foi planejada como parte das pesquisas para uma exposição de imagens do Xingu que será realizada no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, com curadoria minha e do cineasta Takumã Kuikuro. Em 5 de maio, eu e parte da equipe da exposição – a assistente de curadoria Marina Frúgoli, a arquiteta Juliana Prado Godoy e o designer Daniel Trench – embarcamos para a aldeia Ipatse, do povo Kuikuro, onde passamos uma semana hospedados na casa de Takumã.

Desde o momento em que soube da viagem, decidi que manteria um diário, na expectativa de que faria sentido incluí-lo na tese. Nos últimos anos, eu vinha tocando em paralelo a pesquisa do doutorado sobre as viagens de Callado e o trabalho no IMS em torno do Xingu, primeiro para um podcast sobre os 60 anos da demarcação (*Xingu: terra marcada*, lançado em 2021 pela Rádio Batuta) e em seguida para a exposição. Agora, essas duas linhas de atuação, que no fundo nunca estiveram separadas, iam se misturar de vez.

Decidi também que levaria na mochila um exemplar de *Quarup* e uma transcrição do diário de 1956. Não sabia muito bem o que faria com eles, mas me pareceu importante tê-los comigo no Xingu, como se o mero ato de se deslocar junto com a obra de Callado guardasse a promessa de um olhar renovado sobre ela. Essa percepção, em toda sua ingenuidade, acabaria se mostrando produtiva ao longo da viagem, ainda que por motivos inesperados.

Comecei a viagem alternando entre dois cadernos: um para as notas sobre a exposição e outro para o diário de viagem. Naturalmente, em poucos dias também os cadernos se misturaram, e passei a usar aquele que estivesse mais à mão no momento. Para a transcrição que se segue, reuni as anotações dos dois em um único documento, organizado em ordem cronológica, sem alterar nada. Só

deixei de fora os registros mais burocráticos das sessões de trabalho. No mais, está tudo aí.

O nome provisório da exposição em que estamos trabalhando é *Xingu: contatos*. Durante os preparativos da viagem, li uma conferência de Ailton Krenak sobre a noção de “contato”. Costuma-se usar essa expressão para descrever o momento em que brancos encontram determinado grupo indígena pela primeira vez. O termo em si não é equivocado, ele argumenta, desde que não seja usado apenas para se referir ao passado. Cita como exemplo povos que permanecem isolados no interior da Amazônia, como os Jamináwa: para eles, diz Krenak, “1500 ainda não aconteceu”. E mesmo para os povos já “contactados”, o sentido do encontro com os brancos muda o tempo todo. O contato não é um evento singular, sugere Krenak, acontece continuamente para indígenas e não indígenas, e assim essas relações vão se refazendo e se transformando:

Não houve um encontro entre as culturas dos povos do Ocidente e a cultura do continente americano numa data e num tempo demarcado que pudéssemos chamar de 1500 ou de 1800. Estamos convivendo com esse contato desde sempre. [...] No amplo evento da história do Brasil o contato entre a cultura ocidental e as diferentes culturas das nossas tribos acontece todo ano, acontece todo dia.¹⁴²

¹⁴² KRENAK, Ailton. “O eterno retorno do encontro”. In: NOVAES, Adauto (org.), *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999, pp. 24-25.

4.1

Diário de uma outra viagem: 2022

5/5 - quinta

Voo Rio-BSB

11h

Os diários de viagem do Callado começam sempre com notas a bordo de um avião. Ela ia ao Xingu de carona em jatinhos emprestados pelo Chatô ou em voos da FAB arranjados pelos Villas Bôas. Era sempre um rolo, mas chegava rápido. Já eu, sem a “munificência chateaubriânica” nem amigos no governo (o que não deixa de ser uma vantagem hoje em dia), vou demorar um pouco mais. Duas horas de voo até Brasília, depois 15 horas (e um pernoite) num ônibus até Canarana-MT, a última cidade antes do Território Indígena do Xingu, e depois, na manhã seguinte, mais 7 horas de carro até a aldeia Ipatse, dos Kuikuro. Ou seja, dois dias de viagem. O jeito é ter paciência e, como fazia o Callado, abrir o caderninho e matar o tempo rabiscando as primeiras notas.

Essa viagem devia ter acontecido há dois anos. Minha ideia era ir no meio de 2020, quando estava produzindo um podcast sobre os 60 anos da demarcação pra Rádio Batuta, do IMS. Mas a maldita pandemia atrapalhou isso também. Acabei conseguindo fazer a série mesmo assim, com o apoio de dois cineastas xinguanos, Kamikia Kisedje e Takumã Kuikuro. A série foi ao ar em abril de 2021 e a pesquisa virou uma exposição, na qual eu e o Takumã estamos trabalhando desde o ano passado. Mas faltava a viagem. Talvez por um cacoete de jornalista, sempre achei absurdo trabalhar em uma exposição sobre o Xingu sem nunca ter ido ao Xingu. Com a trégua da pandemia nos últimos meses, finalmente vai ser possível corrigir isso.

O adiamento trouxe uma vantagem, pelo menos. Em 2020, eu teria caído de paraquedas no Xingu. Não conhecia ninguém lá, ia chegar apenas com o que sabia a partir das pesquisas. Agora chego para encontrar pessoas com quem já tenho alguma relação: Takumã, com quem falo quase todo dia há mais de um ano

por conta do podcast e da exposição, Yamalui Kuikuro, primo do Takumã e pesquisador da exposição, Tapi Yawalapiti, que entrevistamos para o podcast e vai nos receber um dia na aldeia dele. Esses encontros têm coincidências curiosas com a tese. Yamalui é neto de Nahu Kuikuro, que foi intérprete na primeira viagem do Callado ao Xingu, a expedição do filho do coronel Fawcett, em 1952. E Tapi é neto de Kanato, com quem Callado encontrou em quase todas as viagens e de quem ficou amigo. Pretendo conversar com os dois sobre isso também.

Já vamos pousar em Brasília. Até que a primeira parte da viagem passou rápido.

6/5 - sexta

Canarana

12h

24 horas depois, dá pra dizer que estamos no meio do caminho. Amanhã, a essa hora, já devemos estar na aldeia. Alguém comentou ontem, antes de entrarmos no ônibus: saindo do Rio ou de SP, é mais rápido chegar ao Japão do que ao Xingu.

Mas estamos chegando. Ontem, em Brasília, encontrei a equipe da exposição: Marina, Juliana e Daniel. Em algum momento vou ver se consigo fazer o registro dos tipos, como o Callado penava para fazer, talvez quando todos nós tivermos virado figuras “recortadas contra o fundo da floresta”. Agora quero registrar a viagem, e a estranhíssima Canarana.

Sáímos de BSB às 19h, no ônibus da gloriosa Viação Xavante. Ônibus executivo, menos desconfortável do que eu esperava, não tive problema pra tirar alguns cochilos. Na poltrona à minha frente iam 2 indígenas, falando o tempo todo na língua deles. Eu estava dormindo na altura em que saltaram, mas, pela região, talvez fossem Xavante.

No caminho, o melhor e o pior do Centro-Oeste. O céu noturno deslumbrante, cheio de estrelas. A repetição vertiginosa da paisagem de pasto e soja, pasto e soja. De madrugada, passamos por pelo menos 3 ônibus de duplas sertanejas de escalões inferiores do circuito agropop.

Emocionante ver pela primeira vez os lugares por trás dos nomes que venho lendo nos diários do Callado e nos relatos dos Villas. Aragarças, Barra do Garças, Nova Xavantina. Não que eu tenha visto muito: rodoviárias desertas na madrugada, lanchonetes dos anos 90 na beira da rodovia, estradas que são retões intermináveis onde só se nota a mudança de cenário pela aparição ocasional de cercas e bois.

O que emociona não é o cenário, claro, e sim lembrar que quando os Villas passaram por aqui com a Roncador-Xingu nos anos 40, ajudando a fundar muitas dessas cidades, eles sabiam que eram emissários de uma civilização que em breve chegaria de vez, devorando tudo. O Parque foi o jeito que encontraram de tentar resolver essa contradição. Um projeto que tem ele próprio suas incongruências, mas que conseguiu uma coisa única no Brasil: num país em que as terras indígenas sempre tiveram que ser arrancadas de volta dos invasores, aqui elas foram demarcadas antes que eles ocupassem tudo. Quando os colonos chegaram com força, nos anos 70 e 80, deram com os limites do Parque, que já existia há duas décadas.

E o que os colonos fizeram, então? Coisas como Canarana. A cidade foi fundada em 1975 e, assim como várias outras no entorno do Parque, é um entreposto gaúcho em pleno cerrado. Não por acaso, perto daqui há outra cidade chamada Gaúcha do Norte (fundação: 1979). E a esquina principal de Canarana é o cruzamento entre as avenidas Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Para não deixar dúvidas, perto dali há uma grande escultura de uma cuia de chimarrão.

Andamos pouco pela cidade até agora, pelo cansaço da viagem e o calor brutal. O que vimos? Muitas camionetes 4x4, quase nenhum pedestre, bandeiras do Brasil desbotadas em várias fachadas. Eu não notei, mas o Daniel viu um outdoor contra o Lula (“Aqui não se vota em ladrão”).

E o Xingu? Por enquanto só apareceu no nome de uma concessionária de máquinas agrícolas e no medonho painel na parede do maior supermercado da cidade, uma pintura que resume as várias faces de Canarana: bandeiras do Brasil e do Mato Grosso, araras, bois, um girassol e uma melancia, uma cuia de chimarrão e dois indígenas contra um céu alaranjado e um sol poente.

Vamos partir para a aldeia amanhã às 6h. Takumã está na cidade e vai com a gente. Ele tem uma casa aqui e vive entre a aldeia e Canarana, de onde fica mais simples viajar para eventos e filmagens. Sei que existe uma presença indígena em Canarana – aqui há uma sede da Associação Terra Indígena do Xingu, que reúne os 16 povos do território – mas não é algo que se nota nas ruas, ao menos no Centro, onde estamos.

*

18h30

Parei pra almoçar, depois fui ao mercado com Takumã e Marina fazer as compras pra viagem. Aproveitei e perguntei a ele sobre a presença indígena em Canarana. A resposta dele foi o contrário da minha impressão inicial. Disse que muitas pessoas do Alto Xingu, e também Xavante, têm casa em Canarana e vivem entre as aldeias e a cidade. Além disso, muitas vêm aqui pra fazer compras. Como o frete é caríssimo (R\$ 1.200 só a ida até a aldeia do Takumã), eles se cotizam e uma viagem rende compras pra várias pessoas. Outros também vêm vender artesanato na cidade. Enfim, sempre bom lembrar que o primeiro olhar sobre um lugar nunca pega tudo (na verdade pega muito pouco) e é melhor perguntar a quem conhece. Taí um lema pra jornalistas...

Agora já são 19h. Tanto tempo pensando nessa viagem nos últimos anos, mas os últimos meses foram tão caóticos que não deu tempo de idealizar muito esse momento. O que eu espero do Xingu, afinal? Agora estou cansado vamos sair pra comer alguma coisa e tomar uma cerveja, essa pergunta fica pra depois.

7/5 - sábado

Aldeia Ipatse

21h

Saímos de Canarana às 7h, em dois carros: eu, Daniel, Juliana e Marina em um, Takumã, Regina, mulher dele, e dois filhos pequenos em outro. Foram 6h de estrada, a maior parte de terra. Antes do limite do território, é tudo fazenda – soja e milho. Rodamos uns 50 km só nas terras do Blairo Maggi, ex-governador do MT. A área cultivada só é interrompida de vez em quando por pequenas faixas de floresta (que os proprietários são obrigados por lei a manter) e por gigantescos silos de metal que parecem naves alienígenas recém-pousadas num planeta que pretendem dominar.

Vimos com Kaká, um motorista falastrão que eu levaria horas para descrever. Basta dizer que no seu monólogo interminável ele mostrou muito da relação que as pessoas de Canarana parecem ter com o Xingu. Uma mistura de paternalismo, fascínio e preconceito (no caso dele, contra as lideranças femininas). E isso porque ele é um simpatizante, odeia Bolsonaro e briga com os vizinhos pra defender o Lula.

A entrada do Parque é tão discreta que se o Kaká não mostrasse eu não notaria. A estrada se estreita um pouco, não há cancela nem portal, apenas uma plaquinha: “Terra Protegida”. Rodamos mais uma hora, mais ou menos, até chegar ao porto dos Matipu, no rio Culuene. Lá pegamos uma voadora, carregada com nossas mochilas e caixas de comida, entre as quais nos acomodamos com o Takumã e a família. O trajeto até o porto dos Kuikuro foi curto, uns 20 minutos, mas foi ali, nas águas do Culuene, que caiu a ficha de que estou, enfim, aqui. Lembrei dos primeiros comentários do Callado sobre o Culuene, o primeiro rio do Xingu que ele conheceu – no caminho, passamos pela aldeia Kalapalo que ele visitou com a expedição do filho do Fawcett. Lembrei das várias fotos do Xingu que vi nos últimos meses, de várias épocas diferentes, e pude enfim comparar as imagens com o cenário real (é incomparável).

Depois da travessia, foram mais uns 20 minutos de carro até Ipatse. A aldeia é maior e ainda mais imponente do que eu imaginava. As ocas são dispostas em um círculo perfeito que acentua o espaço vazio no centro, palco dos rituais. Hoje, era um campo de futebol ocupado pelos 2 times que vão disputar a Copa Libertadores do Xingu no mês que vem.

Achei que íamos ficar hospedados na sede da associação, mas o Takumã nos convidou a ficar na casa da família dele. Yamalui, o primo do Takumã que é pesquisador da exposição, me reconheceu de longe e veio falar comigo. Já tínhamos nos encontrado uma vez, no Rio, quando ele e Takumã passaram por lá no início do ano e vimos um jogo do Flamengo no bar. Yamalui me mostrou o peixe que estava preparado, à nossa espera pro almoço, e disse: “A primeira coisa que vocês têm que fazer é pendurar as redes”. A estrutura de madeira que sustenta a casa é impressionante, ao mesmo tempo simples e sofisticada, frágil e sólida. As 4 redes dos forasteiros foram penduradas lado a lado, e almoçamos peixe assado com beiju. Depois cochilamos nas redes. Acho que cheguei a roncar.

No fim da tarde, tomamos banho no rio Buriti, lindo e tranquilo. E depois fizemos uma reunião pra apresentar o projeto às lideranças Kuikuro. A conversa foi em frente à Casa dos Homens, que fica no centro da aldeia e só é usada nos rituais. Ficamos um pouco desconcertados quando notamos que as mulheres não iam participar. Combinamos de ver com o Takumã como contornar isso (se for possível).

O projeto da exposição foi bem recebido. Os cadernos com as fotos antigas circularam por eles, e alguns folhearam longamente, comentando as imagens entre si. Deram as boas-vindas e prometeram se organizar pra colaborar conosco nos próximos dias. Enquanto conversávamos – mediados pelo Takumã, que fazia a tradução – o sol foi caindo atrás da Casa dos Homens, e a luz dramática do fim da tarde me lembrou algo que o Carlos Fausto tinha me dito sobre as aldeias do Alto Xingu: são espaços cênicos, teatrais mesmo, e os xinguanos gostam de ritualizar tudo. Essa primeira conversa foi uma espécie de ritual.

Depois conversamos longamente com o Yamalui sobre Nahu. Ele está escrevendo um livro sobre o avô. O título é *Nahu, o dono da palavra* – em Kuikuro, a expressão significa ao mesmo tempo “intérprete” e “aquele que sabe falar”. Ele já escreveu a primeira parte, que vai do nascimento, em 1925, até 1960. A segunda começa em 1961, ano da demarcação, e vai até a morte dele, em 2005. Conseguiu um contato na editora do SESC-SP, enviou os originais e aguarda resposta há 2 meses. Yamalui tem *Esqueleto na Lagoa Verde*, o livro em que o Callado menciona que Nahu era intérprete. E já ouviu falar de *Quarup*. Contou muitas histórias sobre o avô, que vou deixar pra registrar depois, porque já está tarde, Takumã e os parentes foram dormir e eu preciso apagar a luz.

Foi um dia maravilhoso.

8/5 - domingo

Rio Culuene – Aldeia Tuatuari

9h

Estamos no barco, vamos encontrar o Tapi na aldeia dele. Minha ideia era ir só no meio da semana, para chegar com mais calma, mas ele avisou que foi chamado para um encontro pelo cacique dos Kisedje, ao norte do Parque, e tivemos que antecipar. Tapi é neto do Kanato e filho do Aritana, o grande cacique Yawalapiti que morreu de covid em 2020. Agora, está assumindo o posto do pai. A viagem vai levar umas duas horas. Pelo que o Takumã falou, a aldeia fica às margens do rio Tuatuari, perto da antiga aldeia dos Yawalapiti, que era colada ao Posto do SPI. Será que vou ver o local do quarup de 56?

*

A paisagem do rio: a mata é menos fechada do que eu imaginava, mais cerrado que floresta amazônica. Como estamos na vazante, as margens são barrancos de às vezes 2m de altura e ficam à mostra umas prainhas lindas. Não há

sinal de gente, o único indício de ocupação é que de vez em quando enxergamos uma pequena clareira e uma picada mato adentro – é um porto.

*

O barco vai ziguezagueando pelo rio. De vez em quando o motor engasga e ficamos um tempo à deriva. Mas até agora sempre pegou de novo.

*

Ainda não sei dizer o que espero disso tudo, mas percebo que nos últimos meses o Xingu virou uma espécie de espaço mental onde eu me refugiava do drama da separação. Enquanto eu estava pesquisando para a exposição, ou escrevendo a tese, estava tudo bem. O Callado disse uma vez que quando o Brasil ficava difícil de aturar ele fechava os olhos e pensava no Tuatuari. Acabou acontecendo algo assim comigo, só que no meu caso eu ainda não tinha nem pisado no Xingu. Agora estou navegando pelo Tuatuari.

*

Desembarcamos no porto dos Yawalapiti. A aldeia se chama Tuatuari também. Tapi nos recebe na casa dele. É um dos poucos na aldeia, a maioria foi a uma aldeia vizinha passar o domingo, algo sobre um jogo de futebol. Diz que nos esperou para falar da exposição. Muito formal, dá ao encontro um ar de cúpula diplomática. Fala inicial sobre a importância de termos ido pessoalmente, em vez de só tratar do assunto à distância. Critica fotógrafos que foram ao Xingu e depois não deram mais notícias para os povos. Exemplo: Sebastião Salgado. Construiu a réplica de uma casa xinguana em Paris sem pedir permissão. Muitos usam imagens sem pedir nem pagar.

*

Quando mostramos o caderno com as fotos impressas, reconhece Kanato numa sequência de imagens que mostram um grupo de indígenas vestindo roupas

num avião que vai ao Rio. Diz que não conhecia as fotos. Conteí para ele a história, que o Callado registra, de que o antropólogo chamou Kanato de “o índio mais fotografado da América do Sul”, e que o próprio Kanato não aguentava mais isso. Ele riu.

*

Pedi ao Tapi para contar a história da reunião do povo Yawalapiti, nos anos 40, quando restavam poucos deles e viviam espalhados por aldeias de outros povos no Xingu. Ele diz:

Orlando mandou chamar Nahu para saber se vivia algum Yawalapiti com os Kuikuro. Nahu respondeu: “Tem 2 Yawalapiti”. Um deles era Kanato, o outro era o irmão dele, Sariruí. Kanato contava para Tapi que não entendia nada que Orlando dizia. Quem aprendeu português primeiro foi Nahu.

Sariruí estava pescando na hora em que Kanato foi embora no barco com os Villas. Sariruí viu e chorou, pediu para o irmão não ir: “Eles vão matar você”. Orlando fez gestos explicando para ele que Kanato ia voltar. Sariruí falou para o irmão: “Cuidado, volta, vou sentir sua falta”.

4 anos depois Kanato voltou e reencontrou Sariruí. Os Villas levaram os dois para reencontrar os primos que estavam distantes, viviam há 20 anos numa aldeia Mehinako. Daí a aldeia Yawalapiti se formou de novo. Não havia mulheres, Orlando sugeriu casamentos interétnicos. Kanato casou com uma Kamaiurá. A primeira criança que nasceu foi Aritana.

Hoje vivem 200 Yawalapiti nas aldeias, 300 na cidade.

*

Desde o início Orlando adotou Aritana como líder do Xingu. Levou Aritana para morar 1 ano em São Paulo, apresentou para Getúlio Vargas.

Aritana dizia para Tapi que o primeiro projeto de demarcação ia até Canarana, depois o governo reduziu porque disseram que era muito grande. Aritana se arrependia desse acordo, mas dizia que era muito jovem na época.

Pergunto sobre a diplomacia indígena. Tapi fala que os líderes antigos, mesmo sem saber falar português, conseguiram demarcar a terra. Aritana dizia para Tapi que ele ia viver coisas muito mais graves do que ele tinha passado. E isso fez a cabeça dele.

*

Ele explica um pouco sobre as pinturas corporais e os grafismos do Alto Xingu. Onça. Escama de peixe. Trilha de formiga. Algumas são só para os caciques, mas hoje em dia muitos jovens usam.

Nas manifestações em Brasília, viu muita gente com pintura do Alto Xingu. Uma pessoa queria proibir, ele discordou: “Deixa, é bom pra gente”.

*

Estão construindo uma nova aldeia aqui perto. Aritana queria mudar porque o cemitério no centro da aldeia está ficando cheio. O plantio também não dava mais certo.

Tapi não deixa mais desmatarem na aldeia, nem na beira do rio. Os mais velhos reclamam, dizem que é coisa de não indígena, mas ele diz que eles têm que entender a mudança climática. Estão replantando 500 árvores perto do rio.

Fomos até a aldeia nova com Tapi. É uma caminhada de menos de 10 minutos. As casas ainda estão no início. Ele diz que conseguiu apoio de uma ONG francesa para construir o Instituto Aritana na margem do rio. E quer retomar ou comprar dos fazendeiros um pedaço do território dos Yawalapiti que não foi incluído na demarcação. Tapi agacha e desenha na terra os limites desse território.

*

Pergunto sobre a aldeia antiga perto do posto, a que Callado visitou no quarup. Ele diz que ela foi abandonada há muito tempo. O mato cresceu, virou uma espécie de reserva florestal. Tapi: “Está muito bonito lá”.

Ele diz que nunca ouviu falar do Callado. Explico minha pesquisa para a tese e pergunto sobre o quarup de Uranaco. Ele me corrige: “Uaranaco”. Tapi diz que era muito pequeno e não se lembra de nada, mas Aritana sempre dizia que esse foi o primeiro quarup em que vieram os brancos.

*

Depois da conversa, mergulhamos no Tuatuari. No barco, voltando, peço para o Takumã me mostrar onde fica a tal prainha do Tuatuari que Callado descreve. Estava coberta pelo rio, só vai aparecer lá para julho, na época do quarup.

*

21h

Aldeia Ipatse

Por um lapso inexplicável, não levei comigo a transcrição impressa do diário do Callado que eu queria mostrar ao Tapi. Só me toquei depois. Passei o resto do dia chateado com isso. Mas, no fim das contas, o diário foi um pretexto para a viagem. Faz sentido que ele tenha se retirado nesse momento, tendo completado sua função.

*

Voltamos à aldeia no início da tarde. Almoço, cochilo na rede, banho de lagoa no fim da tarde. No início da noite, Takumã montou um telão em frente à casa dele e projetou dois filmes. Primeiro, o registro da participação dos Kuikuro

no Festival Indígena de Bertioga. Depois, um documentário sobre o trabalho de um arqueólogo na Amazônia. O primeiro foi um sucesso, todas as cadeiras ocupadas e várias pessoas sentadas no chão. Eu me distraí a certa altura com as repetições do ritual, mas os Kuikuro batiam palma e se divertiam com as danças e cantos que Takumã filmou na íntegra. Já o segundo, construído como uma narrativa documental clássica, não segurou o público muito tempo. Logo restavam apenas nós brancos e mais alguns na plateia.

Depois Takumã veio comentar com a gente que sempre faz essas sessões, mas costuma passar mais os registros de rituais, como o filme de Bertioga, porque é o que os Kuikuro se interessam em ver. Filme com história é para os brancos, ele disse, e falou que segue essa lógica também na produção dele: documentário com roteiro para circular nos festivais e no circuito não indígena, registros de rituais para passar na aldeia. Impressionante como ele consegue trabalhar nesse trânsito entre mundos.

*

Pensando em tudo que o Tapi falou sobre o Kanato, me ocorre que um bom final para a tese, em vez do levantamento sobre os personagens xinguanos de *Quarup*, seria escrever uma história do próprio Kanato. Ele é o “centro oculto” de *Quarup*, porque foi dele a iniciativa de fazer o ritual em 1956, que acabou sendo acompanhado pelo Callado e deu no romance. “Kanato: notas para a história de um personagem xinguanos de *Quarup*”. Mostrar o que Callado soube enxergar e o que não soube enxergar sobre Kanato. E no processo dá para listar também outros personagens xinguanos, a partir das conversas com Yamalui, Tapi e outros.

9/5 - segunda

Ipatse

10h

Conversa com as mulheres.

Trouxeram a gente para um espaço à sombra de uma árvore, ao lado da escola. O espaço foi pensado para receber conversas com muita gente, porque tem 3 troncos que servem como bancos, posicionados na forma de uma pequena arena. Em frente a esse arranjo, botaram 4 cadeiras da escola para nós. Estamos aguardando as mulheres.

Até agora vieram 3. Não se interessaram ou não tiveram permissão para vir? Ou simplesmente têm mais o que fazer? A maioria são os mesmos homens que estavam na conversa de sábado.

*

Marina encontrou um artista que faz bancos de madeira. Um velhinho simpático que todos tratam como mestre. Ela mostrou para ele uma foto de um banco dele que está na coleção BEI. Ele diz que agora está trabalhando em flautas (jacuí) para os Mehinako.

*

Uma das mulheres está brincando com os homens. Na verdade, é o contrário: eles dizem que ela está envelhecendo mais rápido que o irmão. Depois brincam com um homem que fez uma viagem para Canarana e não trouxe nada. Falam em Kuikuro. E traduzem para a gente. Uma conversa com clima mais leve do que a primeira.

Começa a reunião. Takumã apresenta a exposição, em Kuikuro. Reconheço algumas palavras em português: exposição, europeus, Villas Bôas.

São 5 mulheres agora.

Um rapaz diz em português que agora na universidade a luta é essa: ter o registro feito pelos indígenas, não só pelos antropólogos. Ele estuda Ciência da Cultura, se chama Ivan.

Esse assunto gerou um diálogo entre eles que está rolando há uns 30 minutos, em Kuikuro. Takumã está sendo questionado, parece. Não consigo entender, talvez algo sobre as especificidades dos Kuikuro e do Alto Xingu em comparação com outros povos. Peço para o Takumã traduzir, mas ele pede para esperar, vai responder antes de traduzir para a gente.

Depois pediram que eu falasse. Eles tinham dúvidas também sobre uso de pinturas na exposição e pagamentos por direitos. Acho que consegui contornar.

Uma mulher questionou mais sobre dinheiro, queria que a gente tivesse trazido presentes: computador, celular, roupas. Respondi que temos um contrato com contrapartidas para a associação e que não dava para trazer tanta coisa. Todo mundo riu. Os brancos passam aqui e não voltam, não dão notícia depois, ela falou (sempre em Kuikuro, e alguém traduzia para nós). Expliquei que estamos tentando deixar o acervo mais completo, corrigir as informações que estão erradas ou faltando nas fotos, e que isso vai estar à disposição deles também.

*

Depois do almoço, Takumã contou que o barulho que ouvimos na madrugada anterior foi porque descobriram um feitiço que botaram para a filha do Yamalui. A pajé fumou, desmaiou e acordou ouvindo o grito de uma boneca, que encontraram no alto na Casa dos Homens.

*

De tarde: mergulho no rio com as crianças. Elas brincaram de espirrar água uns nos outros usando um caule de planta como zarabatana. Gritavam: “Guerra da Ucrânia!”.

*

Reunião com Yamalui: explicamos como é o processo de identificação de imagens. Já identificou várias fotos do Kanato. Yamalui começou a me chamar de “cacique do projeto” e o apelido pegou.

*

17h

Só agora consigo parar para escrever melhor sobre a conversa da manhã. Foi um momento tenso, mas significativo. É como se estivéssemos sendo conduzidos por uma série de rituais: a primeira reunião, mais formal, na Casa dos Homens, depois com Tapi, liderança da nova geração, e hoje uma conversa mais informal, na qual eles falaram primeiro entre eles, mas na nossa frente, sobre a participação na exposição. Mesmo nos momentos em que fomos questionados, senti isso como uma prova de confiança, de que acharam que estaríamos à altura de um diálogo.

A questão que a mulher, Kanu, colocou é mesmo a mais importante. O que acontece depois da exposição? O que a comunidade ganha? Ela falou em presentes, como antigamente, mas entendo que isso é uma forma de cobrar retribuição. Falei da importância de os acervos terem a identificação que eles acharem adequada, falei das contrapartidas. Só que a indignação dela também diz respeito a mim. O que eu vou fazer depois da exposição? Vou sumir? Nunca mais aparecer aqui?

Isso eu não consigo responder, mas sinto que esses últimos anos trabalhando com o Xingu vão redirecionar o meu trabalho de uma forma que ainda não consigo entender. Mesmo antes desse questionamento público, feito

numa língua que eu não entendo, eu já sentia uma espécie de cobrança, um demanda de compromisso, que não vem de ninguém a não ser de mim mesmo.

*

À noite, mais uma sessão de cinema em frente à casa do Takumã. Hoje, sem essa de documentário, só filme de ritual. Todo mundo se diverte. É o Kuikuro Open Air.

10/5 - terça

7h

Yamalui: Na nossa língua não se diz “bom dia”. A gente diz: “E aí, você acordou? Eu acordei”.

*

14h

Depois de 4 dias na aldeia, já dá para começar a entender a rotina, ou ao menos a parte mais visível dela. O dia começa entre 6h e 7h. À noite as casas ficam muito escuras e silenciosas, as únicas perturbações são os roncos eventuais (nossos, não deles). E então, de repente, alguém abre as portas, a luz entra e começam as vozes. Dali a pouco já se ouve o som do ralador de mandioca a todo vapor. As crianças mais novas entram na escola 7h30, as mais velhas estudam de tarde. Os adultos vão para a roça ou ficam em suas casas – ainda não visitamos casas suficientes para saber melhor, mas em algumas fazem artesanato, por exemplo.

A aldeia circular tem grandes casas, e a praça central fica vazia a maior parte do tempo – é o cemitério, mas no fim da tarde jogam bola nos 3 campinhos demarcados por traves na terra.

Queria ter o vocabulário arquitetônico para descrever as casas. Pé direito altíssimo, uns 4 metros. Estrutura toda de madeira e sapê. Duas portas alinhadas, uma voltada para o centro da aldeia e outra para a roça nos fundos, que criam uma circulação de ar constante e demarcam as divisões da casa apenas com luz: o centro iluminado é a área de convivência, as laterais sombreadas são os espaços mais privados, onde se penduram as redes.

Ontem, na casa do Yamalui, um desses cantos estava protegido por lençóis num varal. As 2 filhas dele estão cumprindo o período de reclusão: depois da primeira menstruação, as meninas passam um ano, às vezes mais, sem sair nem ser vistas, e reaparecem apenas em um ritual. Ficamos lá mais de uma hora e em nenhum momento ouvi as meninas.

Ainda as casas: a do Takumã tem uma TV grande, de umas 40 polegadas, um freezer e um fogão. A eletricidade vem de um gerador e de placas de energia solar. A água vem de uma mangueira ligada a um poço artesiano. Não há pia, a louça é lavada do lado de fora, e às vezes dentro da casa mesmo. O chão de terra batida seca rápido.

Agora as crianças ligaram a TV e conectaram o celular no monitor para ver vídeos de TikTok e Kwai. Memes, videocassetadas e clipes do Naruto.

*

19h

Hoje foi um dia de conversas com resultados muito diferentes. De manhã, nós 5 conseguimos virar a exposição do avesso. Reorganizamos tudo a partir do trabalho dos cineastas e comunicadores indígenas, em vez das fotos dos brancos, como antes. Muita coisa para fazer ainda, mas é um bom caminho.

De tarde, a conversa com Kaissu sobre pinturas corporais foi frustrante. Não por causa dela, e sim por aquilo que a Marina chamou de “problema de

tradução” e que é um desafio constante aqui, e em todo esse trabalho. Queríamos falar com alguém sobre a história e o significado dos grafismos tradicionais. Em vez disso, a comunidade escolheu uma ótima desenhista, mas que não falou muito sobre isso. Uma coisa que atrapalhou também foi que Ivan, que a comunidade escolheu para falar sobre arquitetura, falou por cima dela, interrompeu, quis aparecer. Deixamos para falar com ele sobre as casas amanhã.

Em compensação, no fim da tarde Takumã nos levou para conhecer o cacique Jakalo. Ele chegou ontem de Canarana, onde estava se tratando. Ainda está muito doente, de muletas, mas fez questão de conversar com a gente. Como não escuta muito bem, foi quase um monólogo: falou da história do pai (Nahu, o cara), apresentou a família, disse que se emociona quando vê na TV notícias sobre a guerra na Ucrânia porque lembra das histórias de massacres cometidos pelos brancos aqui. “Índio velho não confia em branco”, ele falou, meio brincando e meio a sério, “mas hoje em dia tudo bem”. Ficou sacaneando a gente: “Aqui na aldeia, onde você for as pessoas vão te oferecer almoço, na cidade vocês não convidam para nada”. Sempre que falava algo do tipo, fazia uma careta e dizia: “Já estudei muuuuuito o branco”. No fim, convidou a gente para almoçar um dia.

Um momento bonito da conversa foi quando ele falou do papel do pai na demarcação. Disse que Nahu rodou as aldeias com Orlando explicando o projeto para as lideranças, traduzindo tudo. E aí Jakalo desenhou com o dedo na areia uma linha serpenteando: “Rio Xingu”, ele disse. E depois uma área fechada em volta do rio: “O Parque”. Sempre que contava uma história sobre o passado, terminava com a mesma frase: “Foi assim”.

*

Agora há pouco, já escuro, ouvi um som de mulheres cantando no centro da aldeia. Foi a primeira vez que notei movimento ali sem ser futebol ou gente atravessando. Caminhei em direção ao som, mas não consegui ver nada por causa da escuridão. Quando cheguei perto da Casa dos Homens, ouvi risinhos de mulheres e a cantoria parou. Passei por elas e, quando eu já tinha me afastado,

voltaram a cantar. Depois, Takumã disse que elas estão praticando para os rituais. Ainda estão cantando.

*

Lembrei que, apesar de a conversa sobre pinturas ter sido frustrante no geral, aconteceu uma coisa curiosa. Tapi tinha mencionado uma pintura corporal usada nos mensageiros que iam de um povo a outro fazer o convite para um ritual. São 2 linhas grossas vermelhas em forma de meia-lua, na altura dos ombros. Essa pintura é feita pelo povo que aceita o convite, e quando o mensageiro volta para sua aldeia o povo anfitrião entende como uma confirmação de presença. Perguntamos sobre isso para Kaissu, e Ivan começou a falar por cima dela, descrevendo essa prática. Então me toquei que é isso que Callado descreve no diário e em *Quarup*: a viagem dos “pariás” Kanato e Fofinho à aldeia dos Kamaiurá. Ivan disse que é isso mesmo: “pariá” significa “mensageiro” nas línguas tupi.

Os preparativos para o quarup desse ano já começaram. Nos Kuikuro, o ritual vai ser em agosto, e um dos homenageados é Tabata, cacique que morreu em 2020. Os filhos dele, que moram em Canarana, vêm na próxima semana começar a pescar e armazenar os peixes. Os mensageiros, segundo Ivan, só vão na véspera do ritual.

*

Tenho pensado muito na ideia do Michael Taussig sobre o caderno de campo como uma coleção de experiências de estranhamento. A gente vai compilando a nossa “enciclopédia mágica” e depois vê no que vai dar.

*

Parei de escrever para jantar. Depois, como ninguém apareceu para comer, imaginei que estivessem na cantoria das mulheres, que tinha continuado esse tempo todo. Fui até o centro da aldeia e encontrei o Daniel, que estava olhando de

longe enquanto Marina e Juliana dançavam junto com as mulheres, em frente à Casa dos Homens. No fim das contas, o momento em que elas pararam de cantar quando eu passei foi só coincidência. Fiquei conversando com o Daniel mais de uma hora. Ele e Marina tinha chegado primeiro, foram se aproximando aos poucos e viram que Kaissu, nossa tímida instrutora de pintura, estava dançando. Ela chamou a Marina, e só ela, para participar. Depois chegou a Juliana e entrou também. Elas contaram que muitas das músicas eram brincadeiras – uma delas era sobre o pau dos homens da aldeia ser muito pequeno, do tamanho de um ovo de tracajá. A dança só terminou lá pelas 21h. Voltamos para a casa do Takumã conversando sobre como tinha sido um final adequado para um dia como hoje.

*

Quando eu estava chegando no centro da aldeia, minha sandália arrebitou. Não trouxe outra. Estou andando descalço.

11/5 - quarta

9h

Lembrei que ontem Yamalui falou que existia um chefe chamado Anta na época em que Callado veio ao Xingu. Sempre achei que esse fosse o único personagem xinguano inventado. Depois preciso falar melhor com ele sobre isso.

Hoje Yamalui chegou aqui logo cedo e começou a conversar. Queria mostrar um trecho de um filme em que Nahu fala do “civilizado”. Diz algo como: “Se o civilizado tirar nossa terra, vamos morar na rua? Vamos pescar no quartel?”. Isso foi durante a ditadura, nos anos 70. Vou procurar para a exposição, é de um filme do Marco Altberg.

Depois Yamalui explicou para Juliana e Daniel como construiu a casa dele. É a maior e mais bonita da aldeia, com uma curva muito suave, uma linha contínua da terra ao céu. Segundo ele, é a casa tradicional. As casas duram mais

ou menos 10 anos, depois a madeira da fundação começa a apodrecer. Então a família tira tudo e levanta uma casa menor em um local próximo para servir de abrigo temporário, enquanto constroem a casa nova. A madeira e o sapê da casa velha viram lenha.

*

18h

Depois dessa aula informal do Yamalui, a conversa com Ivan sobre arquitetura acabou ficando um pouco redundante, mas valeu para conhecer outras casas. Nenhuma é inteiramente igual a outra.

Ivan é professor na escola da aldeia. Enquanto esperávamos por ele, Daniel achou uma sala com desenhos de crianças colados nas paredes. Mostravam os cenários da aldeia (a praça central, a roça, o entorno da escola), mas com alguns elementos difíceis de reconhecer. Um dos desenhos retratava uma plantação de mandioca em círculo, mas bem no centro uma delas tinha rosto e bracinhos, como se estivesse dançando. Outro representava um jatobá, e ao lado dele se erguia uma grande figura humana envolta em uma espécie de tornado. Eram mais de 10 desenhos assim. No alto, o título da atividade: “Recursos naturais e seres espirituais na aldeia Ipatse”.

Na parede ao lado, desenhos do Venom e do Homem-Aranha.

12/11 - quinta

14h

Mais cedo, quando acordei e saí para o centro da aldeia, não se via nada, só neblina. Durou pouco, uns 15 minutos, mas o suficiente para criar um ambiente de sonho. De manhã tivemos uma reunião ótima, resolvemos a lista de obras quase toda. Depois do almoço fomos tomar banho de rio. A água estava mais clara

do que nos outros dias. Na hora de mergulhar, vimos no fundo do rio 3 troncos do quarup, com pintura e tudo. O amigo do Takumã que estava com a gente disse que eram do ritual do ano passado. Mergulhei e vi de perto a pintura de um deles, com os grafismos em preto, vermelho e branco. Cheguei a tocar nele. O homem disse que esse tronco era em homenagem ao pai do Yamalui.

*

15h

Conversa com Yamalui

KAHANAHATÜ [escrito com a letra do Yamalui]

Era o verdadeiro nome do Kanato, mas os brancos não conseguiam pronunciar, então virou Kanato.

Amarika Kamaiurá também falava português.

Chefe Arifutuá Kuikuro criou Kanato e Sarirué.

Yamalui está contando a história de Kanato e Nahu. Liguei o gravador para pegar melhor os detalhes. Ele faz questão de contar tudo do início ao fim. Quando puxo outro assunto no meio, ele diz: “Ainda não terminei de contar”.

Aldeia Majene, dos Yawalapiti: foi aberta pelo Uaranaco e depois o neto dele, que também se chama Uaranaco, reabriu a aldeia e vive lá até hoje. Yamalui disse que vai falar com ele para mim.

Disse também que um sobrinho do Kanato está vivo e mora em Canarana. Vamos combinar uma visita.

*

Depois da conversa, vim encontrar Daniel, Juliana e Marina. Estão no centro da aldeia com um grupo de homens treinando huka-huka para o quarup. Eles disseram que eu preciso lutar com eles para provar que sou cacique mesmo. Espero que seja brincadeira, porque eles são enormes, parecem lutadores de MMA.

*

Era brincadeira.

*

19h

Última noite na aldeia. Vimos o fim de tarde mais bonito até aqui, um solão vermelho atrás das nuvens recortando a linha de árvores no horizonte. Fizemos a foto da equipe, incluindo a criançada das casas do Takumã e do Yamalui. Vamos embora amanhã depois do almoço. Algumas pessoas já começaram a se despedir. Yamalui trouxe sacos de polvilho de mandioca de presente para todos nós. Depois me mandou pelo WhatsApp o arquivo com o livro dele sobre o avô.

13/5 – sexta

Último dia na aldeia. Logo cedo Yamalui veio até a casa do Takumã, queria contar uma história que ainda não tinha contado. Era a história de como o bandeirante Antonio Pires sequestrou e escravizou indígenas no Xingu no século 18. Levou vários Kuikuro, incluindo dois grandes guerreiros, Kuigalu e Saranagá.

Na cidade, Saranagá se casou com a filha de Pires e trabalhava na casa dele. Mas decidiu fugir quando viu outro indígena ser torturado, morto e pendurado para servir de exemplo. Foi aos poucos abrindo uma picada na mata,

dia após dia, até que um dia não voltou mais. Quando chegou na aldeia, o povo não acreditava que ele estivesse vivo. Saranagá contou para todos o que tinha acontecido, e por isso os Kuikuro passam a temer os brancos. Quando Von den Steinen chegou, cem anos depois, todos fugiram, menos um, que depois avisou aos outros que esses brancos vinham em paz. O que não significa que a violência tenha acabado ali, claro.

Essa é a base da narrativa que a Bruna Franchetto gravou nos anos 80, com um chefe Kuikuro, sobre a chegada dos caraíbas. No início da viagem, quando perguntei ao Yamalui se conhecia essa narrativa, ele disse que não. Mas agora contou quase tudo que está nela. Talvez as narrativas sejam isso também: não uma forma fixa, mas um conjunto de informações que vão sendo passadas adiante, sob muitas formas diferentes.

*

Fui na casa do Jakalo para me despedir e pegar um cesto que tinha comprado com uma das mulheres dele. Ele falou: “Já que você é cacique, vem aqui”. E me levou nos fundos da casa para mostrar a horta dele.

*

Fomos dar um mergulho de despedida no rio. Takumã: a gente diz que é “para buscar a sua alma que ficou lá”. Marina levou máquina para fotografar os troncos do quarup, mas eles tinham sumido. Depois de um tempo, achamos o do pai do Yamalui. Takumã mergulhou, levantou o tronco do fundo do rio e trouxe para perto da beira. Fiquei impressionado com o peso do tronco e a profundidade do entalhe onde foi feita a pintura. Sem saber direito o que fazer, posei para uma foto e passei um bom tempo olhando para o tronco, enquanto as crianças brincavam com ele.

*

Na volta, pegamos um caminho diferente, pela cidade de Gaúcha do Norte. Takumã foi dirigindo e eu no banco do carona. Sacolejando na estrada de terra, ainda dentro do território, peguei o caderninho para escrever sobre a viagem. Takumã: “Que isso? Virou antropólogo?”

*

Existe um vereador Kanato, em Gaúcha do Norte. Filho do Pirakumã, sobrinho do Aritana.

*

Divisa do território. De um lado, o Pequizal do Naruvôtu, demarcado em 2016: vegetação verdinha e frondosa. Do outro, um milharal a perder de vista.

14/5 - sábado

Canarana

Ontem, ainda na estrada, recebi uma mensagem do Tapi identificando algumas fotos da exposição no caderno que deixamos com ele. Tapi comentou que estava em Canarana, então aproveitei para marcar uma conversa para mostrar a ele o material do Callado sobre Kanato. Fui hoje de manhã até o hotel onde ele está hospedado e sentamos ao redor de uma mesa de sinuca. Tirei da mochila o computador e meu exemplar de *Quarup*, cheio de post-its e manchado de água durante a viagem. Mostrei para ele o arquivo da reportagem do *Correio da Manhã* sobre o quarup de 1956 e falei sobre como Callado incluiu essa experiência no romance. E então percebi que isso estava causando nele um desconforto que a princípio não entendi. Achei que fosse uma reação ao fato de estar vendo pela primeira vez essas descrições do quarup de Uaranaco, ou pela história da família dele ter sido usada em um livro. Mas não. Foi só quando pedi para gravar a conversa – e ele não deixou – que entendi. Tapi achou que eu estava tentando usá-

lo para escrever minha tese. Ele disse que já fez revisão de tese para antropólogos e que, se eu quisesse, poderia me explicar tudo sobre o quarup, mas que para isso teríamos que entrar em um acordo, porque o contrato que tínhamos era para a participação dele na exposição, não na tese.

Fiquei muito constrangido e pedi desculpas por não ter me explicado direito. Falei que era jornalista, não antropólogo, e estava escrevendo sobre o trabalho de um jornalista no Xingu, não sobre o ritual do quarup. E disse que queria apenas mostrar a ele que essas fotos e textos existiam, e conversar sobre isso, não corrigir as descrições do quarup no trabalho do Callado.

Depois de algum tempo nisso, conseguimos nos entender e o mal-estar se dissipou. Mostrei a ele as fotos do Callado no Xingu e ele apontou o Kanato em uma delas e o Mapukayaka em outras duas. Contou que Kanato tinha mostrado para ele o local do quarup de 56 e sempre falava que tinha sido o primeiro visto pelos brancos, que Orlando tinha trazido muita gente de fora. E disse que Kanato sabia que um escritor tinha feito um livro sobre isso.

Conversamos mais um pouco, combinamos de ele participar da abertura da exposição em outubro e nos despedimos.

Mas, caminhando de volta para o hotel, senti que o mal-estar não tinha se dissipado de todo, pelo menos não para mim. Lembrei do que a Janet Malcolm escreveu sobre o dilema moral que está no cerne do trabalho de todo jornalista. Por melhores que sejam nossas intenções, estamos sempre tirando algo de alguém. Sou jornalista há 15 anos, já experimentei esse mal-estar muitas vezes, mas nunca com tanta força como hoje. Um branco diante de um indígena tem que lidar com uma desconfiança que tem o peso de séculos de pilhagem, trapaça, traição e violência. Isso não se resolve com um gesto.

Marquei esse encontro com Tapi porque queria fazer uma espécie de “devolução”: mostrar ao neto de Kanato um texto escrito a partir da história do avô dele. A reação do Tapi me mostrou como eu estava sendo ingênuo. E ressaltou as lacunas no meu trabalho – e no trabalho do Callado. Depois de 4 anos

de pesquisa, só agora me dei conta de que passei o tempo todo comparando a descrição do quarup no diário de viagem com a reportagem e o romance, mas não me preocupei em checar até que ponto a descrição que Callado fez correspondia à realidade do ritual. Ele descreveu o que viu, claro, mas se errou até a grafia do nome do homenageado, o que mais pode ter confundido? Mais do que isso, só agora percebi que não estou lidando apenas com a descrição de um ritual, mas com o ritual em si e tudo o que ele envolve: a morte de uma pessoa, o luto de outra, a memória de uma família e de um povo. Precisei vir ao Xingu e encontrar o neto de um personagem de *Quarup* para entender isso.

Se eu pudesse recomeçar, escreveria uma tese chamada “Kanato, o dono do *Quarup*”. Um perfil biográfico do Kanato, articulando o papel dele na história do povo Yawalapiti e na demarcação – tudo aquilo que Callado não mostrou porque não soube enxergar (o que é compreensível, mas não muda nada). Falaria também da importância de Kanato para a criação do próprio romance. Afinal, foi a decisão dele de homenagear Uaranaco que precipitou a realização do quarup de 56, o que levou Orlando a aproveitar a oportunidade para levar políticos, autoridades e jornalistas ao Xingu e defender o projeto do Parque, o que atraiu Callado a viajar para ver o ritual, o que o inspirou a escrever a reportagem e, mais tarde, o romance. Na origem disso tudo está um gesto de Kanato.

Mas essa tese eu não vou conseguir escrever. Fica um pouco dela espalhada aqui por esse caderno.

15/5 – domingo

Voo BSB-Rio

No ônibus de Canarana para Brasília comecei a ler, no celular mesmo, o livro do Yamalui. Ele escreveu a história do avô em português e em Kuikuro, para que assim ela possa ser mais conhecida tanto pelos seus quanto pelos caraíbas. Cada capítulo conta um episódio na vida de Nahu – como aprendeu português com os Bakairi, como conheceu os Villas Boas, como ajudou a reunir os povos do

Alto Xingu em torno do projeto do Parque etc. Em português, cada parágrafo é formado por apenas uma frase, o que dá à narrativa um tom de poema épico:

O branco pausa

Eu não sei quantos anos ele tinha.
 Os índios antigos não sabiam bem contar os anos.
 Não sabiam escrever, só falavam com a língua mesmo.
 É provável que tivesse uns seis anos, talvez.
 Um hidroavião pousou para onde está descendo o rio.
 No afluente da lagoa Kuse.
 Todos foram ver.
 Ele ainda era criança.
 O seu nome ainda era Tsikigi naquela época.
 Ele foi com a mãe dele de canoa e com os tios.
 Todas as outras etnias se juntaram para ver o branco.

Mas o que me emocionou mais foi a abertura do livro. Ele conta que decidiu pesquisar sobre o avô quando viu o filme *Xingu*, de 2011, que reconta a campanha pela demarcação, mas não menciona Nahu, é centrado nos Villas Bôas. Em 2014, juntou dinheiro do Bolsa Família para ir até a aldeia onde o avô foi criado. Quando voltou para casa, começou a escrever o livro. Continuou pesquisando todos esses anos, economizando para visitar arquivos, reunindo livros e filmes que ganhava de amigos, e principalmente ouvindo histórias que os mais velhos lhe contavam, um hábito que ele diz ter aprendido com o avô:

À noite meu avô Nárru sempre me contava histórias. Histórias dos antigos. A origem do ser humano, a origem da água, a origem das festas e o canto dos papagaios, que até hoje tenho na memória. Aprendi com ele a música dos papagaios e o ritual da onça. Até hoje eu sei. Haverá tempo para que eu cante o canto da onça e outros cantos a noite inteira na aldeia. [...] Meu avô era da cultura, das festas, dos cantos. Aprendi com ele os conhecimentos tradicionais. Agora eu canto a vida dele.

*

A viagem de ônibus dura 15 horas, dá tempo de fazer muita coisa. Depois de ler uma boa parte do livro do Yamalui, assisti a alguns episódios de uma série chamada *Ruptura*. É uma ficção científica naquele estilo distopia-que-já-estamos-vivendo. Num futuro que se parece muito com nosso tempo, um procedimento

cirúrgico permite que as pessoas separem sua consciência em duas: uma parte só para trabalhar, de 9h a 17h, outra para viver o resto do tempo. Quando a pessoa está no trabalho, não lembra nada da vida “de fora”, e vice-versa.

A princípio pode parecer que tem pouco a ver com nossa época, já que hoje, principalmente desde o início da pandemia, o trabalho invadiu completamente a vida privada. Mas, no fim das contas, a série fala sobre o trabalho alienado, aquele que uma pessoa faz (ou é forçada a fazer) sem se envolver, sem se engajar, sem pensar. Nisso sim está a atualidade dela.

Isso me fez pensar no meu próprio percurso como pesquisador ao longo do doutorado. No início, escolhi um tema que me interessava muito (as viagens de Callado pelo Brasil), mas achei que seria possível manter essa pesquisa num plano secundário da minha vida, que já estava complicada o suficiente com dois empregos e uma filha pequena. Eu assistia às aulas, fazia os trabalhos, ia tocando a pesquisa, tudo com prazer, mas tentando administrar o tempo para que aquilo não me ocupasse demais e não interferisse nas outras áreas da minha vida. Como se fosse possível dividir a própria consciência: um pedaço para o pesquisador, outro para o editor, um para o professor, um para o pai etc.

Mas desde que encontrei o diário do Callado no Xingu essa divisão começou, sem que eu percebesse, a implodir. A pesquisa sobre a viagem de 56 me levou às fotos do Xingu no acervo do IMS, o que me levou a fazer o podcast sobre a história da demarcação, o que me levou a trabalhar na exposição, o que me levou enfim ao Xingu.

Pensei também na relação do Yamalui com a pesquisa sobre o avô. Um engajamento tão profundo, tão vital. Não posso nem imaginar como é estar na posição dele, mas reconheço aquela mania de pesquisador, uma forma branda de loucura que eu também enxergo em mim. Lembro que um dia ele estava me contando história sobre o Nahu, já era meio tarde, eu estava cansado e devo ter me distraído, e ele percebeu. Fez um gesto de movimento repetitivo e disse, quase pedindo desculpas: “Não consigo parar de pesquisar”. “Tudo bem”, respondi, “eu também sou assim”.

No meio da viagem, numa parada de estrada que tinha internet, em algum lugar do Mato Grosso, recebi uma sequência de mensagens do Yamalui no WhatsApp. Ele estava na aldeia vizinha, onde moram parentes do Kanato, e queria me contar detalhes que tinha descoberto sobre a história. Agradei e ele respondeu na mesma hora: “Estamos juntos”.

5. Considerações finais

Enquanto revisava pela última vez a transcrição do diário de viagem de Callado, alguns dias depois de voltar da minha própria viagem ao Xingu, me surpreendi com um detalhe que tinha passado despercebido nas leituras anteriores. No dia do ritual, 23 de julho de 1956, enquanto os convidados de outros povos chegam à aldeia Yawalapiti e os mais velhos cantam seu lamento, Callado anota pela primeira vez o nome do morto homenageado. “Uaranaco”, ele escreve, mas em seguida risca a segunda letra: “U~~a~~aranaco”. E, para se certificar, desenha uma pequena curva ligando a letra U e a letra R. Dali em diante, passa a chamá-lo sempre de Uranaco, e é essa a grafia registrada no verso da capa do caderno, que ele usou como uma espécie de glossário em que ia anotando expressões indígenas e fatos da cultura local: “Uranaco, primo de Canato, último capitão uialapiti, o gde morto do Quarup”.

Aqui Callado faz uma confusão de parentesco: em outro ponto do caderno, refere-se ao morto como “pai de Canato”, que é como ele aparece também em *Quarup*. Mas a questão agora não é essa. O que me chama atenção é a letra riscada. No primeiro momento, mesmo com toda a movimentação do ritual, os cantos, os lamentos e as danças, Callado ouve e anota o nome correto. Mas algo o leva a fazer um reparo quase imediato, e na mesma página, no mesmo parágrafo, ele já adota a versão errada: “As melopeias variam pois cada um dos índios sentados ao pé do seu quarup repete o nome do morto”, ele escreve: “Não ouvi ninguém dizer um nome nítido, como seria o caso de Uranaco.”

Não ouviu? Ou não soube entender? Não importa. Fato é que o “nome nítido” do morto se perdeu no caderno do jornalista, ficou de fora da reportagem feita no calor da hora e do romance laboriosamente construído por uma década, e também das notas deste pesquisador. Quase 70 anos depois de Callado riscar aquela letra, repeti o nome errado para um descendente do morto, que me corrigiu: “Uaranaco”.

Qual é a moral dessa história? Difícil dizer. Certamente não uma condenação do trabalho de Callado. O nome do morto não é o único equívoco que ele comete em suas descrições do Xingu: já falamos sobre as grafias de etnias e os graus de parentesco, entre outros enganos que certamente me escaparam. Mas nada disso apaga as contribuições de Callado para a causa dos povos xinguanos e para a campanha pela demarcação do Parque Indígena do Xingu. O que a letra riscada marca é a distância mínima entre o erro e o acerto para quem anda na corda bamba da pesquisa. A gente vai compilando a enciclopédia mágica no caderno de campo e depois vê no que dá. Quem garante que vai dar sempre certo?

Em suas manifestações públicas, Callado demonstrava grande confiança em seu processo de pesquisa. “Colho muito material fora de mim mesmo”, chegou a dizer, como se a informação fosse uma fruta madura no pé, à espera de quem passa. Jornalistas, escritores e pesquisadores que se prezem sabem que não é bem assim. Callado sabia também. Ainda mais quando o que está em jogo é a relação de um intelectual branco com a realidade dos povos indígenas. Numa crônica a respeito das fotografias de Maureen Bisilliat no Xingu, publicada em 1979 na *Isto É*, ele discute as nuances dessa relação:

O homem “civilizado”, por mais sensível que seja, e ainda que viva um tempo entre os índios, jamais entenderá o que são eles. Usos e costumes é fácil descrever, em monografias e tratados. O mistério da existência deles nos escapa completamente. A mim os índios me parecem mais velhos, mais antigos do que nós, e nunca um ensaio, um projeto daquilo que somos. Só de repente, num relance de intuição, é que às vezes a gente sente que os entendeu.¹⁴³

Depois de quatro anos de pesquisa, mantenho a ideia de que era nas viagens que Callado se deparava com esses “relances” de entendimento, não apenas a respeito dos indígenas, mas do Brasil, esse outro mistério que nos escapa. E sinto que tive uma experiência parecida na minha viagem. Enquanto transcrevia meu próprio diário, notei que muitos momentos em que julguei ter entendido algo a respeito da vida na aldeia ou das pessoas que conheci foram

¹⁴³ CALLADO, Antonio apud OLIVIERI-GODET, Rita. “O jornalista, cronista e escritor Antonio Callado e a questão indígena no Brasil” in LUSTOSA, Isabel e OLIVIERI-GODET, Rita (orgs.). *Imprensa, história e literatura, vol. 3: Jornalista por acaso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e 7 Letras, 2021, p. 123.

seguidos por uma frustração, pela sensação de que estava só dando mais um passo dentro do mistério.

Mas esses relances sempre mudam alguma coisa. Quando voltei da viagem, percebi que conseguia decifrar muitos trechos do diário de Callado que antes tinha marcado com “[ilegível]”. Não que agora eu entendesse melhor a letra dele, claro. O que eu tinha eram mais referências. “Jacuí = [ilegível]”, lia-se logo no início da minha primeira transcrição. Agora eu sabia que esse era o nome da flauta sagrada que fica na Casa dos Homens, onde tivemos a reunião com os Kuikuro. E as primeiras letras de Callado bem pareciam um F e um L: “Jacuí = flauta”. O adereço de um cacique era descrito como “um espetacular colar de [ilegível]”. Agora eu lembrava do que Yamalui tinha dito sobre o enorme enfeite de dentes de onça de seu avô Nahu. E não deu outra, era o que Callado tinha escrito: “um espetacular colar de dente de onça”.

Ainda assim, sempre fica um pouco do mistério. E ninguém atravessa sozinho a corda bamba da pesquisa. No fim da viagem, Yamalui me escreveu para contar que tinha ido a uma aldeia próxima onde viviam descendentes de Uaranaco. Era a primeira vez que alguém se referia ao morto para mim por escrito, e só assim entendi que a grafia do nome era a que Yamalui usava nessa mensagem: Waranaku. Se o som é o mesmo, por que se escreve assim? Outro assunto que fica para depois. Na aldeia, Yamalui conseguiu elucidar o parentesco que tinha confundido Callado – e a mim também, mais uma vez. Waranaku não era nem o pai nem o primo de Kanato, e sim o seu irmão mais velho. Quando Waranaku morreu, Sarirúá, o irmão do meio, assumiu o posto de cacique, que foi ocupado por Kanato quando ele aprendeu a falar português. Yamalui me explicou tudo isso em poucas mensagens, e concluiu com a mesma frase que o cacique Jakalo, na conversa na aldeia, usava para encerrar suas histórias: “Foi assim”.

A passagem pelo Xingu deixou marcas em meu exemplar de *Quarup*, manchas de água e de terra. Mas até que ele resistiu bem à viagem. Pelo visto a intuição de Callado a respeito de seu romance (“Tem boa chance de permanecer”) se aplica não só à reputação, mas também à durabilidade do livro. Algumas coisas, porém, não permanecem. A República do Tuatuari, por exemplo, não

existe mais. De certa forma, cumpriu sua missão. Seis décadas depois da demarcação, os povos do Xingu têm suas próprias instâncias políticas, e seus embaixadores são xinguanos, como Tapi, Takumã, Yamalui e muitos outros e outras, que estabelecem os diálogos com os não indígenas em seus próprios termos. A nós, me parece, cabe ouvir, se apresentar para a conversa e buscar um novo lugar nesses contatos que se refazem com o tempo, o tempo todo.

6

Apêndices

6.1

“Xingu julho 1956”: transcrição do diário de viagem de Callado

Na transcrição que se segue, optei por fazer o mínimo de intervenções no texto de Callado. Mantive os eventuais erros de grafia em nomes de pessoas e lugares (“Vilas Boas”, “Sabato Magaldi”) e as notas taquigráficas adotadas por ele no caderno de campo (“gde” em vez de grande ou “mt” em vez de muito, por exemplo). Mantive também a forma como registrou nomes de etnias e de pessoas que encontrou no Xingu, embora na maioria dos casos hoje a grafia adotada em português seja diferente. Não usei itálico nos termos em línguas estrangeiras, porque isso criaria uma distinção que não existe no registro original de Callado. Nos trechos em que não pude elucidar a letra do autor, indiquei a lacuna com a inscrição “[ilegível]”.

Xingu julho 1956

Mulheres do Canato: Prepuri e Cuiaiú, irmãs do camaiurá Itacumã (Nilo), filho de pai camaiurá e mãe suiá

Suiá = os beçola

Em 1954, epidemia de sarampo matou 114 índios

moitará = mercado

jacuí = flauta (15 [ilegível])

pintura = 17 [ilegível]

Roda dos fumantes (para quarup)

Jacuí a curra

pariá – embaixador

[3 linhas ilegíveis]

Uranaco, primo de Canato, último capitão uialapiti, o gde morto do Quarup

10 min de avião do Cap Vasconcellos ao Jacaré

2 h de motor de popa a Xavantina

Morená, ponto de confluência de 3 formadores do Xingu: Culuene, Ronuro, Batovi

Culuene, Diauarum, Cachimbo, Jacaré, postos da FBC

Piper de 2 lugares

Quando houve eclipse do sol em maio de 1948 os índios lhe atiravam flechas inflamadas para reacendê-lo

Postos do SPI e Fundação de 500 em 500 km

19/7/1956

São duas horas da tarde e vamos decolar para SP. De lá, com Chateaubriand e Jânio Quadros vou ao Xingu assistir à concentração indígena do “Quarup”. Vou ver se ainda hoje entrego a Sabato Magaldi um exemplar de

“Pedro Mico”. Há greve de aeronautas, meu avião é o único a voar, pelo menos agora à tarde, para SP. Parece que às 21h há o 2º.

20/7/1956

Juscelino, que no princípio vinha ao Xingu ver o “Quarup” (eu, por intermédio do Alvaro, fui quem o convidei, em nome do Orlando Vilas Boas), desistiu, com o adiamento pois embarcou para o Panamá. Jânio Quadros desistiu por causa da séria ameaça de greve geral em SP. Chateaubriand desistiu, provavelmente devido às duas desistências anteriores, e toda a puxa-sacaria do Rio e SP desistiu também.

Todo o grupo que vai está aqui comigo, no Beechcraft do gov. de SP. Apesar de ter o avião apenas 5 poltronas, somos 6 a bordo, além dos dois maiores da FAB que o comandam e pilotam. Os seis personagens somos eu, Jean Manzon, o repórter do Diário de SP Alexandre Baumgarten, o cinegrafista do Manzon Antonio Estevão, o presidente da Assembleia Legislativa e o deputado estadual Germinal Feijó.

O avião está um pouco pesado demais, com o passageiro demais e a bagagem do Manzon, mas já descemos sem acidentes em Goiânia, onde almoçamos (levamos 3hs45 de SP a Goiânia), e vamos a caminho de Xavantina, de onde iremos ao Posto Capitão Vasconcellos, à beira do Tuatuari, afluente do Culuene, afluente do Xingu. Foi onde estive com Norry e os americanos em maio de 54. Vamos levar cerca de 1h45 até Xavantina e pouco mais de 1 hora para Cap Vasconcellos. Os Vilas construíram o atual acampamento de Cap Vasconcellos bem à beira do Tuatuari e o dep. Feijó, que lá esteve há pouco tempo, diz que as instalações são ótimas.

2 hs para Xavantina

Estamos descendo em Xavantina e são quase 2hs p.m. (Saímos de SP 7:30 a.m.)

Posto Cap Vasconcellos 21/7/56

São 10h da manhã e o Beechcraft está aquecendo o motor no posto lá longe. Eu não pensei que fosse de volta tão rápido (para levar o Jânio a Botucatu amanhã) e fiquei indeciso entre regressar também agora e ficar aqui à espera de um avião algo problemático que o dep. Germinal prometeu mandar de SP. Ele me parece reliable, mas nunca se sabe com essa história de avião. Pode-se arriscar umas duas horas de barco com motor de popa pagar pegar o avião do CAN em Xavantina, mas se o piloto for rígido a gente se arrisca a perder a viagem porque o regulamento proíbe transporte de passageiros sem ordens para tanto do Rio. Parece que um CAN dos pequenos deve chegar aqui ao posto 2ª feira mas não se sabe se terá lugar. O Beech acabou de decolar e eu pensei no catártico e virtuoso êxtase que eu teria se ele caísse ao decolar. Eu escreveria aqui Caiu o avião! interrompendo dramaticamente estas notas e correria para fora entre índios.

Orlando está me dizendo que o tal CAN pequeno vem hoje e sai hoje, o que me deixa no mesmo.

Hesitei muito em ficar. O posto está muito + confortável... e bem menos interessante. Agora tem até caixa de descarga na casinha da fossa higiênica e chuveiro. Mas o transporte do acampamento para a beira do rio tirou muito do caráter idílico ao Tuatuari. Para começo de conversa houve uma derrubada grande de árvores para fazer o ótimo acampamento de agora e ficou tudo muito + descampado. Curioso esse desamor pela árvore que ficou no sangue da gente. O velho posto foi herdado pelos índios, que cada vez moram em casas menos típicas (mesmo as que fazem agora já têm teto de 2 águas em vez da forma cônica abaulada) e mais cheias de painéis de alumínio, bacias, facões etc. Felizmente Anaco, apesar de casada, ainda continua muito linda. Manzon tirou boas fotos dela a meu pedido. O nome do rapaz que ele tirou em várias poses com o arco é PILACUÍ.

Há toda uma Nações Unidas aqui: dois duvidosos antropólogos, um dinamarquês e um uruguaio, este com a mulher, duas antropólogas brasileiras, o francês Ballot de “O Cruzeiro” e 2 missionários americanos! Tudo para o Quarup. O Quarup atrasou e continua atrasando. Não tenho esperanças de vê-lo. Está atrasado pela própria falta de ideia de tempo dos índios e por causa dos preparativos. É preciso fazer uma hecatombe de peixes para os hóspedes e só ontem, parece, eles conseguiram uma pesca de lagoa algo milagrosa. Todas as casas estão cheias de peixes grandes assando no moqué, que é um jirau de varas a uns 70cm acima do solo. O bafo embaixo moqueia os peixes. Estes não fedem, é um trabalho limpo. Com fome e com pitada de sal creio que como uma lasca deste peixe que fica bem preto por cima e com a polpa branca. Canato fez na sua maloca um cilindro de varas e fibra de buriti de bem uns 2m e tanto de altura e a largura de um barril. Está cheio de beiju para a festa. Em pedaços de beiju do tamanho de uma fatia de pão de forma eles põem peixe amassado. A coisa tem um ar apetitoso e lembra um quitute baiano. Chama-se “imepapo”, informa-me o Jorge Ferreira, que perguntou a um índio.

O índio COMBRA, tribo aueti, foi quem Manzon fotografou com a mulher e a flauta de canudo de mamão, na rede etc.

Antes de comer alguma coisa com os que foram de volta no Beech eu estava quase infeliz por ficar aqui. Agora estou melhor. Acho que definitivamente satisfeito de ficar.

5:30 PM

Faltaram 2 estrangeiros à lista. O alemão fotógrafo de SP, parece que Feldman é o nome

Aldeia Camaiurá. Canato e Fofinho acabaram de chegar aqui como parias ou mensageiros ou embaixadores. A 1 km + ou – da aldeia, que fica à beira de grande lagoa, davam gritos de aviso. Chegaram agora à frente de nós todos e o chefe camaiurá vai recebê-lo. Tirou da cintura de cada um deles o cinto que traziam, tomou-os pela mão, sentou-os cada um num tamborete (um deles caixote marca Moça). Agora, dois índios dançam no terreiro diante dos visitantes tocando as enormes flautas (!) de uns 3m de comprimento. São em verdade, cada flauta, dois bambus, um pouco maior que o outro, grossos, amarrados por embira. Os 2 dançarinos entram em todas as cabanas da maloca, em grande gala, tocando as suas 4 ou 5 notas monótonas, correndo num ritmo talvez de valsa e marcando compasso com o pé direito. Têm na cabeça o belo diadema de penas, com duas ou 3 longas aigrettes amarelas ou vermelhas no centro. O chapéu atrás sai feito um longo cesto cônico (imagine-se uma cornucópia de uma grossura só, afinando pouco para a ponta), e medindo apenas umas cinco polegadas de diâmetro, indo do algodão que é a charneira da diadema até abaixo dos joelhos do dançarino. Com o arremate também de penas de arara. Para desgraça dos fotógrafos o cacique camaiurá traja calça de brim azul-marinho, nova em folha, sueter amarelo-mostarda e quepe de militar.

Um dos índios me diz que só a egrete é arara e as demais penas são “urucungo”.

O cinto de Canato e Fofinho fica aí. Camaiurá não leva cinto grande quando vai à aldeia Uialapiti, de Canato. Só paria traz cinto.

Declaração do camaiurá TACUNI enquanto amarra nas pernas joelheiras de fibra de algodão e tornozeleiras de embira. Quando perguntei o nome dele disse: “Tacuni, amigo de Orlando Vilas Boas”. Agora cobre as tornozeleiras com palha de buriti. O cacique, suéter mostarda brilhando ao sol, continua falando a Canato e Fofinho. Os dançarinos têm joelheira, perneira, tornozeleira, cinto de algodão tinto e estão todos pintados de urucum vivo, berrante, e bolas pretas, isto nos peitorais, lado de fora das coxas e nas costas. Canato e Fofinho pintaram-se

quase todos de preto fosco e uma como meia-máscara preta. O sol está queimando o terreiro da maloca. O cacique do suéter entra em casa e os “pariás” ficam na porta à soalheira. Acho que o malandro do Canato reclamou, pois um camaiurá fez um buraco no chão perto dele, outro perto do Fofó, e está enterrando duas grimpas de arroz na cova no chão para fazer sombra. [*ilegível] artificiais no terreiro aberto ao sol inclemente. O preto da pintura é tauáriri. O fundo é às vezes tauáriri e às vezes urucum. A outra cor é a dos desenhos superpostos, quase sempre bolas (mas as fazem nas costas dos outros molhando o dedo na respectiva tinta).

[desenho das bolas pintadas nas costas]

Fui dar um mergulho no lago dos camaiurá, a 1 km da maloca. Bonito. Umas 10 vezes a Lagoa Rodrigo de Freitas, ou talvez muito mais porque vista daqui ela parece quase dividida ao meio por um braço de floresta.

O cacique chama Tamapu. É pai de Nilo, meu conhecido de Jacaré e portanto pai também das duas mulheres de Canato. A tal “cornucópia” que eu tentei descrever é um rabo de sucuri usado por quem a mata. Acabo de examinar uma. Segundo o Jorge, o pai índio obriga o garoto a se deixar morder pela sucuri, na cara. Mas meu informante Tacuni diz q matou a sucuri sem ser mordido nada. Pegou-a e matou cortando-a c/ concha.

Bonita menina de uns 9 anos, Cutá-Cutá, nome de Seriema, em Camaiurá. A mulher dele chama Tanumacalô.

O cacique já falou um bocado diante dos dois pariás e agora ele, a mulher e Nilo depositaram um feixe de varas verdes, uma esteira com beiju e uma cumbuca. Agora afastam-se. Canato carregando as folhas e não varas verdes, e cumbuca de mandioca. As folhas verdes são tapioca. Provei a mandioca, uma espécie de mingau. Entre ruim e sem gosto. Tawacumã, Camaiurá marido.

Noite ao pé do fogo.

Em poucas palavras, qdo morre um gde capitão índio o herdeiro, se quiser e puder (nada parece obrigatório aqui) dá um Quarup. O pai de Canato morreu há uns 2 anos e só agora ele acha que deve dar um Quarup. Foi talvez tão adiado por causa do sarampo, que realmente grassou aqui (matou parece que 80 camaiurá) depois que cá estive em maio de 54. O Quarup, de q tenho tido notícia um tanto confusa (deve estar no livrinho do Oberg e provavelmente melhor do que tudo no velho Von Der Steinen, que preciso ler). “Quarup” é cada um dos paus que os índios pintam nos quais Mavoitsinim, o Criador, vai soprar vida. Eles fazem um nº par de Quarups (creio que 8) pois há sempre homem e mulher.

Fizeram ontem e hoje duas pescas de bomba, contra a lei e os princípios do Orlando em geral – mas era preciso ajudar o Quarup do Canato. Na de ontem bem aqui na barranca do rio pescamos várias piranhas (!) pequenas: um amor de peixinho, digno de aquário, de barriga amarela e avermelhada. Parece q guardam essas cores quando crescem. Essas piranhas tinham pouco + de um palmo de comprimento mas já tinham seus dentinhos. Diz O. que aqui só tem baby-piranha porque as fêmeas desovam em rios pequenos como o Tuatuari mas q qdo crescem vão pra rio gde. Hoje navegamos num barco a motor e num barco a sirga cerca de 1 hora rio abaixo. Atirava a bomba feita pelo Ballot, enfiada numa banana verde, enrolada em muito jornal atado a barbante e com um palmo de pavio, acende-se o bruto. Não se levanta muita água, mas depois do estouro há como uma convulsão na água que empena o dorso e explode em bolhões. O peixe fica + estonteado. Poucos morrem. A gente tem q saltar na água e ir buscar o peixe – às vezes bem vivo. Meu recorde não foi muito para q se diga: um pacu. Mas o total da canoa foram 15 e éramos vários a saltar.

23/7/56 (manhã)

Canato, Sarirua e vários outros índios estão agora fincando no chão os seis troncos, os quarups, q estão a cerca de 1m50 ou 60 do solo, e se põem a esculpi-los com facões de branco. A cerca de um palmo do topo do quarup, a casca do tronco é desbastada em um palmo e ½. Fica assim um grande anel branco no quarup. (Só um dos índios vi [*ilegível] o desenho assim criado com uma

varinha). A parte branca assim criada é envernizada com casca de arbusto novo e em seguida embranquecida com o que é provavelmente tabatinga seca e que eles trazem em bolos. Agora, as varinhas com ponta de algodão estão pintando essa parte. Acabam de chegar 2 velhos com diademas de arara, arco e maraca de cabaça pontuda e de cabo longo cada um. Cantam uma melopeia que é o que já ouvi mais perto de música aqui. Cinco índios sentam ao pé de um foguicho estão fumando longos cigarros de palha. São também dentre os mais velhos. “Ho-ri-ri-icatô” dizem os 2 cantores velhos. De [vez em] quando Canato e os demais que trabalham nos quarups soltam uns como uivos de alegria. Orlando interrompeu minha festa indígena para irmos em grupo pequeno jogar uma bomba no rio.

2:30 PM

Os quarups, pintados à sombra de árvores, estão agora no centro da aldeia. Estão cobertos de algodão. Imediatamente acima e abaixo da parte pintada foram amarrados cintos grossos de algodão tinto. Os de cima têm diadema de arara na frente e penas de gavião atrás. Os paus de cima estão amarrados atrás (exceto um), como um lenço atado na testa. Os de baixo amarram na frente do “corpo”.

Agora vê-se melhor a representação do quarup, logo abaixo das penas de cabeça, na parte ainda coberta de casca, é a cara – uma carinha do tamanho de bola de tênis. A 1ª cinta de algodão não pode ser turbante, que não usam, serão braçadeiras. A parte bem decorada com desenho abstrato é sem dúvida o peito, abaixo do qual vem a cinta. No chão, diante da “estátua”, duas bolinhas de barro são os pés.

Acabo de ver meu velho amigo Apucaiaça, que foi de paria convidar os Cuicuro. Estes e os Meinako estão para o Sul, do outro lado do Tuatuari.

Canato toma um banho no meio do terreiro, de cuia [*ilegível] por outro. Parte do rito pela morte do pai: está saindo do luto. Agora uma velha índia, Aunalo, toma banho também, saindo do luto. Parece que Canato se sentou para não molhar as joelheiras novas de festa, azul-arroxeadas.

Agora mesmo Apucaia ou Sarirua veio dizer a Orlando: “Acabou o urucum”. Acho q sem Orlando não haveria quarup nenhum. Ele é que nos bastidores dá um mínimo de organização e orientação à coisa. Ou talvez eles fizessem o quarup – mas sabe Deus qdo e como, sem os peixes, sem o algodão, sem o urucum em q o Orlando pensa todo o tempo. Ele sabe q o índio é um bicho estranho. Ontem ele me dizia q o índio é muito “independente” e com isto explicava dois aspectos muito evidentes da psicologia do índio: a espécie de “timidez” que têm entre eles e respeito pelo que “dá na gana de cada um” (na pesca de bomba para o quarup Orlando centralizava o peixe todo num barco e num desembarcadouro para que os índios, mesmo sabendo para que era a pesca, não fugissem para casa com o peixe que apanhavam; os chefes não gostam de mandar; cada um faz o que quer) e também pela insensibilidade afetiva do índio. Nas palavras de Orlando:

“Se eu morresse agora era a mesma coisa para eles. Um ou outro, como Canato ou Sarirua, poderiam sentir alguma coisa, durante um dia, mas era só”. E eu acho que era mesmo. Eles são sorridentes e indiferentes. Na cabana de Canato além do gigantesco tubo de tapioca e mandioca para o beiju há jirau coberto de peixe tostado, cuias de farinha e de pequi. Tipuri, mulher de Canato, faz beiju no forno, num grande prato redondo de louça Uaurá.

Vêm chegando os Cuicuro para o quarup.

[ilegível]

Melopeia dos velhos: Nei-mahon – H aspirado.

~~Uara~~ Uaranaco, primo de Canato, foi o último capitão uialapiti. É o gde morto do quarup. As melopeias variam pois cada um dos índios sentados ao pé do seu quarup repetem o nome do morto (?) Não ouvi ninguém dizer um nome nítido, como seria o caso de Uranaco.

A festa à noite foi realmente linda, depois de coberto o quarup por varas de talo de palmeira e acesos os fogos debaixo desse dossel. Os dois pajés, atrás desse

telheiro, continuaram seu canto, que é o melhor na música daqui, as mulheres carpideiras lamentavam seus mortos, e de súbito, de dentro da maloca de Canato, saíram todos os índios daqui (os homens só). Uialapiti, Meinaco, Uaiti, brandindo palmas secas em fogo e correndo. Correm rápido mas em ritmo, batendo forte com o pé direito no chão, todos rubros de urucum e negros de jenipapo, os olhos brilhando dentro das meias-máscaras negras pintadas em volta dos olhos. De vez em quando, dentro da fila, vêm, como sempre aos pares, dois flautistas das imensas flautas de bambu, suas notas cavernosas e tênues mal se ouvindo dentro do berreiro e do sapateado de todos.

Depois uma, duas horas de apenas carpideiras e pajé ou silêncio. Em seguida entram os pajés e capitães camaiurás, sentam-se no meio do terreiro, fumam o cigarro comprido de folha, lamentam os mortos simbolizados no quarup, com um representante uialapiti lamentando quase em contracanto com eles e dando-lhes os tais cigarros. Depois, novamente da maloca de Canato, irrompem os homens Camaiurá na mesma fila de palmas em chamas e pés fazendo estremecer o chão. Rodam como espíritos do mato o quarup brandindo suas tochas – e é difícil explicar como não tocam fogo nas casas inteiramente de palha e fibra de buriti e tronco de árvore. Depois fizeram o mesmo os visitantes Cuicuro e Uaurá. A noite passou-se assim e (dentro do espírito da lenda) Maivotsnim não conseguiu criar a sua tribo. Só o sol da manhã animará os paus do quarup. Aí param as melopeias dos pajés e das carpideiras. É hora das lutas singulares entre os mais fortes de cada tribo.

Os arraia-miúda que dançaram com as tochas de palmeira são os “peixes”, que acorreram à voz de Maivotsnim saindo das águas e dançaram em torno dos quarups frios, que só o sol vivificaria para Maivotsnim.

Magnífico, à luz do fogo dos “peixes”, o cabelo dos índios, redondo como um barrete, grosso e [ilegível] de urucum.

À barra de urucum acrescentam linhas que se encontram no alto da cabeça. Nos intervalos bolinhas vermelhas. Como um verdadeiro barrete de algum

estranho brocado rubro, solidéus de desenho variado. Quando correm [ilegível] esse cabelo empastado de tinta bate como asas entre as orelhas.

24/7/56

É a manhã da luta, e ao contrário do q me disseram os pajés continuam a cantar de vez em quando... Estão chegando os visitantes cuicuro, camaiurá e uaurá. Chegam primeiro as mulheres com vários dos utensílios da tribo. As uaurá entraram com os enormes potes que só a tribo fabrica. Um cuicuro alto, parente de Uranaco, portanto [ilegível].

Quag anumum, cap. Meinaco, baixo, forte, sorridente, é quem mais desafia. Já lutou 3 vezes. Apanhou de Tacumã, Nilo, invicto. Já houve, eu sei lá, meia-dúzia ou mais uma infinidade de lutas. O gde choque Nilo-Sariruí travou-se uma vez logo no início c/ “ligeira vitória” de Nilo. Mas vem outra vez c/ certeza. O pessoal ã esquentar. Breve intervalo. Camaiurá acabou. Agora o Cuicuro Canato derrubou Tuculain (Luiz). Tacumã empatou pela 1ª vez. Quag anumum já lutou acho q 7 vezes. Desafiou todo mundo e embora raramente me pareça ganhar mesmo (encostar costas do outro no chão) é duro como o diabo e também não perde. São de uma bela esportividade. Um acabou de chapar o lombo do outro no chão e, vencedor, levanta o outro pelo braço, porque o derrubou, como se dessa a mão a um irmão menor depois de um treino.

QUAGANAMUM [ilegível] bruto agora. Canato derrotou seu 2º adversário como quem derruba uma cadeira virando-a pela perna. O vencido sai com o urucum das ancas grudado de pó. Quaga de novo. Perdeu. Pudera.

Carumã, velha Camaiurá, tem sido o highlight da festa. Anima os índios, espinafra. O fº dela perdeu uma luta e ela - me diz o Orlando que sob o pretexto de ser o fº + novo que o vencedor e só por isto perdera – arrancou das orelhas dele a pena amarela q tinha em cada uma.

O chefe Camaiurá Tamapu, depois da vitória do fº 1º (irmão do Nilo) sobre um Uaialapiti, foi à velha mãe deste, ajoelhou-se diante dela, que estava

sentada de joelhos abertos, e fez como se trepasse nela. “Deixa eu fazer um lutador em você”, explica Orlando.

Apesar da luta bruta até agora só um lutador sangrou. Antes de ir para o acampamento com o dr. Murilo, dois dos fotógrafos civilizados fizeram questão de fotografar o sangue. Os barretes de urucum depois da luta ficam como que em tiras.

Canato, após duro pega, empatou com Uaurá.

Quagu de novo. Empatou. E (15 min depois) novo empate do mesmo. As lutas agora são numerosas, às vezes 2 ou 3 ao mesmo tempo.

Acho que agora não vai haver mais excitement. Como resumo: os melhores Tacumã (Nilo) e Canato, mas Nilo + campeão ainda pela carreira tremenda que deu de cara em Sarirua. Este não lutou com mais ninguém, triste, segurando a trave dianteira do quarup como um belo bronze de enfeite.

Quaga é o futuro chefe dos Meinaco

Acabada a luta Nilo e o outro Camaiurá vieram ao terreiro sapatear e tocar flauta. Agora fazem o mesmo 2 Uaurá.

O cacique Uaurá tem um espetacular colar de dente de onça.

Atrás dos flautistas, com a mão no ombro de um deles, vai uma mulher bonita de outra tribo, também batendo o pé no ritmo.

Há uma troca geral de presentes, muito na base da comida. Como as excelentes castanhas de pequi, parecidas com as do Pará, menores, com apenas um pouco do gosto enjoativo do pequi em passoca.

4 hs p.m.

Os índios estão depenando os quarups para levá-los ao rio e jogá-los correnteza abaixo.

5 hs

Os quarups estão sendo rolados p. dentro d'água. Creio q os índios não gostariam de queimar ou utilizar de qualquer outra maneira a matéria sobre a qual trabalhou Maivotsinim.

Jacaré quarta-feira 25/7/56

É a tal história do avião. Eu não quis voltar na manhã seguinte ao dia da chegada, como fez o Manzon, pois também era demais. Mas contava com um avião dentro de 24, 48, 72 hs, isto é, domingo ou segunda, digamos. Meu alvo era estar no Rio 3ª feira, ontem, pois dia 28, sábado, preciso impreterivelmente pagar a 3ª prestação da casa ao Camões – e ainda não estou com o dinheiro em caixa, dependendo de Portinho. É o diabo. O deputado Germinal Feijó me prometeu a mim e ao Baumgarten que o + tardar 3ª feira estaria no Cap. Vasconcelos um avião, a escolher entre 3: o Beech q nos trouxe, do gov. de SP, um Bonanza da Sec. de Agricultura, e um 3º sei lá o que, dos Associados. Pois não mandou nenhum. Em desespero de causa filei até aqui o Jacaré – q é Base da FAB – o Beach monomotor que trouxe + gente dos Associados e que voltará hoje rumo ao Rio. Do Cap. Vasc aqui é coisa de 10 min de avião. Assim, se o meu viesse (vier) de SP o Orlando o manda cá. Ao mesmo tempo, aqui é pouco dos Douglas do CAN. Mas peso é peso mesmo. O Douglas chegou aqui às 10 hs da manhã, uma hora depois de nós, e normalmente estaria aqui por volta das 2 p.m. para pernoitar em Aragarças, e seguir cedo, amanhã, para Goiânia, de onde eu podia ir para o Rio amanhã mesmo. Mas teve de fazer uma “extra:” para Santarém e só estará aqui amanhã de tarde. Um dia liquidado pois já são 4:30 p.m. e nada do avião vindo do Cap. Vasc. Há uma leve esperança de q um Lodestar q entrou em

contato rádio conosco aterrisse aqui mais tarde e siga amanhã cedo para Aragarças e Goiânia. C'est tout pour le moment. God damn the whole thing.

A FAB está fazendo um bom serviço aqui no Jacaré. O posto está à beira de um lindo lago, que se comunica com o Culuene, e onde o empreiteiro Wanderley, que faz obras para a FAB, caça tracajá com arpão de tridente de ferro. Está quase na estação do tracajá botar os ovos e enterrá-los na areia das praias.

Acaba de passar, sem dar a menor bola, o Lodestar. Foi para o Cachimbo. Se parar aqui é amanhã e se passar e sair há de ser depois do almoço. Rio, amanhã, nuncaras. Espero que Jean se lembre da data e entre em contato com Portinho ou que [ilegível] a faça lembrar ou que algo de sorte aconteça.

Pena que eu não tenha dado jeito de ir ao tão falado Morená, ponto de confluências do Culuene, do Ronuro e Batovi, os 3 formadores do Xingu. Parece que água ferve de peixe. Pacus, tucumarés, matrinchãs, piranhas, pias e pirararas que chegam a 1m80 de comprimento.

Tenho pensado muito em voltar aqui dentro de 7 ou 10 anos com Paulinho. Deve ser uma delícia ser um rapazola espalhado entre esses índios e esses rios, com material de pesca e uma espingardinha, exercitando a fibra e adquirindo esse senso de amplitude, de vida “nature”, genuína. Eu teria adorado isto aqui nos meus 15 anos, longe daquela molecada [ilegível] da Praia das Flechas, anõezinhos namoradeiros e safados por educação. Aqui é como no mar: o esforço de cada um por sua sobrevivência é tão necessário que os homens viram gentlemen, adquirem a cortesia e a paciência superior dos que vivem das mãos e do espírito igualmente.

Bordo Lodestar da FAB, 8:30 pm
26/7/56

Vamos caminho de Aragarças e Goiânia, talvez SP. De qualquer forma, se chegarmos a Goiânia como é provável cedo à tarde, devo arranjar avião comercial para o Rio.

Hoje de manhã, para cúmulo, baixou lá no Jacaré um Beach Bonanza. Não era nenhum dos aviões que me viessem buscar ou ao Alexandre, mas de um americano, Marshall, que anda filmando por aqui e trazia ninguém menos que Gutierrez Fabre y esposa, os maiores filões, pedintes, cara-duras e arrogantes que já me foi dado contemplar. Depois, o avião voltou do Cap Vasc trazendo Jorge Ferreira, Ballot e o dr Murilo. Cá estamos no Lodestar q parou em Jacaré vindo do Cachimbo.

É bem verdade q aqui no mato qualidades e defeitos ficam debaixo de tremendas lentes de aumento. Mas acho que não exagero ao dizer que nunca vi um tipo tão de “vilão” como o Señor Gutierrez Fabre. Havia lá um outro uruguaio, um pintor, De Michelli, q é boa praça, velhusco, amável, contente com tudo. Mas Gutierrez, e em parte também a sra., nunca vi coisa igual. Marin e Jorge quase acabaram aos tapas com ele. Nada lhe basta, nada lhe é suficientemente bom. Fila tudo de todo mundo, com calma e insolência, depois se esconde e vai comer os víveres q esconde. É cabra bem apessoado, cara boa de nariz liso], olhos azuis, cabelo castanho claro, compleição boa. Mas fede de vilania. Quer conseguir aquilo q os índios + prezam em troca de porcarias e acabou por pedir a Orlando os facões e colares do Posto, estoque do SPI, para ele, Gutierrez, fazer seu comércio! Apesar da sua paciência de encabular Job, Orlando não só [ilegível] como ainda – o q mt me espantou – tirou das mãos dos dois um colar de concha de criança e o repôs no pescoço do indiozinho. E qualquer gesto assim é uma positiva violência q Orlando se faz. Ontem de noite no Cap Vasc houve outro incidente. Qdo se combinava com Marshall a trazida a Jacaré do pessoal, Gutierrez pediu para vir na 2ª viagem porque não gostaria de se levantar tan temprano. O Jorge F de dedo em riste disse que ele vinha era nesse mesmo. Ao que ele retrucou: de acuerdo. Mas eu vi – em incidentes c/ Jorge e Marin no Cap – q poltrão o Guti não parece ser. Das duas vezes, pelo menos na discussão, ele aguentou firme e afinal de contas deve sentir que lhe somos – agora e por culpa sua – hostis. Há positivamente qualquer coisa de Areopagita qdo diz que se o Mal é uma imperfeição do Bem, é o Bem q deu bicho. O Guti deve positivamente ter uma falha mental para não ceder à maior tentação: a de ser gostado. Acho q Pascal é q disse isso, sim, foi, e tem razão. Todo mundo quer ser gostado. Q é q faz o Guti aqui como se quisesse

o oposto? O curioso é que sua graciosa mulher, morena magra e de olhos verdes, dá-lhe braço forte em tudo, embora fique mto + dada e interessante sem ele.

4 hs p.m.

O Lodestar nos deixou em Goiânia e ia deixar-nos em SP. Mas recebeu um rádio mandando-o de volta aio Cachimbo. Se tivesse recebido o rádio em Aragarças provavelmente eu estaria ainda por lá. Assim, pude comprar passagem para o Rio no Loide Aéreo. Estamos perto a B. Horizonte, daí vamos ao Rio, onde estarei por volta das 7. Viajei no Lodestar das 8:30 às 12:30 com as paradas em Xavantina e Aragarças.

Que mina de tipos e situações é este Brasil selvagem do Planalto. Sempre me parece que tomei poucas notas para futuras referências, que fiz poucos esboços dos tipos que encontrei. A dureza da vida desnuda as pessoas e transforma quase todo mundo num “tipo”. As 2 antropologistas Iolanda e Angelina; a pobre alemã Herta, que mal vi; os 2 missionários Bill e parece que Edward, ambos mas principalmente este último prontos a pregar a quem chegasse perto e fundamentar tudo q diziam na Bíblia; o alegre De Michelli e o torvo casal de vilões uruguaio; o tranquilo dinamarquês Jorgen Bitsch, que nunca se disse antropólogo e que em verdade é um cinegrafista dos bons; Jorge Ferreira, alto, espadaúdo, cara forte de mateiro; o Wanderley louro e simpático, bem louro e com uma mulher miúda, engraçadinha e bem cabocla de Aragarças, e ainda outras pessoas bem recortadas contra o fundo da floresta. Last but not least houve Alexandre von Baumgarten, q Chateaubriand encarregou de me acompanhar e q o fez com perfeição quase de valet. É um rapaz fino, educado, repórter do Diário de SP, e sua principal característica parece ser o desinteresse total por tudo que vimos e vivemos... Por um certo dever que se impôs de me acompanhar olhou vagamente os índios ao chegar (e nunca os havia visto) mas não pôs mais os olhos no quarup e nem sequer foi ver a luta, a huka-huka! Me acompanhou fielmente ao Jacaré (aliás Xingu, agora, pra diferenciar de Jacaré-Acanga, de velosa memória) e foi comigo de uma gentileza perfeita e unobtrusive. Esse Chatô tem cada uma.

Quanto a mim, acho que minha iniciação foi tão dura no Posto Culuene do Aires Câmara Cunha que tudo desde então no mato tem me parecido agradavelmente melhor do que eu esperava. Creio que estou apto a suportar de bom grado as agruras que vierem, aqui nestas paragens. O desprezo pelo próprio conforto que dão tantos homens aqui, principalmente o Orlando, é uma escola permanente. “Être un dur” aqui é quase que a regra.

Para reportagem Quarup

Quadro negrito: “Vantagem turística” do Parque Indígena do Xingu. Não para que se vá lá olhar o índio como se fosse um animal, mas para facilitar ao “civilizado” a vista de seu antepassado (e no entanto contemporâneo) homem da pedra lascada. Só no Brasil se pode levantar voo em Rio ou SP e chegar a uma coisa como o Posto Cap Vasconcelos.

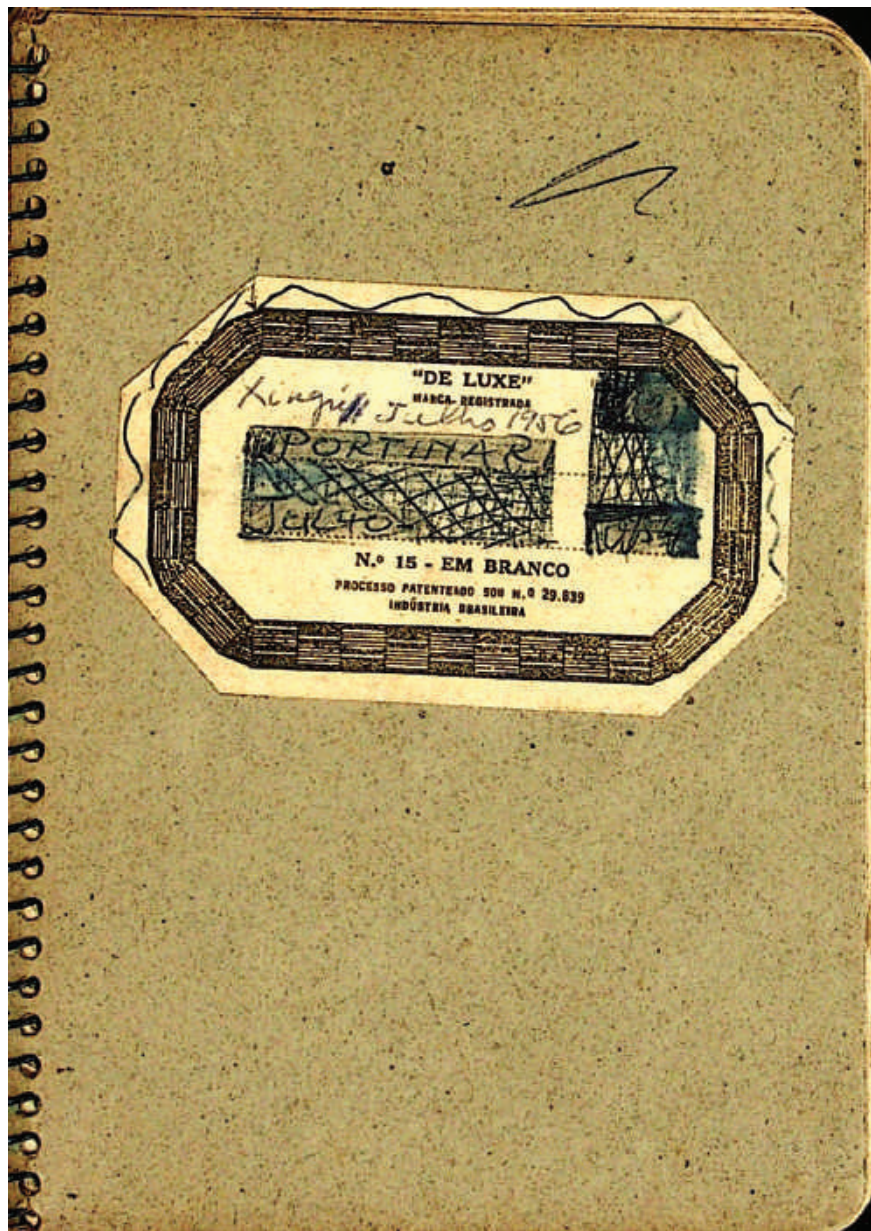
I: Canato convida Camaiurá. Descrever nossa ida com ele e Fofinho (créditos Chateaubriand). II: Chegada de Cuicuro e Uaurá com suas panelas. III: Significado do “Quarup”. IV: Hooka-hooka. V: Vamos deixar tudo isso desaparecer e lotear o Planalto como um Jardim Suburbano quando em volta de Goiás e o próprio Sertão Carioca estão por explorar?

Por que fazemos do majestoso Planalto Central uma espécie de mesquinho subúrbio, por que retalhá-lo em lotes para colonos quando nem o E. do Rio (nem o Sertão Carioca!) foram de todo aproveitados? Por que não marcamos enquanto é tempo os limites do Parque Indígena do Xingu onde os índios dóceis alegres e sadios da zona xinguana poderão viver em paz e liberdade? Os milhares de contos que o E. de Mato Grosso perder por não vender a especuladores-piranhas aquela herança esplendida de todo um povo lhe serão restituídos em dobro no dia em que os turistas refluírem a Cuiabá e Xavantina para ver esta coisa única no mundo: antepassados contemporâneos, homens da pedra lascada a cinco horas de avião da Capital Federal do Brasil... Se realizarmos o projeto do Parque Indígena nos moldes em que o idealizaram os irmãos VB não teremos feito algum miserável jardim zoológico de índios. Teremos fixado num canto do Brasil um

momento da aurora do mundo. Em termos crus de dinheiro o Parque Indígena do Xingu, sob os cuidados do SPI, valerá milhões de dólares anuais. O índio deixará de ser mesmo o leve fardo que é agora para o contribuinte (custa uns 10 mil contos). Ainda colaborará para dar divisas ao país. Cuide o presidente da República do Parque Indígena do Xingu e estará ligando seu governo não a uma obrinha que tem a fama de um dia de publicidade. Estará enxertando o seu nome em algo de nobre, de telúrico, de autêntico.

6.2

Fac-símile do diário de viagem de Callado



Mulheres do Canto:
Prepuru e Cuiaú,
irmãs do camairuá
Itacumã (Nilo), filho
do pai Camairucé
e mãe Suia

|| Suia - o beicola

Em 1954 epidemia de
|| varicela matou 114 índios

Moitará = mercado

jacui = planta (15, palcos)

pintura = 17, pilvões

Roda do fumantes (para quares)

Jacui e curra

paria - simbaxador

77

dena there Perovine

"Tento Carolina"

Asia Trop. Malacia

Uranaco, peius de Eucato,
ultimus Caputis Uralapiti,
o. p. m. m. de Quasup

10 m. de c. v. d. Cap. V.
concelos as Taceri

25. de m. t. de p. p. a
Xarantina

Mareña, ponto de confluência
to 3 formadores de Xicagu, Lu-
luene, Romuro, Batovi

Culene, Diamantina, Ca-
chimbo, Jacaré, posto
de FBC.

Piper de 2 lugares

Quando houve eclipse
do sol em maio 1948 os índios
lá estavam olhando infle-
mados para reaceendi-lo.
Posto do SP/ e Fundação
de 500 em 500 km

19/7/56

São 2 h da tarde e vamos
desolar para S.P. De lá, com
chateauvriand e Jamo qui-
lros vou ao xingu assistir à
concentração indígena do
"Quarup". Vou ver se ainda
hoje entreguei a Sabato Magaldi
um exemplar de "Pedro
Mico". Há pouco de aeronautas
meu avião é o único a voar
pelos meus afora à tarde,
para S.P. Parece que às 21
hs há o 2º.

20/7/56

Tusculino, que no princípio vinha
ao xingu ver o "Quarup" (eu, por
intermédio do Alvaro, fui quem o
convenceu, em nome do Orlando Vides
Bran.) desistiu, com os adiantos.

2
 pois embarcou para o Panamá.
 Tanis Quadros desistiu por causa
 da séria ameaça de greve geral
 em S.P.; Chateaubriand desistiu,
 provavelmente devido às duas
 desistências anteriores e toda a
 buxa-sacaria do Rio e S.P. desis-
 tiram. [Todo o grupo que
 veio está aqui comigo, no Beech-
 craft do gov. de S.P. Apesar de
 ter o avião apenas 5 poltronas,
 somos 6 a bordo, além dos dois
 maiores da FAB que o comandam
 e pilotam. Os seis passageiros
 somos eu, Jean Mouzon, o deputado
 do Rio e S.P. Alexandre Baum-
 garten, o cinegrafista de Mouzon
 Ant. Estevão, o presidente da
 Assembleia Legislativa e o
 deputado estadual Fernando Teijo.

3
 O arão está um pouco mais
 demoradas, com o pensamento demoradas
 e a bagagem do Harzou, mas
 já desceiros sem acidentes
 em Jorânia onde almoçamos (le-
 vamos 3hs 45 de SP a Jorânia)
 e vamos a canchão de Xavante
 tina, de onde iremos a Posto
 Capitã Vasconcellos, à beira
 do Tuatuari, afluente do Cubicou,
 afluente do Xingú. Foi onde estí-
 ve com Nery e os america-
 nos em maio de 54. Vamos le-
 var ~~ceras de 1h 45~~ ali Xa-
 vanteira e outros pontos mais
 de 1 hora para Cap. Vasconcellos.
 As Vilas construídas em o atual
 acampamento de Cap. Vasconcellos
 têm à beira do Tuatuari o o Dep.
 Terço, q. lá está há pouco tempo,
 diz q. as instalações são ruins.

2 hs para Xavantina.

Estamos descendo em xavan-
tina e são quase 2 hs p.m.
(Saímos de SP às 7.30 a.m.)

Porto Cap. Vasconcelos 20/7/56
São 10 da manhã e o Beech-
craft está apurando o motor
no porto lá longe. Eu não
pensei que fosse de volta tão
rápido (pa. levar o semio a Bo-
tucatu amanhã) e fiquei inde-
ciso entre repassar também
agora e ficar aqui à espera
de um avião de problemas
que o dep. Terminal promete
mandar de SP. É o que me pa-
rece reliable mas nunca se
sabe, com essa história de
aviões. Pode-se arriscar umas
duas horas de barco com motor
de popa para pegar o avião
do CAN em Xavantina, mas se o
piloto for rápido a gente se
arrisca a perder a viagem.

5] porque o Regulamento
proíbe transporte de passageiros
sem ordem pa. tanto do Rio.
Parece que um CAN em pape-
ros deve aqui ao Porto 2º
feira mas não se sabe
se terá lugar. O ~~meu~~ Blech
acabou de decolar e eu
pensei na catástrofe e virose
extase que teria se ele caísse
ao decolar. E me escreveria
aquí caí o avião! interrompo por
gramaticamente estas coisas
e corrija por fora entre
índios. [Orlando está aqui de fora
que o tal CAN chegou bem
bri e sai top, o que me
deixa no mesmo. [Deu-te um to
eu ficar. O Porto está muito.
+ confortável... e bem menos
interessante. Agora tem até
caixa de descarga na casinha

da forma simpática e chueira.
Mas o transporte do acampe-
mento para a feira do Rio
tirou muito do caráter idílico
do Tualuari. Para começo de
conversa houve uma derru-
bada de árvores para
fazer o ótimo acampamento
de fora e ficou tudo muito.
+ descampado. Curioso é
desamor pela árvore que ficou
no campo da frente. O velho
porto foi vendido pelos índios
e cada um mora em
casas menos típicas (mesmo
as que fazem agora já
tem teto de 2 águas em
vez de forma cônica
abaulada) e mais cheias
de panelas de alumínio,
bacias, facões, etc. Feliz-

mente Auaco, apesar de
casade, ainda continua
muito linda. Manzon
tirou boas fotos della
a meu pedido. O nome
do rapaz que ele tirou
em varias fotos e o arco
é PILACUI. [Há todq uma
Nação Unidas aqui. Dois an-
tropolos, um di-
nheiro e um urupucio,
este com mulher, duas antropo-
logas brasileiras, o francês
Ballot e "O Chiquito" e 2 mis-
sionários americanos. Tudo
para o Quacup. O Quacup
atueza e continua atueza.
Nã tem esperanças de vê-
lo. Este atueza pela própria
falta de ideia de ~~trava~~

tempo os indios e por causa
dos preparativos. É preciso
fazer uma hecatombe de
peixes para os hóspedes e
si outen, parece, eles con-
firam uma pesca de le-
gão algo milagrosa. Todas
as casas estão cheias de
peixes grandes arisando no
mopuem, ~~fato~~ que é um
firan de varas a uns 70
cm do solo. O fogo em
baixo mopueia os peixes.
Estes não fadecem. É um
trabalho limpo. Com fuma-
e um pitado de sal
creio que como uma lasea
este peixe que fica bem
melado por fora e tem a
parte branca. Canato

fez na sua maloca um
 cilindro de ~~folha~~ ~~grande~~
 vara e fibra de buriti
 de bem mais 2 m e tanto
 de altura e a largura
 de um barril. Este
 cheio de beijo por a festa.
~~Elas foram, mas em~~ ^{Em} pedaços
 de beijo de tamanho de
 uma patia de pão de
 forma eles põem paixe
 amassado. A coisa tem um
 ar apetitoso e lembra
 um quitute baiano chama-
 do "memapo", e me informa
 o Torpe Ferreira p. perfumou
 a um iadio. [O iadio COMBRA,
 tribo Auiti foi quem manzon

fotógrafo e a mulher e a
 planta de canudo de mamã,
 na rede, etc. [Então de
 vover ~~at~~ alguma coisa com
 o q. foram de volta em Beech
 eu estava quase infeliz por
 ficar aqui. Agora estou melhor
 pelo seu definitivamente
 satisfeito de ficar.

5.30 pm
 Faltaram 2 estrangeiros à
 lista. O alemão fotógrafo de
 SPI, parece q. Feldman é
 o nome

22/71 1.6 h
Adriano Camarinha. Canato
 e Topinho acabam de
 chegar aqui como parias
 ou missionários ou em -

feiradores. A 1 km + m
- da aldeia, que fica
à beira do rio, havia
dois grupos de casas.
Chegaram a porta, à frente
de nós todos, o chefe
Camiré veio receber-nos.
Tinha de cintura até
aos pés um ^{colete} de couro
que traziam ^{uma - o pela mão} ^{uma} ^{uma}
cada um um tamborile
(um deles com uma marca
branca). Agora, dois índios
danzam no terreno diante
dos visitantes, tocando as
enormes flautas (!) de uns
3 m de comprimento. São em

no dele, esta planta, 2
bamboos, um pouco maior
que o outro, grossos, amare-
lados por dentro. Os
2 demarcos entram em
todas as cabanas de madeira
em geral, ficando as
mesas em 5-6 metros
correndo um ritmo tal
de vulto e movimento com-
para o do pé de arte. Tão
na cabeça o belo diadema
de penas, com duas ou 3
longas argêntas amarelas
ou vermelhas no centro.
O chapéu atrás ~~seu~~ seu
feito um longo corno cônico
(chapéu de um - corneição)

afinando pouco para a ponta
de uma grossura $\frac{1}{2}$ só, e
medindo apenas uns
cinco polegadas de diame-
tro, unto do algodão que
é a charneira do diade-
ma até abaixo dos joelhos
do dançarino. Com o me-
mte também de penas
de arara. Para despo-
sitar o feto grapo o caribe
camaiúva usa calça de
brim azul-marinho, com
em bolha, suéter amarelo,
mostarda e guêpi de mi-
litar ~~(tato)~~ Um dos indios
me diz que só a espreta
é arara e as demais
penas são "wucungo".

O cinto de Canato e
Fopinto fica aí. Camai-
uí não leva cinto q^{to}
vai à aldeia Uialapiti,
de Canat. Só paria
traz cinto. [Declaração
do Camaiúva TACUNI, ex^{to}
amarrada nas pernas po-
lheiras de ^{bolha de} algodão e lo-
zelsins de enc. bira. Q^{to}
perpiter o nome dele
dize: "Tacuni, amigo de
ordem Viles Bons". Gra-
cebre as torrozeiras com
palha de buriti o carique
suéter mostarda plantando

ao sol, alguns falando a
canato e Topinho. Os danse-
rinos têm joelheira, perneiras,
tornozeleira, cinto de algodão
tinto e estão todos pintados
de branco vivo, berrante
e bolas pretas, isto no peito-
reis, ~~na~~ nas de fora das
coxas, e nas costas. Canato
e Topinho pintaram-se quase
toda de preto fosco e
uma coroa meia-máscara
preta. O sol está queimando
o terreno da maloca. O
cacique de seeter entrou
em casa e os "paris"
ficaram de perto à maloca.
Até ao p. o malandro do Cano-
to reclamou pois um Camaiti-
rá fez um buraco no chão

perto dele, outro perto do Bispo
 e este enterrando duas pilha-
 ras de arroz. V. sobre
 no chão pa. f. sobre
 brocos a tipizais no
 terreno aberto ao sol inde-
 mente. O preto, da pin-
 tura é Taxáiriri. O
 fundo é taxáiriri. O
 Taxáiriri é taxáiriri.
 A outra cor é a taxáiriri
 Os desenhos superpo-
 tos, quase sempre como
 bolas (um a figura
 nas costas do outro
 mostrando o dedo

na respectiva tinte.



Fui dar um mergulho
no lago do Camaiurá, a
1 km da maloca. Bonito.
Uns 10 mts a Lagoa Rodri-
gi de Freitas, ou talvez mto.
mais, porque vi lá daqui
ela ^{para que} dividida ao meio por
um braço de floresta.

O cacique chama Tamapu.
É pai de Nilo, meu conhecido
do Jacaré e portanto pai

também das duas mulheres
de Canato. A tal "conu-
pia" que eu ~~sabo~~ tentei
descrever é um rabo
de sucuri usado por quem
a mata. Acabo de mani-
nar um. 2º o Sr. J.
pai índio obriga o gar-
ço a se deixar morder p.
sucuri, na cara. ~~O gar-
ço~~
Mas meu informante Tacuri
diz q. matou a sucuri
sem ser mordido nada. Pe-
gou-a e matou cortando-a
p. coucha, [Bonita menina
de uns 9 anos, Cutá-Cutá,

nome de Seriemá em
Camaicuré. A mulher
dela chama Tanumaca-
lô. [O cacique já falou
um pouco diante dos
2 parias e agora ele, o
mulher e Nito depositaram
um feixe de varas verdes,
~~e colocaram~~ uma esteira
com bôje e uma com-
buca. Agora apertam o
Canato carregando as
fóchas e as varas verdes
e começam de manditar.
As fóchas verdes são tapuoca,
Proveia a mandioca, uma

espécie de mingau. Entre assim
e sem foto. Tawacuma,
Camaicuré marib.

Noite, ao pé
do fogo

Em poucas palavras gdo
morreu um jóle capitão
índio o herdeiro, se
quiser e puder (nada
parece obrigatório aqui)
de um Querup. O pai
de Canato morreu há
uns 2 anos e só
agora ele achou que
deve dar um Que-
rup. Foi talvez tão
adiado por causa do
Sarampo que real-

mente frasson aqui
(mator parece que
coisa de 80 Camai-
ará) depois que cá
estive em mai de
54. O Quarup, de
9: tendo tido notícia
um tanto confusa (de
este no diário do
Oberg e provavelmente
melhor do que tudo
no velho Von den
Steinen, que preciso
ler, "Quarup" é
cada um pau que
os índios pintam e
nos quais Mavotsinim,

o Criador, vai soprar
vida. Eles fazem
um no par de Que-
rupps (creio que 8) por
há sempre homem e
mulher. [Pizzen-
outem e foi duas pásas de
bomba, contra a lei e
os princípios do Orkento
em geral - mas era
preciso ajudar o Quarup
do Canato. Na de outem,
bem aqui na berrancia
do rio possuem vários
piranhas (!) pequenas: um
amarelo, feixinho, d'água
de aquário, de barriga
amarela e avermelhada.

Parece q. guardam
 esses. cores q. do crescem.
 Esses pi rombos tinham
 pontos + de um palmo
 de comprimento mas
 já tinham sem dentes.
 Diz o. que aqui só
 tem baby-piscinha
 porque as fêmeas do-
 baram um rio porque
 nos como o Tuatua
 mas q. q. do crescem
 vão pr. rio fde. Hoje
 navegamos ~~a motor~~
 num barco a motor
 e num barco a vela
 cerca de 1 km. rio
 abaixo, Atirada a

bomba feita pelo Ballot,
 e enfiada numa
 banana verde, enrolada
 em umito fofoal
 atado a barbaente
 e com um palmo
 de pavi. acende-se
 o bruto. Iva se le-
 vanta muita água,
 mas depois do estouro
 rês ha como uma
 convulsão na água
 que empina o dorso
 e explode em bolhas.
 O peixe fica + estu-
 teado. do q. Povo

morrem. A gente tem
q. saltar na água
e ir buscar o pei-
xe - as ugs bem vivo.
Meu recorde não foi
muito para p. se diga!
um pouco. Mas o total
de comas foram 15
e eram vários a
saltar.

23/7/56 (Manhã)
Canais, Saricua e vari-
outros índios estão agora
fincando no chão os
seus troncos, os quarups, e
estão a cerca de 1m 50 de
bo do solo e se põem a
esculpi-los com facões

de branco. A cerca de um
palmos do topo do quarup
a cerca do tronco e des-
bastada em uns palmos e 1/2.
Fica assim um ped. am-
branco no quarup. (Se
um do índios vi medindo
o desenho assim viado
e uma varinha) A parte
branca assim viada é
envergonhada e a cerca de
arbitrio novo e em re-
gida embranquecida
e o que é provavelmente
tabatinga seca e q. eles
trajem em bolas. Agora, a
varinhas e ponta de alfova

estão pintando esse poste
 acabam de chegar 2 velhos
 com diademas de arara,
 arco e ^{de cabo longo} marca de calças
 pontuadas. Cantam
 uma melodia q. é o que
 já ouvi + perto de uns-
 ca aqui. Cinco indios
 sentados ao pé de um fo-
 queiro estão fumando
~~um~~ ^{um} ~~mesmo~~ ^{longos} ~~ferros~~
 de gochar. São também
 dentro os 2 velhos. "Ho-vi-vi-
 icatô" dizem os 2 cantos
 velhos. De q. canto e
 os demais q. turbam os
 querups saltam uns como
 uiv. de alegria. Oudando

interrompem uma festa
 religiosa para iram em
 grupo pequeno por um
 bordo do rio

230 pm
 Os querups, pintados a
 sombra de árvores estão agora
 no centro da aldeia. Estão
 cobertos de algodão. Treada
 tamente acima e baixo
 da parte pintada foram
 amarrados cintos grossos
 de algodão tingido. Os de acima
 têm diadema de arara
 na frente e penas de pavão
 atrás. Os paus de cima estão
 amarrados atrás (certo um)
 como um longo atado na
 testa. Os de baixo amarram
 na frente do "corpo".

Agora vê-se melhor a representação do quaresimilho abaixo dos pés de cabeça, na parte ainda ~~de~~ coberta de casca, é a cara - uma carinha de tamanho de bola de tênis, desenhada ali. A cinta de algodão não pode se turbante, p. não usamos. São bragadeiras. A parte bem decorada e desenhos abstratos e sem dúvida o peito, abaixo do qual vem a cinta. No chão, diante da "estátua", duas bolinhas de barro são os pés. [É cabal de ver men vellos amigos Apucacaia, que foi de paria envidos os

Crioulos. Estes e os Meicari estão para o sul, do outro lado do Tuatuarari. [Canato] Agora um barbo no mar do terceiro, de cima entrou - nada por entre. Parte de tudo pela morte do pai: Está Santo & Luto, Agora uma velha índia, Aunalo, Tun barbo também, saindo do luto. De pé. Parece q. Canato si sentou para não molhar as polheiras novas, de festa, azul-escuro. [Agora mesmo Apucacaia e S. viruá veio dizer a Osleno: "Acabou o uicu".

acho q. sem Orlando um
brinçava nenhum. Ele
é que nos contadores de
um mínimo de confusão
e a direção a coisa. Or
talvez eles pizessem o que-
rup - mas note Deus q. do
e como, sem os peixes, tem
o poder sem o armen em
q. o Orlando pensa todo o
tempo, ele sabe q. o índio
é um orcho estranho.

O. tem ele me diga q.
o índio é um "independen-
te" e com isto explicava
dois aspectos evidentes da
psicologia do índio: a ~~parte~~
espécie de "timidez" que tem
entre eles e respeito pelo
que "oi na gana de cada

um" (na pesca de brubá pe.
o guarup Orlando centraljava
o peixe todo um barco e
um desembarcadouro pe.
que o índio, mas no subindo
pe. s. era a pesca, há.
fugiram para casa e
o peixe que apanharem;
os chefes não gostam de
mandar; cada um foge
o s. quer) e também
pela insensibilidade
ajetiva do índio. Nas
palavras de Orlando; [esse se
movem agra era a nome
coisa p. eles. Um ou outro,
como Camato ou Sarimui,
poderiam sentir alguma
coisa, durante um dia,

mas era só." E eu achei
q. era mesmo. Eles são
sondentes e indiferentes.

Na cabana de Conato além
do gigantesco tubo cheio
de Tapioca e mandioca
pe. o beijo há piraes
cobertos de peixe tostado,
cuz de farinha e de
piqui. Tipari, mulher
de Conato, foi beijo no
foco, um ~~pele~~ prato re-
molado de loup Vaurá.
[Vem chegando os Curicós
para o Quarup.

7.2 3 m. Melopeia
das velhas: Mei-
mahon - h aspirado.
Uacas Ugranaco,
primus de Conato, foi
o ultimo capite
Uialapiti. É o gale
morte do Quarup. As
melopeias variam pois cada
uma das cabas sentada
a pé do seu Quarup
repetem o nome do morto(?).
Não ouvi ninguém dizer
um nome inútil, com seria
o caso de Ugranaco.

A festa à noite foi realmente
 linda, depois de coberto o
 quarrup por varas de tabo
 de palmeira e aceso
 o fogo ~~atras~~ debaixo
 desse dossel. Os dois pa-
 rões, atrás desse telheiro,
 continuaram seu canto,
 que é o melhor na música
 daqui, as mulheres ~~lamenta~~
 carideiras lamentaram
 o seu morto, e de súbito,
 de dentro da maloca de
 Conato, saíram todos os
 índios daqui (os homens só)
Uialapiti, Minaco, Uaiti,

brandindo palmas secas
 em fogo e corrente. Cor-
 riam rápidos mas em
 ritmos, batendo forte com
 o pé direito no chão, todos
 rubros de urucum e
 negros de jenipapo. Os
 olhos brilhando dentro
 das meias-mascaras negras
 pintadas em preto os
 olhos. De vez em quando,
 dentro da fila, vêm,
 como sempre aos pares,
 dois plantistas das imensas
 plantas de bambu, suas
 ramos cervernosos e temos
 mal se ouvindo dentro

do berreiro e do sapateado de todos. [Depois
uma, duas horas de
apenas carpideiras e
paji ou silêncio. Em
seguida entram os
pajis e capitães Camai-
uri, sentam-se no meio
do terreiro, fumam os
cigarros compridos de
folha, lamentam os
mortos simbolizando
no guarup, com um
representante dialéctico
lamentando em quase
contracanto com eles

e dando-lhes os
tais cigarros. Depois,
novamente se melode
de Camati, ~~seem~~ ir-
rompem os homens
Camaiuri na mesma
fila de palmas em
chamas e pés iguais
estruacer o chão. Podem
como espíritos do mato
o guarup brandido
seus trocos - e é difícil
explicar como não trocam
fogo nas casas inteiramente
de palha e fibra de uruti
e troncos de árvore. Depois
fizeram o mesmo os visitantes

Cucuro e Uaurá. A inte-
 passou-se assim e (dentro
 do espírito de lenda) Maivotsi-
 nim não conseguiu criar a
 sua tribo. Só o sol da manhã
 animará os pais do quirup.
 Há parauas e melpeias dos
 papéis e dos arpidelhas.
 É hora das lutas entre oia-
 fulares entre os mais fortes
 de cada tribo. [Os arcaic-
 nistas que dançaram com os
 trocos de palmeira são os "pi-
 xes", que ocorreram à voz
 de Maivotsinim saindo das
 águas e dançaram em torno
 do quirup frio, e só o sol
 vivificaria para Maivotsinim.
 [Melpeias, a luz de fogo dos
 "pixes", o cabelo dos índios, u-
 bundo como um barrete, grosso
 e de gente de mulher. ~~Em algum~~

~~Índios~~ A barra de urum
 acrescenta ^{uma} linha que
 se encontravam no alto de
 cabeça. Nos intervalos bolinhas
 vermelhas. Como um verdadeiro
 do barrete de algum estranho
 brocado ~~de~~ ^{bolinhas de dentes} rubro. Quando comen-
 tado esse cabelo empastado
 de tinta lute como as as contra
 as orelhas.

24/7/56

É a manhã da luta e as
 contrições os q. me disseram
 os papéis continuam a contar
 de vez em quando... (Está
 chegado os visitantes Cucu-
 curu, Camaiurá e Uaurá,
 chegam primeiro as mulheres,
 com vases de utensílios da
 tribo. Os Uaurá entraram
 com os enormes pots que só

a tribo fabrica. Um cicur
 alto, parente de Uranaes e
~~possu~~ possantes dos Ten.

[Quagnumum, Cap.

Meinac, baixo, forte,
 sorridente, é quem mais
 despi. Já luta 3
 vgs. Hponbon do Ten.
 Tacumã, Nilo, invict.

Já houve, em sei lá
 meia hr. ou mais com
 infiridade de luta.

O sel. chapel Nilo-Sa-
 nimá travou, e uma
 v. hp no rito
 e "l'f'f'f' n'loni"

de Nilo, mas nem uma
 vez v. castiga. O
 pessoal é o seguinte:
~~Uma coisa~~ Mele
 intercal. Caracini
 acabou. Hponbon
 Cicur. Consta
 de Hponbon Tacumã
 (Luiz). Tacumã
 empurrou pela 1.
 vez. Quagnumum
 já luta acho 5 - 7
 vgs. Despi todo o
 mundo e embra

raramente me proço
 genhos meus (e estes
 costas do outro no
 chão) e duro como o
 diabo e também me
 perde. São de um lado
 esportivista. Um
 acabou de chapar
 o lombo do outro no
 chão e, vencedor,
 derantou o outro pelo
 braço por que o deran-
 tou, como se derre a
 mão e um círculo menor,
 depois de um tempo.

QUAGAUAMUM

~~Quagauamum~~ Genhon
 bruto e grá. Comati
 derantou ser 2º abres-
 ou, como quem derruba
 uma cadeira virando-a
 pela perna. O vencedor
 sai e o vencedor das costas
 grando de pé. Quaga
 de novo, Perden. Perde-
 ra. [Carumá, velho
 Comaiuri, tem sido
 o highlight da festa. Ani-
 mo os índios, espíritos.
 O fº dela perder uma
 luta e ele - me diz

O Orelento por sob o pe-
texa de ser o fo + novo
do q. o vencedor e si
por isto perderei - arrai.
com das orelhas dele
a pena amarela q.

tinha em cada uma.
[^{Tamapá} chefe Camarura]

depois ^{de vitória} do
(Libertação de Nilo)
foi a Shre um Uaialapiti
foi a velha mãe deste,
agor (hom. se diante
dele que estava sentada
de olhos abertos e
foi como se tivesse
mela. "Sei em por 1 lutador

em voz", e dizia coisas

Apesar da luta bruta .
ali agra to um lutador
sangron. Antes de ir para
o acampamento com
o dr. Muriti, dois dos
fotógrafos civis
fizeram gestos de foto-
grafar o sangue. Os

barretes de urucu dep.
da luta ficaram em
que em tiras. [Canato
após duro pega, empato
of Uaurá. [Quase
de novo. Empato, E (11
nun depois) um empate
do mesmo. 11 lutas

agora são numerosos, a
 vezes 2 e 3 ao mesmo
 tempo. [acho q. agora não
 vai haver mais nate-
 ment. Como resumo: os
 velhos Tacumã (Nilo)
 e Cnats, mas Nilo +
 Cnats ainda pela
 carreira tremenda que
 deu de cara em Savir-
 niá. Este não luta com
 + ninguém, triste, seguindo
 a trave fronteira do
 guerrup como um belo
 bronze de enfeite. [Quaga
 é o futuro chefe dos Heinees.

[Esta é lida Nilo e
 outros Camaiurá vieram
 ao terreiro capataz e
 logo flanta. A hora foi
 o mesmo 2 Uaurá. [O
 cacique Uaurá tem uma
 espetacular colcha de
 dentes de onça. [Fila
 do flantista, está a um
 no ombro de um dos
 vai uma mulher bonita
 de outra tribo, também
 batendo o pé no ritmo.
 [Há uma trave geral de

• presentes, n^o na base
da comida. como os verdade-
tos costumes de piqui, par-
cidas com as do Pará, mas
res, com apenas um por
do São enjoutado do
piqui em pastosa.

14 h p.m.

Os índios estão preparando
os guarupis para levá-
los ao Rio rio e jogá-los
conventos abaixo

shs

Os guarupis estão sendo
rolados pe. dentro de fuma.
Cris q. a Índios não
sotariam de queimar ou

utilizar de qualquer outra
maneira a madeira
sobre o qual trabalhava
naivotsinim.

Tacari 45 feita 25/7/56

É a tal história do avião. Eu
não quis voltar na manhã se-
guinte ao dia de chegada, com
p^o o Manzon, pois também
era demais. Mas contava com
um avião dentro de 24, 48, 72
hs, isto é, domingo ou 2^a de
janeiro. Meu alvo era ir
ao Rio 3^a feira, ontem, pois
dia 28, sábado, precisava imple-
tivamente pagar a 3^a presta-
ção de casa ao Camões - a
avião não está com o dinheiro
em caixa, dependendo de Portugal.
É o diabo. O deputado Gernival

Feijó me prometeu a união
e ao Baumgarten que o + ten-
der 3ª feira estaria no Cap.
Vasconcelos um avião, a es-
tivar entre 3: o Beech q.
me trouxe, do Gov. do SP, um
Bonanza de Secr. de Agricul-
tura e um 3º sei lá o que,
dos Associados. Pois não han-
da nenhum. Eu desespere-
i causa, falei até aqui
o Jacaré - que é Base da
Fab - o Beech monomotor
que trouxe + gente dos Ass-
ciados e que voltará lige-
rmente ao Rio, do Cap
Vasc aqui é coisa de 10
min de avião. Assim, se o
meu viesse (vier) de SP o Orben
do o manda cá. As mesmas

tempos, aqui é pouco do Douglas
do CAN. Mas isso é pouco mes-
mo. O Douglas chegou aqui
às 10 h da manhã, a hora
depois de nós e normal-
mente estaria aqui por
volta das 2 p.m. para pr-
ovir em reforços e
requer cedo, amanhã, pra
friação, de modo eu poderia
ir pr. o Rio amanhã mes-
mo! Mas tem de fazer uma
"extra" para Santarém e
só está aqui amanhã de
tarde. Um dia liquidado
pois já são 4.30 pm e nota-
re avião vindo do Cap Vasc.
Há uma leve esperança
de q. um avião ^{esperança} ~~destar~~ ^{destar} ~~menor~~

minuto em voltar aqui
dentro de 7 ou 10 anos com
Paulinho. Deve ser uma de-
licia ver um rapagão
espallado entre esses índios
e seus rios, com material
de pesca e uma espiro-
diaba, encifrando a fibra
e adquirindo este senso de
amplitude, de vida "nature",
genuína. Eu teria adorado
isto aqui no meu 15º ano,
doze daquele maldade nome
da Praia das Flechas, anô-
zinhos namoradinhos e sagados
por educação. Aqui é como
no mar: o esforço de cada
um por sua sobrevivência é
tão necessário que os homens
tornam gentileza, adquirem a
cortezia e a paciência superior

dos que vivem das mãos e do
espírito igualmente.

Bordo Lodstar de Feb, 8.30 pm
26/7/56

Vamos caminhar de Arica, cas
e foiaia, talvez SP. e qualquer
forma se chegam a foia-
nia com o possível cedo
à tarde, devo arranjar via-
gem para o Rio. [Hoje
de manhã, para cúmulo, baixou
lá no Tacaré um Beech-
Bonanza. Não era nenhum dos
aviões que me vieram buscar
ou os Alexandre mas de um
americano, Marshall, o. onde
filmando por aqui e que
trazia infelizmente menos que
futurares sobre y esposa, os
maiores filhos, pediatas, caradu-
ros e arrogantes que li me

fori de lá, contemplar. ~~Depois~~
~~o anão voltou~~
~~o anão volta~~ de Cap Vase
 trazendo
~~de passe. vai este todo~~

de José Henrique, Ballot e o
 do Muir. Já estamos, no
 Lobos q. parou em Tacaré
 vindo do Cachimbo.

É bem verdade q. aqui tem
 muita qualidade e defeitos
 ficam abaixo de tremendas
 lentas de aumento. Mas acho
 que não meço as dizer q.
 nunca vi um tipo tão de
 "vilão" como o Sr. Senor Gutier-
 rez Sabre. Háris é um outro
 urupaim, um pouco, de michelli
 q. é bom praça, velho, amá-
 vel, contente de tudo. Mas Gutier-
 rez, é em parte também a sua
 mesma vi coisa igual. Mas

e hoje quase chegaram aos
 tipos com ele. Note esse tipo,
 nada ele é suficientemente
 bom. Fide tudo de todo o
 mundo, com calma e cordem,
 depois se reconse e vai com
 os vícios q. reconse. É ca-
 bra bem representado, cara
 boa, de nariz h. jo, olhos
 quin cabelo castanho claro,
 Complexão boa - mas fede
 de vilania. Quer conseguir
 aqui os índios + peguem em
 traca de provisões e acabou
 por pedir as Olandi os bocas
 e colares do Porto, o que do
 SPI, para ele, Gutierrez, fez
 seu consilio! Depois da sua
 paciência de encabular Job
 Olandi e si venison platy como
 a dita - o q. m. no apantou-

tirou da mãe os 2 um colar
de couro de criança e o
repôs no processo de indolência.
E qualquer gesto assim é
uma positiva violência q. Oden
se faz. ~~je de~~ Oden
de vité, no Cap Vasc bone
outro incidente. q. x. contin-
ua of Marshall a tragide a
Jacaré do pessoal, Gutierrez
pediu por vir no 22 viagem
porque não poderia de se levantar
tan tempo. O Jorge f. de
index em vité sine q. Ele
vita era napule mesmo. As
q. de utreum: de acuerdo.
Mas em vi - no incidentes
of Jorge e Meris no Vasc. 79.
faltra o Gutierrez não posso sr.
Das duas vezes, pelo menos na

discussão, ele apresenta firmeza
e afinal de contas deve sentir
que lhe sou - e fora e
por culpa sua - hostis. He
positivamente qualquer coisa
no Asopapita q. diz q. s
mal e uma imperfeição de
Bem, é o Bem que deu
bicho. O Gutierrez positivamente
ter uma baixa mental por
não ceder à maior tentação:
a de se forçado, acha q.
Pascal é que disse isto, sim,
foi, e tem razão. Toda a vida
quer se forçado. q. é f. 17
o Gutierrez agir como se quisesse o
oposto? O curioso é que sua
graciosa mulher, morena magra
e de olhos verdes, de lhe
bracos forte em tudo, embora.

fique muito + satisfeito e interessado
sem ele.

4 de p.m.

O Lobster da FAB nos
leu a lei forânea e a lei
de S.P. Mas mesmo
um rádio mandando o de
volta ao Cacimbo. Se
tiveres recebido o rádio
em Maguá, se provavel-
mente estaria ainda por
lá. Assim, pode comprar
passagem por o Rio no ^{local de} ~~Século~~. Estamos ^{perto de} ~~de~~
a B. Horizonte daí vamos
ao Rio onde estarei por
volta das 7. Viajei no Lobster
das 8.30 às 12.30 com as
paredes em xarantina e pregi-
cos. [Que minha de tipos e
situação é este Brasil selva-
gem do Planalto. Sempre me

parece que tenho poucas
muitas pe. futura referência
que fiz poucos esboços de
tipos q. encontrei. A
grandeza de vida desuade as
tipos pessoas e transforma
quase todo o mundo num
"tipo". As antropologistas
Jolanda e Angelina; a pobre
alemã Herta, que mal vi; o
missionário Bill e parece
que Edward, ~~isto~~ ambos nos prin-
cipalmente este último pronto
a pregar a quem chegasse
perto e fundamentar tudo
q. diziam na Bíblia; o alfre-
de Michelli e o torvo casal de
vidões uruguaios; o tranquilo di-
namarquis Torgén ~~Bitoch~~ Bitsch
que nunca se disse antropólogo e
que era verdade é um cine-

grafista dos boos; José Ferreira, alto, esportando, com porte de matreiro; o Wanderley Louro e simpático, bem louro com uma mulher miúda, engraçadinha e bela cabocla de Arapongas e ainda outras pessoas bem recortadas contra o fundo de floresta. Last but not least houve Alexandre Von Baumgarten, que Chateaubriand encorajou de me acompanhar e q. o fez com perfeição quase de vallet. É um rapaz fino, educado, repórter do Diário de SP e sua principal característica parece ser a de mais total desinteresse por tudo q. viu e viveu... Por um certo dever que se impôs de me acompanhar além basicamente os índios

ao chegar (e nunca o havia visto) mas não pôs mais os olhos no quariup e nem sequer foi ver a luta, q. ~~hooka-hooka~~ hukka-hukka! Me acompanharam finalmente ao Tacari (aliás Vinça, agora, por diferença de Tacari - Acanga, de velosa memória) e foi o caso de uma gentileza perfeita e unobtrusiva. E ele Chato tem cada uma. Quanto a mim, acho q. minha iniciação foi tão dura no Porto Culene de tempo do Aires Câmara Cunha, q. tudo desde então no meio tem me parecido agradavelmente melhor do que eu esperava. Creio que estou apto e

suportar de bom grado
~~que~~ as agruras que vêm,
 aqui estas paragens. O
 desprazo pelo próprio conforto
 que dão tantos homens aqui,
 principalmente o Orlando,
 é uma escola permanente.
 "Entre um duro" aqui é quase
 que a regra.

Para reportagem Quarup
~~Quarup~~ ^{nosso} "turística"
 o Parque Indígena do
 Xingu. Não para que se
 vá lá olhar o Índio como
 se fosse um animal, mas
 para facilitar ao "civili-
 zado" a vista de seu
 antepassado (e os entendi-
 mentos por aí) homem da
 pedra lascada. Só no Bra-
 sil se pode levantar o
 Rio ou S. P. e chegar
 a uma coisa como o Port
 Cap. Vasconcelos.

I: Canato curiora. Camaitura.
 Descrever nossa ida com ele

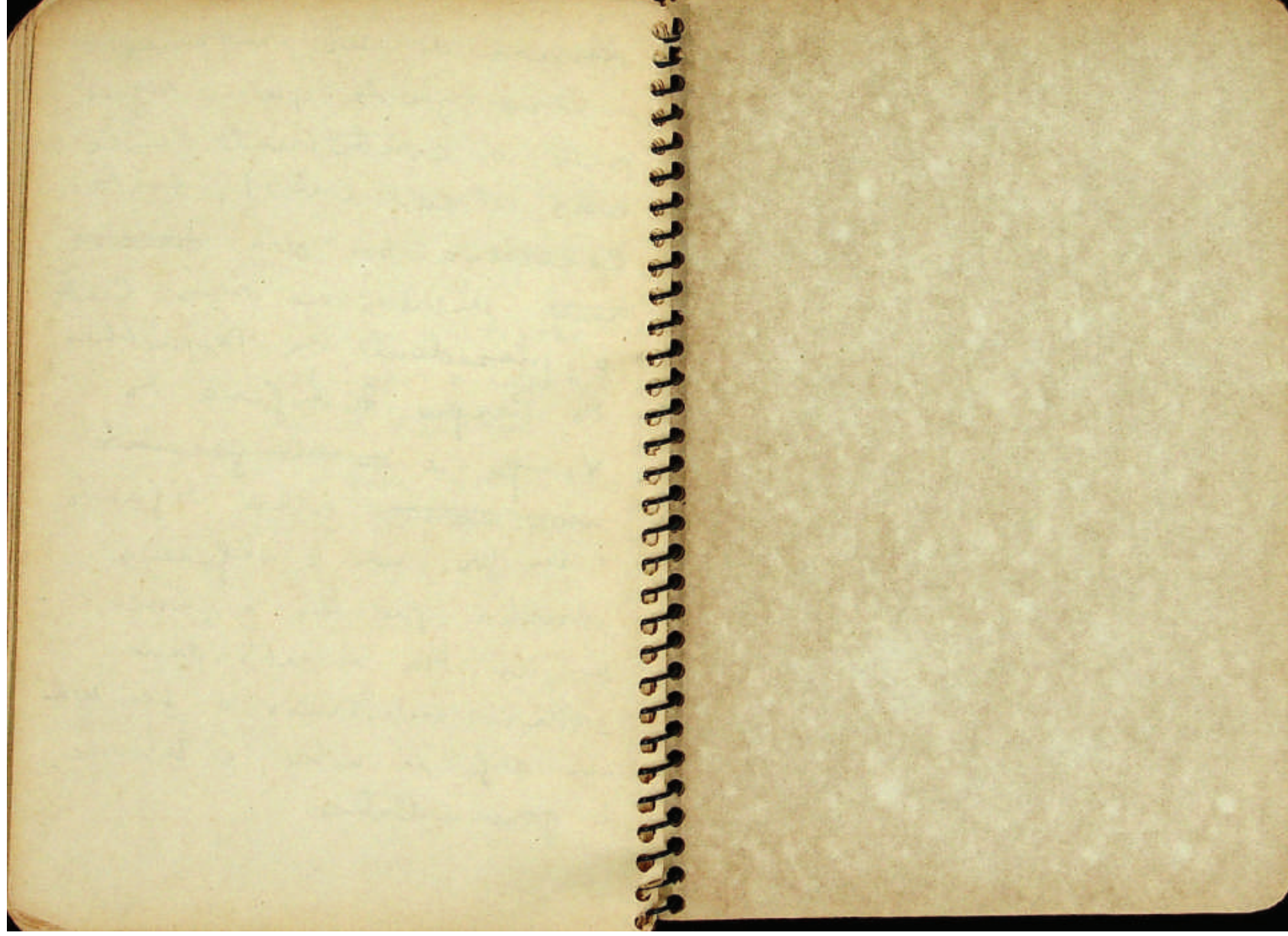
Credits Chateaubriand
e Esfíntico. I II Chegada
de Cuicuro e Uaura, com
suas panelas. III Sifui-
ficado do "Quarup", IV
Hooka - Hooka. V Vauu
deixar tudo isto desaparecer
e lotear o Planalto com
um Jardim Suburbano
gdo em volta de foras
e até o próprio Sertão
Carioca estão por
explorar?

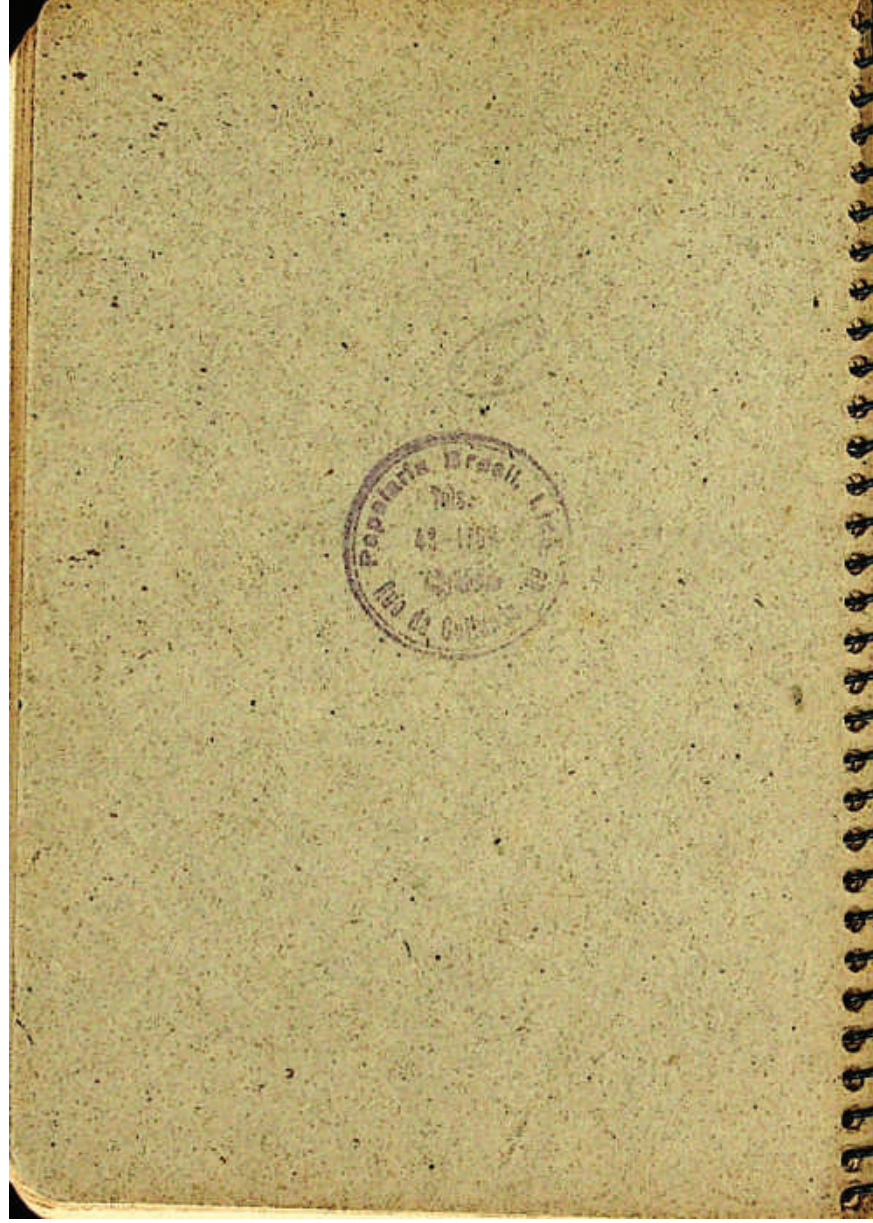
Por que fazemos a maioria
Planalto Central uma espécie
de mesquita suburbia, por que

retalhe-lo em lotes para
colonos quando ainda nem
E. do Rio (nem o Sertão Carioca)
foram de longe aproveitados?
Por que não marcarmos aqui
e tempo os limites do Parque
Indígena do Xingu onde os índios
bóciis, degres e sádios da
Zona xinguana poderão viver
com seus costumes em paz
e liberdade? ^{os} ~~as~~ ~~mulheres~~
~~de contos que custam ao~~
~~país de contos que o E. de~~
~~Mat. furos perder por não vender~~
~~a especuladores - piranhas aquela~~
~~herança esplêndida de todos um~~
~~provo lhe será restituído em~~
~~tôdo no dia em que os turistas~~
~~afluírem a Cuicuro e Xavantim~~

para ver esta coisa única
no mundo: antepassados-
contemporâneos, homens da
pedra lascada a cinco horas
de avião da Capital Federal &
Brasil... Se realizarmos o
projeto do Parque Indígena
nos moldes em que o idealiz-
zaram os irmãos VB não
teremos feito alguma miserável
jardim zoológico de índios:
teremos fixado um canto
do Brasil um momento
da aurora do mundo,
~~do homem~~ Em termos cras de
dinheiro o Parque Indígena
do Xingu, no o arredor do
S.P.L., valerá milhões de
dolares anuais. O índio

deixará de ser mermo
o leve fardo que é agora
para o contribuinte (custa
uns 10 mil contos), ainda
cecebará por dar ~~diabos~~
~~com~~ divisas ao país. Ceder
o presidente da República
do Parque Indígena do
Xingu e ~~em lhe garantindo~~
~~uma coisa~~ estará ligando
o seu gov. não a alguma
obricha que tem a fama
de um dia de publicidade.
estará existando o seu nome
em algo de nobre, de telureo,
de ~~gene~~ autêntico





6.3

Caderno de imagens



Fotos de viagens de Callado ao Xingu nos anos 1950. Data e autoria não identificadas.

Acervo pessoal / Ana Arruda Callado









Callado com Aldous Huxley no Xingu, 1958.

Acervo pessoal / Ana Arruda Callado



Aldous Huxley, Callado e Elizabeth Bishop em Brasília, 1958.

Fonte: *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013.



Callado com o neto, Julio, e o filho, Paulo, durante as filmagens de *Kuarup* no Xingu, 1988.

Acervo pessoal / Ana Arruda Callado



Callado com Kanato Yawalapiti durante as filmagens de *Kuarup* no Xingu, 1988.
Na época, Kanato já havia mudado de nome para Paru.

Acervo pessoal / Ana Arruda Callado

206

SLIPWATERBURY
1111 N. 10th St. 1011
1011 N. 10th St. 1011
1011 N. 10th St. 1011

Tribos do Xingu unidas no "quarup" do cacique Uranaco

WETALÃO YOSHIDA

Após ter assinado 1970, o primeiro contrato com a EMI, o cantor japonês, de 35 anos, chegou ao Brasil em 1971, para fazer uma turnê de 15 dias. Foi acompanhado por sua esposa, a cantora Yoko Ono, e por dois filhos, de 10 e 12 anos. A turnê foi um sucesso, e o cantor foi recebido com muita honra. Em 1972, o cantor assinou um contrato de 10 anos com a EMI, e em 1973, lançou seu primeiro álbum no Brasil, "Wetalaon Yoshida".

[illegible][illegible]

O Instituto Cantareira, da cidade Unodi, tem uma flutuante equipada a receber alunos e pais que estejam estudando em Unodi. São eles de Unodi do "Quadrado" e de Unodi do "Quadrado".

TRANSMISSÕES SUBMARINAS PELA TELEVISÃO DO MUSEU DE CIÊNCIAS

[illegible][illegible][illegible]

"A EDUCAÇÃO EM FACE DA SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL"
Conferência do professor Tamiel Maldonado, em espanhol. Horário: 19h30, no Museu de Arte Moderna do Rio (Rio de Janeiro, 15-4)

OPINIÃO SENSATA
VETO JUSTO AO PROJETO

de uma colônia com Euzébio, responsável pelo planejamento da obra, e pelo engenheiro responsável por ela, o Sr. Gladiador Chaves de Melo — Pateta de pederes ao enfrentando o problema das glândulas retilas privadas e não de direito público — Menino das Juntas, sempre ao ar e colidando a

— O primeiro foi muito bom, de 1930, quando eu estava em Paris, trabalhando em um projeto de construção das locomotivas elétricas, porque foi possível, assim, ir para a Câmara, aos Estados Unidos, para trabalhar no "Rockefeller" — declarou ao Correio da Manhã o veterano Gladiador Clóvis de Melo, aos 43 anos.

de 1970, em situações-límites de emergência, como no conflito entre o Brasil e a Guiné-Bissau, o Brasil não hesitou em enviar tropas para apoiar o governo constitucional da Guiné-Bissau, sob o comando do general João Bernardo Vieira. O Brasil também enviou tropas para apoiar o governo constitucional da Guiné-Bissau, sob o comando do general João Bernardo Vieira.

1980 ano de grande trabalho e realiza-
 ção de muitos sonhos e de uma
 grande e gloriosa.

EM PLENA GUANABARA
TRANSMISSÕES SUBMARINAS

[illegible][illegible][illegible]

me, no dia 10, logo após o almoço, no 40, a sala de aula 4, do curso de Física, para a aula, mais uma vez, de Física Geral. O curso de Física Geral, no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, tem uma história e tradição que não se pode a menos e, portanto, não deve ser interrompido nem por qualquer circunstância. O curso de Física, em especial, tem uma importância fundamental para a formação dos futuros engenheiros de aeronaves e, portanto, para o desenvolvimento da indústria aeronáutica brasileira. O curso de Física, em especial, tem uma importância fundamental para a formação dos futuros engenheiros de aeronaves e, portanto, para o desenvolvimento da indústria aeronáutica brasileira.

TAMBÉM UM PLANETÁRIO
O Museu Histórico da M. L. apresenta, dentro de um planetário de fabricação alemã, temas de produtos e uma exposição ilustrada que servem, em sua, para

INACEITÁVEL

...a montagem, sob a
...da de ar — Como
... — Instrumento de di
... a torção para asfixi
... finalizado

[illegible]

Lê-se no 10.^a página:

acompanhando
O CUSTO DA VIDA

Te rogăm să ne trimiți în
timpul următor al prezentei, un
bulet, care să prezinte
starea de sănătate, progresul și
planul de tratament, pe care
trebuie să-l urmezi în continuare.
Vă mulțumim pentru colaborare și
vă asigurăm că toate informațiile
vor fi păstrate în strictă
confidență.

7 — STANOVICA, a domo-
niamada, vive a paisagem, os
interiores de madeira, mas-
sivos, especialmente, esculpidos
de madeira e ornamentados (como se
foz esculturas) de terra, ma-
deira, pedras. Esculturas, re-
lacionadas de terra, pedras, as-
sim, a, como, pedra.

(Tiragem de 32.544ex)

tano repubb. e altri. TIRRELLI
 di cronache, sono costretti
 costano di più, perché di
 non riprendo, ma, sostengo, in
 tutto ciò, non sono certo che
 questo momento è qui, come
 un grido di dolore, di dolore
 un grido, quando non è
 soltanto, ma sì, perché

[illegible]

A signor, a si, Alina! Intru
marea de oameni argintiu de
perle, Alina a fost o
marea de oameni argintiu de
perle, Alina a fost o
marea de oameni argintiu de
perle, Alina a fost o

(Continúa do 11.º páxina)

OS PLANETAS
1993-1994

AUMENTO DOS ÔNIBUS
*
NO MUNDO POLITICA

ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS

- LOCAÇÕES
- COBRANÇAS
- PAGAMENTOS

Kaic REUNIR ADMINISTRAÇÃO INT. COM. S.A.
Curitiba, 33'46' eod. - 35.1845-84



o defendendo a

2

207

"O CRUZEIRO" MOSTRA, PELA PRIMEIRA VEZ, O RITUAL DOS ÍNDIOS DO BRASIL CENTRAL

Kuarup



REPRESENTANDO fielmente a festa de criação das divindades indígenas, os índios do Xingu lutam, durante as festividades do "Kuarup", o "Yaka-haka", que simboliza a luta dos vivos e dos mortos em homenagem ao Criador. É uma disputa feroz, sem regras fixas. Tudo vai ao campo.

Taxi de JORGE FERREIRA Fotos de HENRI BALLOT

Enquanto lêem esta reportagem Jorge Ferreira e Henri Ballot, declarados por esta revista, permaneceram na região do Xingu, para documentar as tradições e o costume do Kuarup. Mais de quatro mil quilômetros foram percorridos — de avião, de canoa e a pé — para que esta reportagem fosse feita. Sendo a revista a primeira que se emprega, a leitor compreenderá facilmente por que é que O CRUZEIRO lhe entrega este trabalho com entusiasmo: além de ser, instituição de sua importância, de sua beleza e de seu caráter, constitui uma colaboração preciosa à divulgação de costumes e fatos genuínos do Brasil.

Festa bárbara e bela, na qual os vivos festejam a libertação do espírito dos mortos



ALGUNS seus líderes de perfil. Mas, não há promedização nos olhos brancos.

TAKUMÁ, campeão vitorioso do "Yaka-haka", e aqui a sua a força de um jovem.



DA SIVORE E DO SOL NASCE O BOMEN

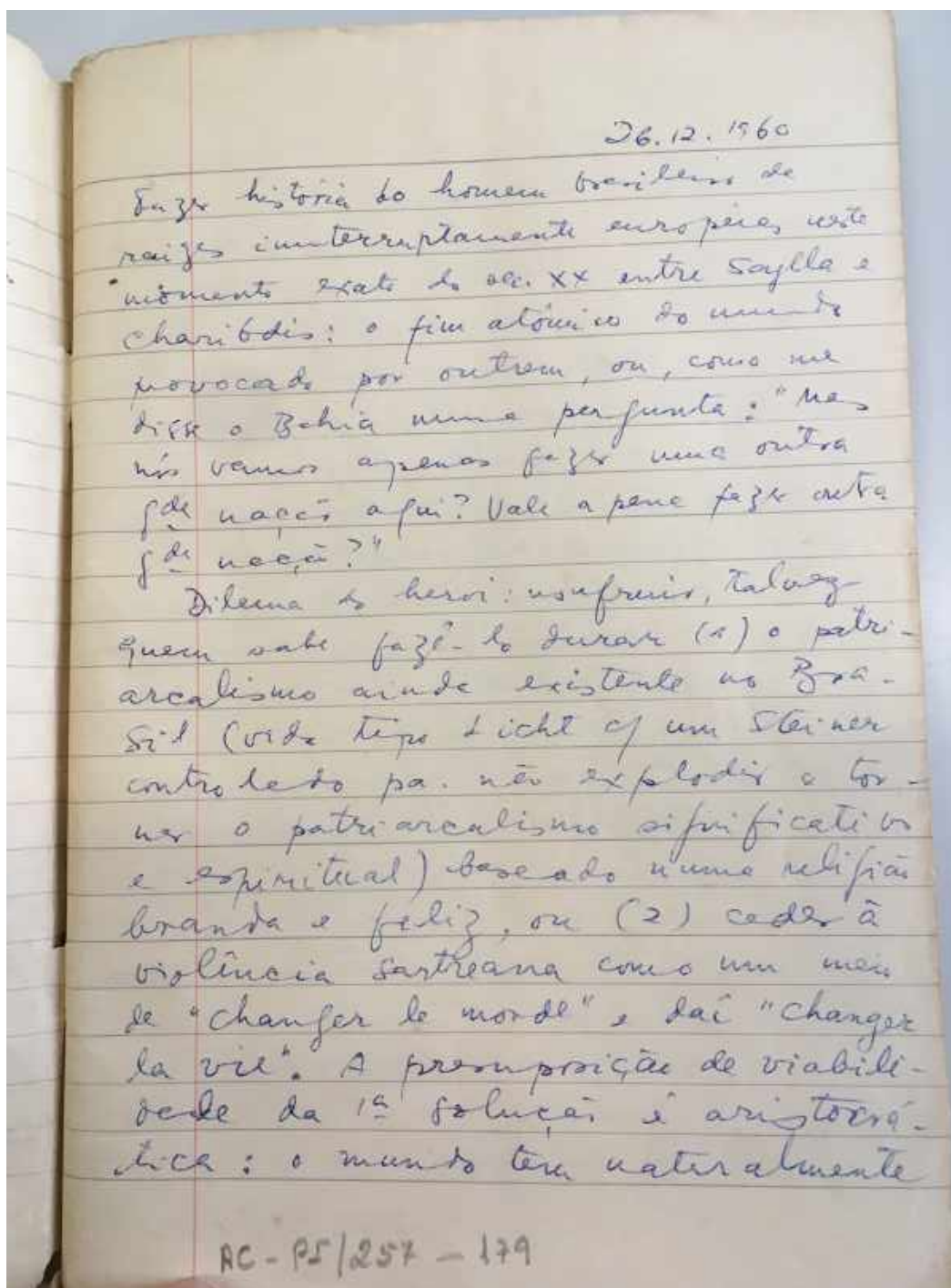
EXISTÊNCIA NA FESTA DOS BOMEN





Reportagem de Jorge Ferreira sobre o quarup de 1956, com fotos de Henri Ballot.

O Cruzeiro, 26.1.1957



Páginas do caderno de rascunhos de *Quarup* que Callado manteve entre 1960 e 1965.

Acervo Antonio Callado / Fundação Casa de Rui Babosa

versão brasileira de Miss Marlowe
e atribuiu a "castidade" de
Sagás, q. era só para apascentar
os forasteiros, etc. Ela é q. a
surpreendida depois por Ramiro
no Tuatuarí, etc.

①

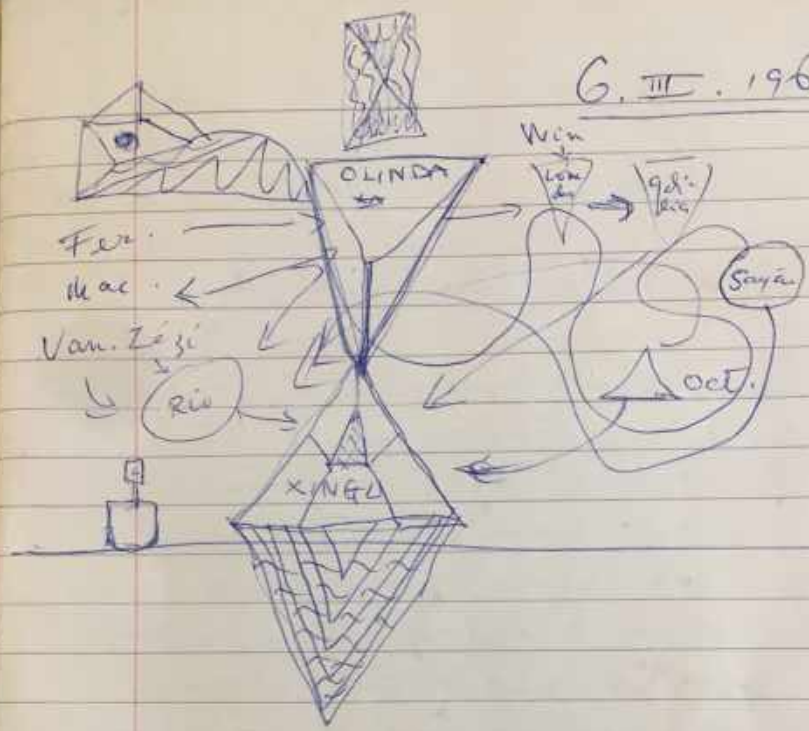
Zezé é criada da mãe de Yandé

Abar, talvez, com P^o, q. sempre
quis ser mestre, dizendo a q.
q. final de cortes ia morrer
na cama. Esta, neste momento
sozinha num posto do SP, de
onde saiu chefe (C. C. C. C. C. C.)
para procurar a exp. p. n.
da de C. do de 1753. P^o
F. defende os índios contra o p.
leiro da zona.

Para limpar q. o P^o foi
muito por índios o que levou
o mto com flecha. P^o F. só
apenas q. foi flecha.

MINI
CA

G. III. 1961



3

AC-95/257- 193

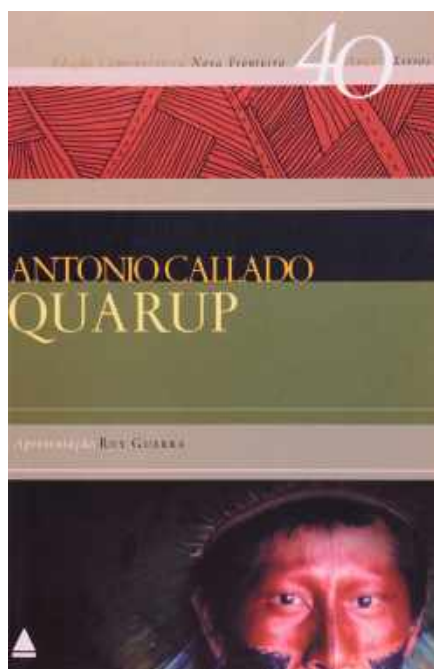
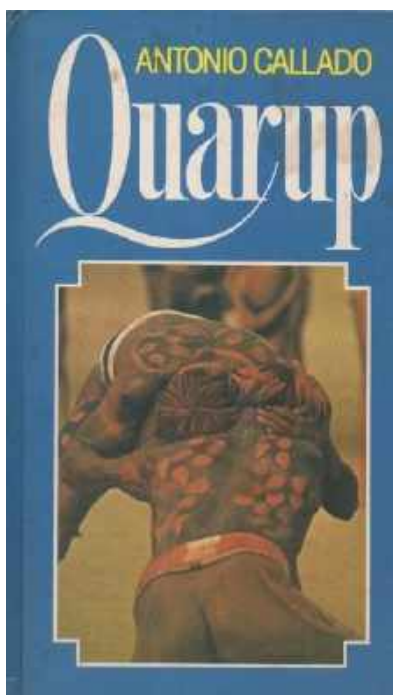
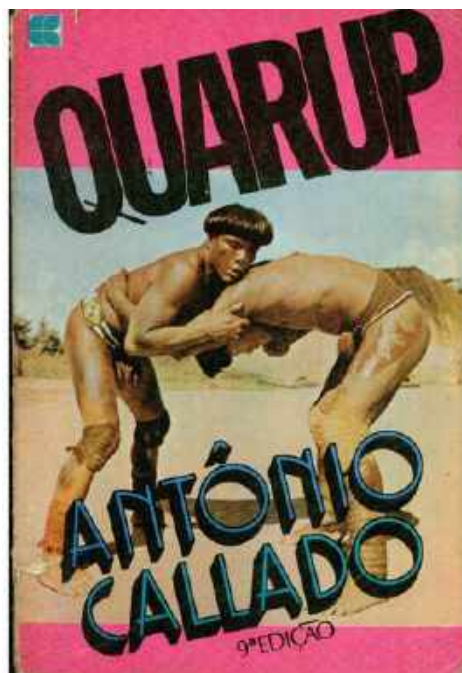
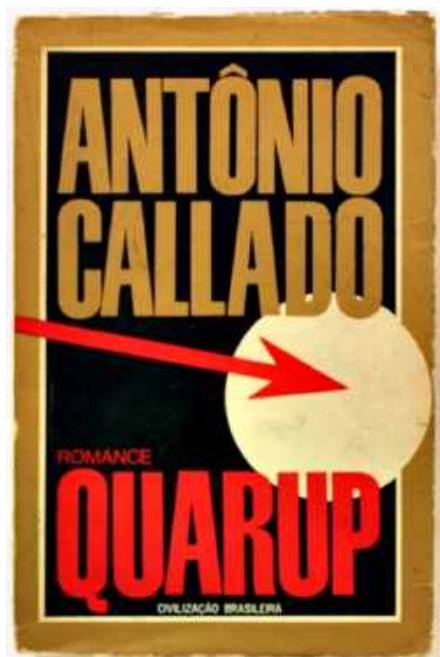
2.11.61

Reescrever no Episódio Soma
a parte de sua fuga: é a do
Quarup.

No fim do livro, isto é, no
cap. de Renúncia de Jânio,
telefonar de Goiânia ou Brasília
informando que Ronaldo Vilar,
ex-diretor da Cel. Agric. de Xingú
tinha recebido a bala o furo
de exército que ia ensinar guerril-
has aos índios violando o tratado
Porcup.

PERONOMINAR

~~Até G.V. Macário, depois de preso
no Rio, etc. vai para o Xingú. Vanda
fica arrumando coisas no Rio. Sônia,
q. está acompanhando a queda dele, vai
na comitiva do ministro esperando tomá-lo
de Vanda. Desiste q. do furo of Rio na
noite do Quarup~~



Capas de edições de *Quarup* lançadas desde 1967.

Orlando Villas Boas

S.Paulo - 29 de Março de 94



CALLADO

E'chover no molhado querer lembrar você
que KUARUP é o reviver da lenda da criação. O que
justifica a sua representação é a morte de um índio
da linhagem de Maivotsinin- o grande herói.

Estava eu lembrando que aqueles - segundo
os índios- que viram e viveram um Kuarup seriam também lem-
brados na hora da desencarnação- embora no nosso caso um
diluvio d'água ainda passará sob a ponte.

Estou frustrado... você saiu da lista já
que passou a imortal ! Quem há que possa "kuarupar" ^{se}
um imortal ? E'claro que Maivotsinin descabelaria ante
o problema. Azar dele. Não tem "que fuma que nada",
lei é lei. Maivotsinin não "capichava niente" da cultu-
ra dos "tapuitsin" (branco mau).

Não vai ser fácil a sua integração ao
chá das 5, principalmente vis a vis ao colega Darcy, que
deve ser o mais falante dos eleitos.

Fiquei contente em saber do reconhe-
cimento dos prezados colegas,

abraço da tribo dos
Villas Boas-

AC-CP/454 - 38

Carta de Orlando Villas Boas para Callado comentando a eleição do amigo para a ABL, em 1994.

Acervo Antonio Callado / Fundação Casa de Rui Barbosa



Tronco usado no quarup do povo Kuikuro em 2021 e encontrado no fundo do rio, perto da aldeia Ipatse, durante minha viagem, em 2022.

Foto: Marina Frúgoli

7. Bibliografia

7.1. Documentos do arquivo de Antonio Callado na FCRB

CALLADO, Antonio. “A Amazônia vista bem de perto”, AC-PI 3.

_____. “A veia do rio Xingu”, AC-PI 68.

_____. Caderno sem título com notas sobre *Quarup*, AC-PI 257

_____. “Viagem ao Capitão Vasconcelos, 29/5/54”, AC-PI 138.

_____. “Xingu, julho 1956”, AC-PI 140A.

CALLADO, Paulo. Carta a Antonio Callado, AC-CF 2.

VILLAS BÔAS, Orlando. Cartas a Antonio Callado, AC-CP 454.

7.2. Livros, crônicas e reportagens de Antonio Callado

CALLADO, Antonio. “A doce república do Tuatuari”. In: VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14.

_____. *A expedição Montaigne*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. “A extinção da tribo dos Villas Bôas”, *Opinião*, Rio de Janeiro, 12.2.1973, p. 4

_____. “Aldous Huxley era uma sábio à moda antiga”, *Folha de S.Paulo*, 25.7.1994, Ilustrada, p. 1.

_____. “As três viagens dos escritores latino-americanos”. In: *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 53-78.

_____. *Callado repórter: Tempo de Arraes e Vietnã do Norte*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Crônicas de fim do milênio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

_____. “Depoimento do escritor Antonio Callado”. Revista *Manuscrita*, n. 13, jan. 2005, pp. 10-42.

_____. “Destruição da natureza: ações e omissões”, *Argumento*, Rio de Janeiro, out. 1973, pp. 104-106.

_____. *Entre o deus e a vasilha: ensaio sobre a reforma agrária brasileira, a qual nunca foi feita*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. “Frankel”. In: *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 143-216.

_____. *O país que não teve infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. “Os dois itinerários do coronel Fawcett”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3.2.1952, pgs 1 e 8.

_____. *Quarup*. 1ª ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Reflexos do baile*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. “Um sábio entre os bugres”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21.8.1956, pgs. 1 e 4.

_____. “Um velório no Tuatuari: tribos do Xingu unidas no ‘quarup’ do cacique Uranaco”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29.7.1956, pgs. 1 e 10.

7.3. Bibliografia geral

ALCIDES, Sergio. “Quarup: a ‘deseducação’ do público”, *Kriterion*, Belo Horizonte, jan. 2021, p. 262.

ARRIGUCCI JR., Davi. “Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente”. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 77-109.

_____. “O baile das trevas e das águas”. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 57-73.

_____. “O sumiço de Fawcett”. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 313-317.

_____. “Pedaço de conversa (Reposta a Antonio Callado)”. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 113-118.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

AUTRAN, Paulo. *Sem comentários*. Cosac Naify: São Paulo, 2005.

“Balaio”, *Correio da Manhã*, 29.1.1970, Segundo Caderno, p. 7

BARROS E SILVA, Fernando. “Na prisão com Glauber e Callado: entrevista com Carlos Heitor Cony”. *Folha de S. Paulo*, 28.7.1996.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance. Vol. II; A obra como vontade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol 1: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras escolhidas. Vol. 2: Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENSE, Max. “O ensaio e sua forma”. Trad. Samuel Titan Jr. In: PIRES, Paulo Roberto (org.) *Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote*. São Paulo: IMS, 2018, pp. 110-124.

BISHOP, Elizabeth. “Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios”. In: *Prosa*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 205-243.

BURGI, Sergio e COSTA, Helouise (org.). *As origens do fotojornalismo no país: um olhar sobre O Cruzeiro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

CALLADO, Ana Arruda. *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013.

CHATEAUBRIAND, Assis. “O Quarup”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5.10.1956, p. 6

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão técnica: José Reginaldo Santos Gonçalves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

_____. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Nova York: HUP, 1997.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Edison José da. *Quarup: tronco e narrativa*. Curitiba: Editora UFPR, 1998.

FAUSTO, Carlos. “Entre o passado e o presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu”. *Revista de Estudos e Pesquisas*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 9-51, dez., 2005.

FERREIRA, Jorge. “Jorge Ferreira, o grande repórter do Xingu” (depoimento). In: *O Xingu dos Villas Bôas*. São Paulo: Agência Estado/Metalivros, 2002, pp. 44-49.

_____. “Kuarup”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26.1.1957, p. 58-71.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago/Ed. Uerj, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FOSTER, Hal. “O artista como etnógrafo”. In: *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2017, p. 159-186.

“Fundação Brasil Central será beneficiada com Parque Rondon”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14.2.1958, p.1.

GOMES, Renato Cordeiro. “Heranças, espectros, resíduos: imaginar a nação em tempos heterogêneos”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÒ, Ettore (Org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014, p. 39-57.

_____. “A nação ao redor: da formação enquanto totalidade a interpretações parciais do Brasil”. In: Revista *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 10, n. 13, 2005, p. 65-75.

GOMES, Renato Cordeiro et al. “Historic displacements in twentieth-century Brazilian literary culture”. In: KADIR, Djelal; VALDÉS, Mario (Org.). *Literary cultures of Latin America: a comparative history*. 1ª ed. Oxford; New York: Oxford University Press, 2004, v. 3, part 4: Literary Culture in the Twentieth Century, p. 473-502.

GOMES, Renato Cordeiro; KADIR, Djelal; CARDOSO, Marília Rothier. “Introduction”. In: KADIR, Djelal; VALDÉS, Mario (Org.). *Literary cultures of Latin America: a comparative history*. 1ª ed. Oxford; New York: Oxford University Press, 2004, v. 3, part 4: Literary culture in the twentieth century, p. 471-472.

GULLAR, Ferreira. “*Quarup* ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente”. Revista *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, set. 1967, pp. 251-258.

“Informe JB”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28.4.1968, p. 10.

JARDIM, Eduardo. *Tudo em volta está deserto: encontros com a literatura e a música em tempos de ditadura*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

KAMBEBA, Márcia Wayra. “Quarup: identidade, espiritualidade e memória no território sagrado” in CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, p. 6-9.

KRENAK, Ailton. “O eterno retorno do encontro”. In: NOVAES, Adauto (org.), *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999, pp. 23-31.

KUIKURO, Yamalui. *Nárru, o dono da palavra*. Manuscrito inédito.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Antonio Callado: literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. “Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado”. In: LAFETÁ, João Luiz, LEITE; Lígia Chiappini Moraes; ZILIO, Carlos. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 129-267.

LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever”, in *Ensaio sobre literatura*. Trad. Gisele Vianna Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp. 43-94.

MENEZES, Maria Lucia Pires. *Parque Indígena do Xingu: a construção de um território estatal*. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

MIRANDA, Carlos Alfredo Macedo. “Antonio Callado: ‘Em Londres, eu tinha fome de Brasil’”. *Manchete*, Rio de Janeiro, 3.11.1973, p. 57.

MOLINA, Diego. *Teatro Duse: o primeiro teatro-laboratório do Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2015.

MORAIS, Fernando, *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MUNDURUKU, Daniel. “Quarup: entre o ser e o talvez” in CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, p. 3-5.

OLIVIERI-GODET, Rita. *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

_____. “O jornalista, cronista e escritor Antonio Callado e a questão dos direitos indígenas no Brasil” in LUSTOSA, Isabel e OLIVIERI-GODET, Rita

(org.). *Imprensa, história e literatura, vol. 3: Jornalista por acaso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e 7 Letras, 2021, p. 123-140.

“Para informar Brian Fawcett”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7.5.1955, p. 6

“Parque Nacional do Xingu preservará população aborígene”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18.4.1961, p.12.

“Parque Rondon, salvação dos índios e da natureza”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13.2.1958, p.1.

PEDROSA, Célia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge e CÂMARA, Mário (org). “Arquivo”. In: *Indiccionario do Contemporâneo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018, p. 15-53.

PIGLIA, Ricardo. “El deslinde entre periodismo y ficción”. In: *Revista Maiz*, Buenos Aires, abril de 2014, p 4-7.

_____. *Escenas de la novela argentina*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2022.

“Quarup: a dança do Brasil de hoje”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1.8.1967, Caderno B, p. 5.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Monica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*. Trad. Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. “O efeito de realidade e a política da ficção”, in *Novos Estudos*. Trad. Carolina Santos. São Paulo, n. 86, mar. 2010, p. 75-80.

RIDENTI, Marcelo. “A guerrilha de Antonio Callado”. In: KUSHNIR, Beatriz (org.) *Perfis cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, pp. 23-53.

_____. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SANTIAGO, Silviano. “Repressão e censura no campo das artes na década de 70”. In: *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 47-55.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Callado no lugar das ideias: Quarup, um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

SOBRINHO, Barbosa Lima. “Entre o Romance e o Jornalismo”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3.9.1967, p. 6.

SODRÉ, Nelson Werneck. “O momento literário”. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, set. 1967, pp. 224-226.

STYCER, Mauricio. “Jornalismo na Lagoa Verde” in: CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010, pp. 135-158.

STYCER, Mauricio e SUZUKI JR., Matinas. “Antonio Callado chega aos 80 e revê obra”. *Folha de S.Paulo*, 26.1.1997, p. 13.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAUSSIG, Michael. *Fieldwork Notebooks*. Kassel: Documenta, 2012.

“Viagem ao Xingu”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20.7.1956, p. 1

VILLAS BÔAS, André (org.). *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

VILLAS BÔAS, Cláudio e Orlando. *A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Xingu: os índios, seus mitos*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1976.